

MOACYR SCLIAIR

UMA AUTOBIOGRAFIA
LITERÁRIA

O texto, ou: a vida



J&PM
EDITORES

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

MOACYR SCLiar

UMA AUTOBIOGRAFIA
LITERÁRIA

O texto, ou: a vida



1

E escrevo há muito tempo. Costumo dizer que se ainda não aprendi não foi por falta de prática. Comecei cedo; minhas recordações de infância estão ligadas a isto: a ouvir e contar histórias. Não só histórias de personagens que me emocionaram, me intrigaram, me encantaram, me assustaram – o Saci-Pererê, o Negrinho do Pastoreio, a Cuca, Hércules, Teseu, os Argonautas, Mickey Mouse, Tarzan, os Macabeus, os piratas, Emília, João Felpudo, Huck Finn –, mas também as histórias que eu ouvia de meus pais, de parentes, dos vizinhos, e aquelas que eu próprio inventava.

Contar e ouvir histórias é fundamental para os seres humanos; parte de nosso genoma, por assim dizer. Sob a forma de mitos, as histórias proporcionavam, e proporcionam, explicações para coisas que parecem, ou podem parecer, misteriosas. De onde veio o mundo? De onde surgiram as criaturas que o habitam? O que acontece com o sol quando ele se põe? Mitos ou histórias proporcionam explicações que, mesmo fantasiosas (ou exatamente por serem fantasiosas), acalmam nossa ansiedade diante da vida e do universo. Os índios Kiowa, dos Estados Unidos, explicam, através de uma narrativa, por que a formiga vermelha tem o corpo praticamente dividido em duas metades. A história é narrada através de diálogos entre o deus Saynday e a Formiga Vermelha, que até então tinha o corpo inteiriço, esférico. Saynday expressa a sua

preocupação em relação à morte, coisa que a Formiga Vermelha, no entanto, menospreza e considera apenas um justo castigo para incompetentes. Dias depois o filho da Formiga Vermelha morre, pisado por um búfalo; desesperada, ela tenta suicidar-se, cortando-se em duas metades com uma faca, mas Saynday não permite. Resultado: a Formiga Vermelha fica com o corpo quase seccionado. Desta maneira, além de prover uma explicação para a característica do inseto, a narrativa envolve uma meditação sobre a morte e o sofrimento. Tão importantes quanto os mitos são os contos populares, aqueles que serviram de base para as histórias de Charles Perrault (1628-1703), dos irmãos Grimm (Jakob: 1785-1863; Wilhelm: 1786-1859), de Hans Christian Andersen (1805-1875).

Como entender a magia dos contos de fadas e as narrativas populares em geral? Vários teóricos estudaram o assunto, à luz de diferentes pontos de vista. Para começar, temos o russo Vladimir Propp (1895-1970), que usou o método estruturalista para identificar os elementos narrativos mais simples dos contos populares russos, os "narratemas". Identificou, assim, 31 narratemas básicos. Por exemplo: 1) o herói é apresentado; 2) o herói recebe uma proibição ("nunca atravesse aquele bosque"); 3) o herói viola a interdição; 4) o herói encontra o vilão; e assim por diante.

Esta, contudo, é uma análise formal. Para entendermos o significado psicológico das histórias temos de ir mais fundo, como fez Bruno Bettelheim (1903-1990). Egresso de campos de concentração, Bettelheim imigrou para os Estados Unidos, onde se tornou professor de psicologia na Universidade de Chicago. Lá criou a chamada Escola Ortogênica, que tratava de crianças mentalmente

perturbadas. O trabalho lhe deu um certo prestígio; sua reputação, contudo, ficou prejudicada quando tornou-se público que as credenciais universitárias de Viena, apresentadas por ele, não existiam e que havia maltratado crianças. Mas seu livro *A psicanálise dos contos de fadas*, que examina esses contos à luz da psicologia freudiana, teve muita repercussão. Bettelheim sustenta que tais narrativas são importantes no desenvolvimento da criança, ajudando-a a entender e, inclusive, a sublimar os seus impulsos agressivos. Já Marie-Louise von Franz (1915-1998) aplicou os princípios da análise junguiana aos contos de fadas. Em *Uma introdução à interpretação dos contos de fadas*, argumenta que tais narrativas são a mais pura e simples expressão do inconsciente coletivo postulado por Carl Jung (1875-1961), partilhado por toda a humanidade e povoado por gigantes, monstros, bruxas, demônios. O historiador contemporâneo Robert Darnton (1939-) diz que os contos de fadas nos ajudam a entender o mundo mental – temores, esperanças – de épocas passadas. Em muitos casos, funcionavam como lições práticas. A história do Chapeuzinho Vermelho, narrada pelos pais às filhas, era uma advertência: na Idade Média, as meninas eram presas fáceis dos senhores feudais, que podiam violentá-las sem qualquer restrição.

Os mitos antigos encontram correspondência nas narrativas dos bardos gregos e romanos, nas lendas orientais, nas parábolas bíblicas, na *novella* medieval italiana aperfeiçoada por Boccaccio (1313-1375), nos *fabliaux* franceses, nos contos modernos. Porque têm princípio, meio e um final, as diferentes formas de narrativa nos dão a consoladora ideia de que a vida faz sentido. Final, aliás, não é

a mesma coisa que fim. Final é menos drástico, e mais misericordioso. No final a imagem fica congelada; há um potencial para a continuidade, esta sem limites. *Ad immortalitatem*, a divisa da Academia Brasileira de Letras, expressa um desejo (fantasioso, mas desejo) de todos os seres humanos. Todos queremos ser imortais. A literatura é uma promessa neste sentido, uma dupla promessa, aliás. De um lado, o autor tem a esperança da permanência: “Fulano não morreu, permanece vivo em suas obras”. De outro lado, a história sempre pode continuar. “Casaram e foram felizes para sempre.” Este “sempre” é uma gama infinita de possibilidades: os filhos, alegres e rechonchudos; os netinhos... De divórcio ninguém fala ao final de um conto de fadas. Não faz parte do final feliz.

Unindo os seres humanos na esperança, ainda que fantasiosa, as narrativas criam laços emocionais. Querem um exemplo? Tomem uma família (pai, mãe, filhos) em casa, à noite. Já jantaram, já viram tevê – a típica rotina das casas brasileiras nesse horário. E aí o pai ou a mãe anunciam ao caçula que está na hora de dormir.

Não há criança que receba essa notícia sem protestar. Afinal, será afastada do convívio dos pais e dos irmãos; será levada para o quarto de dormir; a luz vai se apagar; a porta vai se fechar. Ficará no escuro, aquele escuro que a imaginação infantil povoa de seres fantásticos, não raro ameaçadores. E por isso reclama, sapateia, chora. Todo pai e toda mãe sabem, contudo, que há um jeito de superar esse problema. Uma frase: “Se você for para a cama agora, eu lhe conto uma história”.

Não há menino ou menina que resista a este convite. Porque a história significa a presença tranquilizante do pai ou da mãe. E, se

eles lerem a história, a criança associará o objeto livro com esta imagem protetora: estará nascendo ali um futuro leitor ou leitora.

A história é feita de palavras. Palavras são fundamentais para quem escreve, como a madeira, a serra, o martelo, os pregos, para o marceneiro. Esta comparação, no meu caso, é mais do que adequada. Passei boa parte da infância na oficina de móveis do meu tio. Como não podia comprar brinquedos em lojas – eram muito caros –, eu próprio os fabricava, utilizando a madeira que sobrava dos móveis. Confeccionava, assim, aviões e navios de guerra, todos com muitos canhões – cada canhão representado por um prego, com o que ficava fácil criar um grande poder de fogo.

Lembro desses brinquedos com saudade. Ensinaram-me, em primeiro lugar, a trabalhar com as mãos, o que é um bom antídoto para a arrogância intelectual. Ensinaram-me também a usar a imaginação para com ela suprir as deficiências dos toscos objetos.

A comparação com oficina pode parecer insólita; literatura nem é considerada trabalho. Há uma história (sempre contando histórias, Moacyr Scliar! Sempre contando histórias!) sobre um escritor e seu vizinho. O vizinho olhava o escritor que estava sentado, quieto, no jardim, e perguntava: “Descansando, senhor escritor?”. Ao que o escritor respondia: “Não, amigo, estou trabalhando”. Daí a pouco o vizinho via o escritor mexendo na terra, cuidando das plantas: “Trabalhando?”. “Não”, respondia o escritor, “descansando.”

Uma ocupação que não parece trabalho mobiliza arcaicos sentimentos de culpa; afinal, e ao menos no Ocidente, ainda vivemos sob a influência do bíblico “ganharás o pão com o suor do teu rosto”. Isto talvez explique um curioso ritual do Nobel Gabriel

García Márquez (1928-2014). O escritor colombiano conta que, quando se senta para escrever, coloca sobre a mesa os mais variados objetos – lápis, tesoura, cola, borracha, grampeador – para se sentir como um operário. Mas o resultado objetivo desse esforço, do ponto de vista material, é modesto: resume-se a palavras. Palavras na tela do computador, palavras no papel.

Palavras, palavras. São tudo – para os escritores, não para as pessoas em geral. Isto explica a amarga ponderação de Franz Kafka (1883-1924): “É um absurdo trocar a vida por palavras”. Ou o dilema posto por Pirandello (1867-1936): “Ou se vive, ou se escreve”. Ou a poética afirmação de Pablo Neruda (1904-1973): “Livro, quando te fecho abro a vida”. Apesar da suposta oposição entre texto e vida, todos os escritores sabem que não há outra forma de produzir literatura. É preciso, por assim dizer, suspender a existência, ainda que momentaneamente, para criar outras existências, virtuais, ficcionais.

É um trabalho eminentemente solitário. Claro, sabemos de livros escritos a quatro ou mais mãos – Luis Fernando Verissimo (1936-), Josué Guimarães (1921-1986), Edgar Vasques (1949-) e eu escrevemos uma história chamada *Pega pra kaputt!* –, mas estamos falando de exceções. A regra é: cada obra, um autor; e um autor em solidão. O contato com o público demorará a acontecer. Neste sentido, o teclado do computador é diferente do teclado do piano, por exemplo. Este último proporciona um retorno imediato; qualquer que seja o público que assiste ao concerto de um pianista poderá manifestar seu apoio (ou sua desaprovação) tão logo termine a peça musical. No caso da literatura há uma inevitável latência. O texto

precisa ser terminado, e depois enviado para edição, e depois chegar ao leitor. A essa altura não raro o próprio escritor perdeu o interesse por sua obra. Ernest Hemingway (1899-1961), que além de escritor era também caçador, dizia que um livro pronto é como um leão morto. Vivo, o leão sacode a juba, ruga, mostra os dentes, ataca; morto, ele jaz no solo como um tapete empoeirado. Não por outra razão há escritores que jamais releem suas obras.

Por outro lado, a ficção tende a adquirir uma existência autônoma, independente do escritor. Porque a obra não está atrelada à realidade imediata, resultando, como resulta, da imaginação. Da mentira, se vocês quiserem. *Verdade* é uma palavra muito relativa para um escritor de ficção. O que é verdade, o que é fantasia?

No Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, onde estudei, havia um rapaz que tinha fama de mentiroso. Fama, não; ele *era* mentiroso. Todo mundo sabia que ele era mentiroso. Todo mundo, menos ele.

Certa manhã o rádio transmitiu uma notícia alarmante: um avião em dificuldades – o trem de pouso não baixava – sobrevoava Porto Alegre e poderia cair a qualquer momento. No colégio (nossas aulas começavam logo depois do meio-dia) não se falava de outra coisa. Estávamos ali, preocupados, quando apareceu o nosso colega. Pálido, nervoso, disse que tinha visto uma cena terrível: o avião que estava em perigo caíra perto da casa dele e explodira, uma coisa medonha, muitas vítimas. Nós escutávamos, impressionados. Aí veio um colega correndo, com outra notícia: o avião acabara de aterrissar sem problemas. Todo mundo começou a rir. Todo mundo, menos o

colega mentiroso: "Não pode ser", repetia teimosamente, "eu vi o avião cair".

Agora, quando lembro desse fato, concluo que, num certo sentido, ele não estava mentindo. Vira, realmente, o avião cair. Com os olhos da imaginação, decerto; mas para ele o avião tinha caído, e tinha incendiado, e muita gente havia morrido... O rapaz acreditava no que dizia, porque no fundo era um ficcionista. Se tivesse escrito o que contara, seria um escritor, bom ou mau; como não escrevera, tratava-se de um mentiroso. Uma daquelas pessoas que não conseguem separar o real do imaginário. O que até independe da vontade: uma pesquisa científica mostra que essas pessoas são diferentes. Seu cérebro contém uma quantidade maior das fibras que conectam os neurônios, o que lhes dá maior facilidade para conectar ideias. Na vida em geral *conexão* é uma palavra-chave; "*Only connect*", diz o escritor inglês E. M. Forster (1879-1970), e a recomendação de conectar-se vale tanto no sentido do relacionamento com outras pessoas como do ponto de vista da existência interior. Pôr em contato diferentes partes de nossa mente, inclusive aquelas que se expressam simbolicamente, metaforicamente, é essencial. É o início mesmo do processo de criação. Um processo que envolve muitos mistérios: os escritores nunca conseguem responder satisfatoriamente à clássica pergunta: "De onde surgem as ideias para os textos?". É mais fácil responder de onde *não* surgem as ideias. Não surgem do uso de drogas, por exemplo. No passado, pessoas recorriam às mais variadas substâncias, como o LSD, na esperança de estimular a criatividade. Não funciona. Truques também não funcionam, como constataram

os surrealistas com a escrita automática. Era uma versão do processo de livre associação da psicanálise e consistia em rabiscar qualquer coisa, ao acaso, até que um texto literário dali brotasse. Não brotava, mas associação é uma boa palavra para descrever o processo criativo. Algo serve de estímulo; no caso dos escritores, uma notícia de jornal, uma história que nos é contada, um episódio histórico, uma imagem. John Fowles (1926-2005) escreveu *A mulher do tenente francês* a partir de uma persistente visão: mulher de costas, num cais, olhando o oceano. Que mulher era esta? Por que olhava o oceano? Em busca de respostas para estas perguntas, o autor chegou à história – ou à estória, se vocês quiserem usar o neologismo criado por Guimarães Rosa (1908-1967) a partir do inglês *story*, que é diferente de *History*. Mas, podemos perguntar, como é que se sabe que tal notícia de jornal vai dar uma história (estória) e aquela outra notícia não vai? Em outras palavras, como se sabe que uma ideia é boa? “Quando os pelos do braço se arrepiam”, respondia Hemingway; o que faz sentido. Trata-se de uma reação visceral que não controlamos, mais autêntica, portanto, do que aquilo que passa pelo nosso raciocínio. Os pelos do braço, movidos por músculos lisos (não dependentes de nossa vontade), são sinceros: se eles se põem de pé para aplaudir a ideia, podemos ter certeza de que ela brotou do mais íntimo, do mais visceral, do nosso ser.

O mesmo se pode dizer dos sonhos, uma situação na qual temos acesso, momentaneamente, fugazmente, àquele compartimento de nossa mente conhecido como inconsciente e que participa, ainda que de maneira para nós obscura, do processo criativo. Se

compararmos a mente com uma casa, o consciente seria o living, a sala de jantar, a cozinha, o banheiro – lugares habitualmente frequentados –, ao passo que o inconsciente corresponderia a um escuro porão ou sótão, aqueles lugares em que guardamos coisas velhas, brinquedos estragados, roupas fora de uso, e onde raramente vamos. Porão e sótão que se abrem independente de nossa vontade, fechando-se em seguida.

Que o sonho pode desencadear o processo criativo (ou que o processo criativo aconteça no sonho) demonstra-o o famoso episódio de 1797 ocorrido com o poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834). Depois de tomar uma dose de ópio, droga então frequentemente usada e que provocava sono, Coleridge pôs-se a ler um livro que mencionava um palácio construído pelo imperador mongol Kubla Khan (1215-1294). Adormeceu e, em sonhos, escreveu um longo (“Não menos que duzentas a trezentas linhas.”) poema sobre o tema. Acordando, tratou de colocá-lo no papel e chegou a escrever algumas dezenas de linhas, mas então foi interrompido por um visitante que bateu à sua porta e a quem, educadamente, atendeu. Quando finalmente retomou a tarefa, verificou, para seu surpreso desgosto, que, à semelhança do que acontece com os sonhos quando acordamos, o poema simplesmente havia desaparecido de sua memória. Foi publicado assim, incompleto, com o título de *Kubla Khan*, e o subtítulo: *Uma visão em um sonho*.

Sonhos não são inspiradores unicamente para poetas ou escritores. Eles também desencadeiam o processo criativo em outras áreas, inclusive científicas. O químico alemão Friedrich August von

Kekulé (1829-1896) estava às voltas com um problema complicado: descobrir a disposição espacial dos átomos de carbono na molécula do benzeno, a popular benzina. Por mais que quebrasse a cabeça, não conseguia obter a resposta. Uma noite, e é ele mesmo quem o narra, adormeceu olhando as chamas da lareira que se retorciam, segundo sua expressão, como "serpentes de fogo". E aí sonhou com uma serpente que mordida a própria cauda, formando uma figura semelhante a um anel. Ao acordar, Von Kekulé havia descoberto o anel benzênico. Cabem aqui as perguntas: "De onde veio esta imagem?", "Como se introduziu na cabeça do cientista?". Os antigos gregos viam nisso a ação das musas, a quem se devia a inspiração. Uma interpretação mais lógica nos diz que Von Kekulé tinha a resposta para o seu problema – no inconsciente. Um junguiano lembraria que a serpente que se devora pela própria cauda, Ouroboros, é um antigo mito, um arquétipo que faz parte do inconsciente coletivo postulado. Mas por que o cientista não encontrou antes essa imagem? Boa pergunta. Para tentar respondê-la, teríamos de deitá-lo num divã (com ou sem lareira por perto), do qual ele falaria para um analista competente. E nem isto nos garantiria uma resposta satisfatória. Porque o processo criativo, ao menos no atual estágio de nossos conhecimentos, envolve muitos mistérios. O que, diga-se de passagem, não é de todo mau. Já exploramos todo o planeta, já exploramos parte do universo; é bom, portanto, que a existência ainda tenha algum segredo, algum mistério, algum desafio. Isto dá sabor à vida.

Não apenas as origens do texto literário são obscuras. O próprio significado deste pode ser intrigante – inclusive, e principalmente,

para o próprio autor, a quem frequentemente se pergunta o que quis dizer com determinado conto, determinado poema. Como se a obra fosse um enigma do qual o escritor, e só o escritor, possui a resposta. O leitor, este, tem de sofrer; o leitor é Édipo ouvindo da esfinge literária o desafio: “Decifra-me ou te devoro” (para estudantes, a segunda alternativa parece muito mais provável). Mas isto é um equívoco. Em relação à sua própria obra, o escritor é como alguém que tem uma ferida no dorso; a lesão está ali, ele a sente, mas não pode vê-la. E, se não tem um espelho à mão, precisa de alguém que lhe diga o que está se passando numa parte de seu corpo que é para ele quase como a face oculta da Lua. Dessa experiência posso dar um testemunho, relativo a um conto chamado *Cego e amigo Gedeão à beira da estrada*, e que aí vai, com desculpas pelas antigas marcas de carro (o texto foi escrito há muito tempo) e por algumas modificações que depois fiz.

Cego e amigo Gedeão à beira da estrada

– *Este que passou agora foi um Volkswagen 1962, não é, amigo Gedeão?*

– *Não, Cego. Foi um Simca Tufão.*

– *Um Simca Tufão?... Ah, sim, é verdade. Carro potente. E muito econômico. Conheço o Simca Tufão de longe. Conheço qualquer automóvel pelo barulho do motor. Este que passou agora não foi um Ford?*

– *Não, Cego. Foi um caminhão Mercedinho.*

– *Um caminhão Mercedinho! Quem diria! Faz tempo que não*

passa por aqui um caminhão Mercedinho. Grande caminhão. Forte. Estável nas curvas. Conheço o Mercedinho de longe... Conheço qualquer carro. Sabe há quanto tempo sento à beira desta estrada ouvindo os motores, amigo Gedeão? Doze anos, amigo Gedeão. Doze anos. É um bocado de tempo, não é, amigo Gedeão? Deu para aprender muita coisa. A respeito de carros, digo. Este que passou não foi um Gordini Teimoso?

– Não, Cego. Foi uma lambreta.

– Uma lambreta... Enganam a gente, essas lambretas. Principalmente com a descarga aberta. Mas como eu ia dizendo, se há coisa que sei fazer é reconhecer automóvel pelo barulho do motor. Também, não é para menos: anos e anos ouvindo! Esta habilidade de muito me valeu, em certa ocasião... Esse que passou não foi um Mercedinho?

– Não, Cego. Foi um ônibus.

– Eu sabia: nunca passam dois Mercedinhos seguidos. Disse só pra chatear. Mas onde é que eu estava? Ah, sim. Uma vez, minha habilidade foi útil; foi até decisiva. Quer que eu conte a história, amigo Gedeão? Pois então conto. Ajuda a matar o tempo, não é? Assim o dia termina mais ligeiro. Gosto da noite: é fresquinha, nesta época. Mas como eu ia dizendo: anos atrás mataram um homem a uns dois quilômetros daqui. Um fazendeiro muito rico. Mataram com quinze balaços. Esse que passou não foi um Galaxie?

– Não. Foi um Volkswagen 1964.

– Ah, um Volkswagen... Bom carro. Muito econômico. E a caixa de mudanças é ótima... Mas, então, mataram o fazendeiro. Não ouviu falar? Foi um caso muito rumoroso. Quinze balaços! E levaram

todo o dinheiro do homem. Eu, que naquela época já costumava ficar sentado aqui à beira da estrada, ouvi falar no crime, que tinha sido cometido num domingo. Na sexta-feira, o rádio dizia que a polícia nem sabia por onde começar. Esse que passou não foi um jipe Candango?

– Não, Cego, não foi um jipe Candango.

– Eu estava certo de que era um jipe Candango... Como eu ia contando: na sexta, nem sabiam por onde começar. Eu ficava sentado aqui, nesta mesma cadeira, pensando, pensando... A gente pensa muito. De modo que fui formando um raciocínio. E achei que devia ajudar a polícia. Pedi ao meu vizinho para avisar ao delegado que eu tinha uma comunicação a fazer. Mas esse agora foi um jipe Candango!

– Não, Cego. Foi um Gordini Teimoso.

– Eu seria capaz de jurar que era um jipe Candango. O delegado demorou a falar comigo. Decerto pensou: "Um cego? O que pode ter visto um cego?". Essas bobagens, sabe como é, amigo Gedeão, esses preconceitos. Mesmo assim, apareceu, porque estava tão atrapalhado que falaria até com uma pedra. Veio o delegado e sentou bem aí onde você está, amigo Gedeão. Esse agora foi o ônibus?

– Não, Cego. Foi uma camioneta Chevrolet Pavão.

– Boa, essa camioneta, antiga, mas boa. Onde é que eu estava? Ah, sim. Veio o delegado. Perguntei: "Senhor delegado, a que horas foi cometido o crime?". "Mais ou menos às três da tarde, Cego", respondeu ele. "Então", disse eu, "o senhor terá de procurar um Oldsmobile 1947. Este carro tem a surdina furada. Uma vela de

ignição funciona mal. Na frente, viajava um homem muito gordo. Atrás, não tenho certeza, mas iam talvez duas ou três pessoas." O delegado estava assombrado. "Como sabe de tudo isso, amigo?", era só o que ele perguntava. Esse que passou não foi um DKW?

– Não, Cego. Foi um Volkswagem.

– Muitos Volkswagem, por aqui... Mas voltando ao assunto: o delegado estava assombrado. "Como sabe de tudo isso?" "Ora, delegado", respondi. "Há anos que sento aqui à beira da estrada ouvindo automóveis passarem. Conheço qualquer carro. Sei dizer quando o motor funciona mal, quando há muito peso na frente, quando há gente no banco de trás. Esse carro passou para o campo às quinze para as três; e voltou para a cidade às três e quinze." "Como é que você sabe que horas eram?", perguntou o delegado. "Ora, delegado", respondi, "além de reconhecer os carros pelo barulho do motor, também sei calcular as horas. Pela temperatura: ao meio-dia é muito quente, depois vai ficando mais frio... Questão de prática." Mesmo duvidando do que eu dizia, o delegado resolveu investigar... Passou um Aero Willys?

– Não, Cego. Foi um Chevrolet.

– Bom. Chevrolet, Chevrolet... Mas, voltando à história, o delegado foi investigar e acabou achando o Oldsmobile 1947. Prendeu o criminoso e os cúmplices. Graças a mim, modéstia à parte. Esse que passou foi um Toyota?

– Não, Cego. Foi um Ford 1956.

Uma vez fui a São Paulo conversar com alunos de uma escola sobre este conto. A discussão girava em torno do que, realmente,

teria acontecido na história. Perguntaram a minha opinião (“O que o autor quis dizer com esse conto?”), e eu disse: “Para mim o cego era, como aquele colega do colégio, um mitômano, uma dessas pessoas que se deixam levar pelas próprias ilusões, o que acarretara a prisão de pessoas provavelmente inocentes”.

Levantou-se um garoto e fez uma pergunta que me deixou absolutamente perplexo. “Quem nos garante”, indagou ele, “que o amigo Gedeão está dizendo a verdade, que não é ele o mentiroso?” Esta possibilidade simplesmente não havia ocorrido a mim, o autor do conto. No entanto, ela é perfeitamente lógica.

Enfim, não pensem que o escritor é o melhor intérprete de sua obra. E também não pensem que pode, sem ajuda, entender o processo que, como diz Kafka, transforma a vida em palavras. Mas o escritor pode evocar o que escreveu no passado e as circunstâncias em que escreveu; e pode tentar estabelecer um nexos entre estas coisas. É o que farei nas páginas que seguem.

2

Em 1993 passei um semestre na Brown University, em Providence, Rhode Island, onde dei um curso sobre medicina e literatura. Quando lá cheguei, fui convidado a participar da cerimônia de abertura do ano letivo, em que professores usando a tradicional toga desfilariam diante de alunos. Junto com eles, e também de toga (emprestada), posei para uma foto.

Quando a recebi, fiquei surpreso. O rosto que ali aparecia não era o meu; era o do meu pai, já falecido. Nunca fomos tão parecidos. Diante de meus olhos, togado, estava o judeu russo José Scliar, que emigrou para o Rio Grande do Sul na segunda década do século XX e que, com persistência e coragem, trabalhou, formou uma família, educou os filhos. Uma homenagem merecida e que me fez lembrar minhas raízes.

Raízes, origens. Na literatura, são importantes. Universal, dizia Tolstói (1828-1910), é o escritor que escreve sobre sua aldeia. Claro, não basta querer escrever sobre a aldeia, é preciso saber escrever sobre a aldeia. Mas a trajetória pessoal conta muito; sobretudo no início, a aventura literária é inevitavelmente autobiográfica.

Nasci no extremo sul do Brasil, região de tumultuada história: o território que depois constituiria o Rio Grande do Sul, conquistado aos espanhóis e incorporado à coroa portuguesa, foi dividido entre os senhores da guerra. Resultou daí o latifúndio, que deu à região a

sua primeira riqueza: o gado, criado extensivamente no pampa. Aí surge também o gaúcho e sua rica cultura, expressa na música, na dança, nos costumes. Que incluem o hábito de narrar histórias (estórias). No galpão, depois de um dia de labuta no campo, os peões descansam, comendo churrasco, tomando chimarrão e contando os causos que inspiraram os primeiros escritores rio-grandenses, notadamente Simões Lopes Neto (1865-1916).

Mas o Rio Grande do Sul não é só a cultura gaúcha. É também a cultura dos imigrantes, entre os quais meus pais se incluíam. Vinham da Bessarábia, uma região que fazia parte do império czarista e onde os judeus viviam em pequenas e pobres aldeias. Marginalizados, perseguidos, serviam como válvula de escape para a tensão social do império czarista, polarizado entre uns poucos ricos e uma imensa massa miserável. Frequentemente as aldeias eram invadidas por agressores ensandecidos que matavam, violentavam, saqueavam, destruíam. Um sofrimento que encontrou eco na Europa Ocidental, onde as comunidades judaicas gozavam de certa afluência. Foi criada a Jewish Colonization Association (JCA), uma das muitas companhias de colonização que, num período de pouco mais de cem anos, tinham trazido para a América 65 milhões de imigrantes. Destes, 4 milhões eram judeus. Nos Estados Unidos, seu destino preferencial era Nova York. Ao chegarem, avistavam a Estátua da Liberdade, em cujo pedestal estavam gravados os versos da judia Emma Lazarus (1849-1887): "Dá-me os teus exaustos, os teus pobres / Tuas acuadas massas ansiosas por respirar liberdade".

Na América Latina as regiões de colonização situavam-se principalmente no sul do continente, com suas enormes extensões

de terra caracterizadas pela "solidão, pela ausência de uma habitação que seja", como disse Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) em *Facundo* (1845). "Gobernar es poblar", sustentava o influente intelectual argentino Juan Bautista Alberdi (1810-1884).

Na realidade, a presença judaica no Brasil iniciara-se pouco depois do descobrimento. Na condição de cristãos-novos, representavam uma presença ponderável na Colônia. Ponderável e visível: eram comerciantes, poetas, médicos, senhores de engenho. Foram duramente perseguidos pela Inquisição, mas, com o decreto do marquês de Pombal igualando cristãos-velhos e cristãos-novos, assimilaram-se quase que por completo. Outros pequenos grupos migratórios chegaram no século XIX, mas a imigração organizada iniciou-se mesmo com a JCA, que adquiriu terras no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ali se estabeleceu, em 1904, a Colônia Philippson, que recebeu 38 famílias vindas da Bessarábia.

Para estas pessoas o Brasil era um paraíso. E por que era um paraíso? A esta pergunta, os imigrantes davam respostas inesperadas. "Porque o Brasil tem sol", diziam, "porque o céu aqui é azul": coisas que maravilhavam gente vinda de regiões caracterizadas por um longo e tenebroso inverno. E não era só o clima ameno e a paisagem deslumbrante. Era o açúcar, raro na Europa, mas abundante no Brasil. E as frutas: na Rússia, as laranjas eram importadas, custavam muito caro. No Brasil, laranjas eram abundantes, estavam ao alcance de todos. Isto sem falar nas frutas que desconheciam por completo e que para os imigrantes eram uma surpresa. Meu pai nunca tinha visto uma banana até chegar ao Brasil. Depois de uma longa viagem desembarcou no cais, em Porto

Alegre, um menino tão magrinho que até dava pena olhá-lo. Um homem se apiedou do garoto e ofereceu-lhe uma banana. Meu pai suspeitou que se tratasse de uma coisa para comer, mas não sabia como fazê-lo – e não podia perguntar porque não falava português. Finalmente, descobriu que dava para descascar a banana. Fez isso e encontrou algo que identificou como o caroço da fruta. Esse “caroço” ele jogou fora, e comeu o resto, ou seja, a casca. Outra história, similar, me foi contada por uma vizinha. O sonho dela era comer abacate – de novo, uma fruta que nunca tinha visto, mas da qual ouvira falar ainda na Europa e que imaginava como algo delicioso, insuperável. Com este desejo atravessou o oceano, junto com o marido. Tão logo desembarcaram em Porto Alegre, ela exigiu o tal abacate, coisa que o marido, diligentemente, providenciou. Ela se atirou à fruta e comeu-a, com casca e tudo (não me perguntem se engoliu o caroço também).

Laranjas, bananas, abacaxis, abacate, açúcar – delícias aguardavam esses viajantes. Claro, não era só isso que contava, a coisa material. Como diz o historiador Simon Dubnow (1860-1941): “Eles queriam pão e liberdade, porém mais a liberdade do que o pão”. A liberdade de aspirar a uma vida melhor. A liberdade de não ter medo. A liberdade de trabalhar. A liberdade de educar os filhos. Por outro lado, liberdade com açúcar, liberdade com laranja, banana e abacate; liberdade assim, sem dúvida, é melhor. Desde que não se coma a casca do abacate. Ou da banana.

Sim, muitas eram as esperanças que os animavam a enfrentar a longa viagem marítima. Depois de cinco semanas chegavam ao Rio de Janeiro, à Ilha das Flores. De lá seguiam, ainda em navio, à

cidade de Rio Grande, no extremo sul. Continuavam por terra rumo às colônias situadas no interior do Estado, então escassamente povoado. Era o mato, aquilo. E o mato tinha, para os colonos europeus, um significado sombrio. O mato não é a floresta europeia, com seus anõezinhos e lendas encantadoras. O mato é o mato; hostil, reduto de perigos insuspeitados. Que os judeus, como outros imigrantes, trataram de enfrentar. Isto implicou uma mudança cultural; passaram a se vestir como gaúchos, a comer churrasco como gaúchos, a tomar chimarrão, que substituía o tradicional chá. Eram *los gaúchos judíos*, na expressão criada pelo escritor judeu-argentino Alberto Guerchunoff (1883-1950). Aos poucos adaptavam-se à nova terra. Tinham boas relações com os gaúchos (que os conheciam como "russos") e também com os colonos alemães e italianos, com os estancieiros e tropeiros, com os moradores de cidades próximas. Mas enfrentavam problemas: a inexperiência no trato da terra, a carência de recursos, os baixos preços dos produtos agrícolas.

A Revolução de 1923, que opôs facções rivais da política rio-grandense em sangrentos conflitos, apavorou os colonos. Além disto, eles queriam mais oportunidades para os filhos, sobretudo sob a forma de escolas, de universidades. Em breve estavam deixando o campo para tentar vida nova na cidade.

Começava assim o segundo momento da saga judaica no Rio Grande do Sul: o momento da cidade. A Porto Alegre, Passo Fundo, Erechim, Santa Maria, Pelotas, Rio Grande, Uruguaiana chegavam os ex-colonos e outros emigrantes que vinham da Europa. A vida urbana se iniciava (e era o mesmo em São Paulo, no Rio ou em Nova

York) sob o signo da pobreza e da incerteza; no caso de Porto Alegre, tinha como cenário o Bom Fim.

Quando se escrever a história dos bairros judeus, o Bom Fim terá nela o seu lugar – junto com o Lower East Side, de Nova York; o Marais, de Paris; o Once, de Buenos Aires; e o Bom Retiro, de São Paulo. Sua localização era simbólica. Limitava-se, a leste, com as humildes habitações da Colônia Africana, um bairro de população predominantemente negra; ao norte, com as mansões da avenida Independência e do Moinhos de Vento, reduto da aristocracia rural, a cavaleiro da cidade; a oeste, com o Centro, seus bancos, suas casas de comércio; e, ao sul, com o Parque Farroupilha, que recebeu este nome em 1935, ano do centenário da Guerra dos Farrapos (1835-1845), que opôs os gaúchos ao governo central.

O Bom Fim não era um gueto. O gueto, na sua versão europeia, resultava de confinamento forçado, o mais das vezes com muros e portões; do gueto não se saía (a não ser, na época do nazismo, para os campos de extermínio). O Bom Fim era, antes, uma improvável aldeia russa no meio de Porto Alegre; um anacronismo, a gente poderia dizer. De fato, ao longo dos anos mudou, e mudou rapidamente. Hoje é um bairro de classe média, de famílias que moram em confortáveis apartamentos. No Bom Fim de minha infância predominavam as casinhas de porta e janela. Porta e janela que estavam sempre abertas; a segurança não era importante naquele tempo, mesmo porque pouco havia para roubar. Além disso, os vizinhos podiam entrar a qualquer hora, sem bater: privacidade ali era um conceito estranho, ofensivo até. O Bom Fim era uma grande família. Todos sabiam de todos, não havia segredos.

Tão pequenas eram as casas, que seus moradores preferiam a rua. Os garotos jogavam futebol no leito de pedra irregular, interrompidos apenas, e muito raramente, pela passagem de um ou outro automóvel. As meninas brincavam de roda, gordas senhoras dissecavam minuciosamente a vida alheia, vendedores gritavam seus pregões, ansiosas mães perseguiram os rebentos com bananas e bolachinhas.

Quando meus pais chegaram ao Brasil, a colonização agrícola já estava no fim; ficaram, pois, em Porto Alegre. Tiveram três filhos: eu, o primogênito; uma irmã; e outro irmão. Minha avó paterna, Ana Scliar, que era viúva, tinha nove filhos. Meus avós maternos, Abraão e Edith Slavutzky, foram mais modestos: cinco rebentos. Famílias grandes eram então a regra, inclusive e principalmente porque a sobrevivência das crianças era sempre problemática.

A minha primeira recordação de infância não se refere, contudo, a Porto Alegre, mas sim a Passo Fundo, à época uma pequena cidade do interior gaúcho, onde tínhamos parentes e onde moramos durante alguns anos.

A recordação. Tenho quatro ou cinco anos. É uma tarde sombria; vai chover ou já está chovendo. Apresso o passo, assustado. Neste momento avisto, na calçada, coisinhas – tocos de cigarro, fósforos queimados. Pobrezinhas dessas coisas, ali expostas à chuva; quem cuidará delas? Olho ao redor. Há uma porta aberta. Por acaso, ou não, é a porta da Delegacia de Polícia, símbolo, para mim, do Poder, com P maiúsculo. Sem vacilar, sem me importar com a chuvarada torrencial, entrego-me à tarefa de recolher tocos de cigarros e fósforos, colocando-os no vestíbulo da Delegacia. Faço-o chorando;

não sei se de alegria, ou de dor, ou de medo. No fundo eu tinha pena de mim mesmo, do guri franzino, largado num mundo hostil. Talvez este sentimento fosse ainda mais profundo, atávico, por assim dizer. A ansiedade que em mim brotava era, acho, a arcaica ansiedade dos meus antepassados, sempre temerosos da exclusão, da expulsão, sempre em busca de um abrigo. A propósito, antepassados eram para mim uma abstração. Durante algum tempo tive curiosidade acerca do nome Scliar. Que não é misterioso: vem do russo, e quer dizer vidraceiro. Imaginei assim uma longa linhagem de vidraceiros, de gente acostumada a trabalhar o vidro, a transformá-lo em obras de arte. Mas Scliar não era o sobrenome de meu avô, e sim Soibelman. Ele o mudou, sabe-se lá por que razões. Sobrenome, para aquelas pessoas, não representava um patrimônio. A história deles não ultrapassava o âmbito da memória pessoal; a árvore genealógica, em consequência, reduzia-se a um mirrado arbusto. Renunciei, pois, àquele Scliar que soprava vidro em alguma remota aldeia russa. Mais reais eram os tocos de cigarro e os fósforos queimados, componentes potenciais de futuras histórias.

Da época de Passo Fundo tenho duas fotos. Uma, convencional, semelhante a essas fotos de documentos. Ali estou, vestindo um grosso casaco, muito bem penteado, mirando a câmera. O que me surpreende nessa fotografia é o olhar – firme, límpido. De onde provinha tal serenidade? E onde a perdi, na complicada trajetória da vida? Não sei.

Na outra foto, contudo, que foi tirada num baile infantil de Carnaval, a minha expressão é de perplexidade. Estou ali fantasiado de cossaco. Por que cossaco? Por que essa evocação aos tradicionais

inimigos dos judeus? Talvez fosse uma espécie de debochada vingança – “agora que estamos longe da Rússia podemos até usar os trajes que vocês usam e nada nos acontecerá”. Ou seria aquilo um tardio sinal de submissão? Uma alusão nostálgica?

Não sei, e a pessoa a quem poderia perguntar a respeito, minha mãe, morreu há muito tempo. Essa foto se junta, portanto, aos numerosos, e não esclarecidos, enigmas da infância.

Voltamos a Porto Alegre e fomos morar no bairro do Bom Fim. Fecho os olhos e, sem muito esforço, lembro nossa pequena casa na rua Fernandes Vieira. Como outras casas do bairro, carecia de confortos elementares. Não tínhamos água quente, por exemplo. Para o banho, nem sempre diário (o que admito constrangido, dada minha condição de homem da saúde pública), minha mãe esquentava água em uma grande lata de azeite Sol Levante. E não a esquentava no fogão a gás ou elétrico; o que tínhamos era um fogão a lenha. Quem já tentou acender o fogo numa manhã de inverno, com lenha úmida, sabe que isso é o que mais se aproxima de uma missão impossível.

Quanto à casa propriamente dita, era precária – o assoalho cedia ao passo, ratos disputavam corridas no forro –, e minúscula. Havia uma saleta na frente da qual se passava, diretamente – a casa não tinha corredor –, para os dois pequenos dormitórios. Depois uma minúscula sala de refeições, a cozinha (junto ao banheiro) e, no fundo, o pátio, onde o capim vicejava, selvagem: mar. Neste mar, eu navegava rumo a países distantes a bordo de meu navio (um caixote de madeira). Piratas a bombordo! Monstros a estibordo! Os perigos, eu os enfrentava galhardamente, mas jamais desembarquei nas

míticas regiões que povoavam a minha imaginação; de alguma maneira foi o que fiz com a minha ficção.

O pátio era o meu mundinho particular; a rua era um mundo um pouco maior, e partilhado. Na rua, brincávamos: jogávamos bolinhas de gude, apostávamos figurinhas, disputávamos futebol. Ah, que mau jogador eu era. Mas jogava, mesmo assim, e tive até um instante de glória, um único instante de glória, quando da janela meus pais me viram fazer um gol. “Fiz o meu”, eu bradava, e aquela era uma emoção equivalente à de ganhar a Copa do Mundo.

Todas as noites a gente do Bom Fim se reunia para conversar. Nas quentes noites de verão sentavam em cadeiras nas calçadas; nas noites de inverno na casa de um, na casa de outro, frequentemente na cozinha, que era a peça mais aquecida. No verão ou no inverno, a distração preferida – numa época em que não havia televisão, em que o cinema era caro e raros os espetáculos teatrais – era contar histórias. Uma tradição judaica, que tinha nos moradores do Bom Fim notáveis cultores. Meus pais, em especial, eram grandes contadores de histórias, dessas pessoas que encantam os outros com suas narrativas. Acho que, se me tornei escritor, foi em grande parte por identificação com eles, por querer partilhar o prazer que tinham em contar uma boa história.

De minha mãe adquiri o gosto pela leitura. Éramos pobres, não indigentes; não chegávamos a passar fome, mas tínhamos de economizar. Apesar disto nunca me faltou dinheiro para livros. Minha mãe me levava à tradicional Livraria do Globo, e eu podia escolher à vontade. Desde pequeno estava lendo. De tudo, como até hoje: literatura infantil e revistas em quadrinhos, divulgação científica e

romances.

Monteiro Lobato (1882-1948) era meu autor preferido. Mas eu também lia o *Thesouro da juventude*, uma enciclopédia infantojuvenil em dezoito volumes e dividida em livros: *O livro da Terra*, *O livro da natureza*, *O livro da nossa vida* (belo título). Os textos despertavam a curiosidade dos leitores sob a forma de perguntas: de que é feito o Sol? Poderemos transportar-nos um dia para outro planeta? O que é o vácuo? E o *Thesouro da juventude* também nos contava sobre aquela que, depois de morta, foi rainha, Inês de Castro (1320-1355).

Eu lia, lia, lia. Deitado num sofá, o livro servindo como barreira para o mundo exterior. Barreira para o mundo real, porta para o mundo imaginário que habitei durante grande parte de minha infância.

Interrompo a tarefa de escrever estas linhas, levanto-me, vou até a prateleira onde estão os meus livros infantis. Não os exemplares que devorei na infância: estes sumiram. Aos poucos, num sebo e em outro, fui refazendo parte de minha modesta biblioteca de então: *Rute e Alberto*, de Cecília Meireles (1901-1964); *Os nenês d'água*, de Charles Kingsley (1819-1875); *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (1832-1898); *As aventuras de Tibicuera*, de Erico Verissimo (1905-1975); *História de um quebra-nozes*, de Alexandre Dumas (1802-1870); Robin Hood, Tarzan, livros sobre piratas... Apanho um volume: é a trigésima edição de *Cazuza*, de Viriato Correia (1884-1967), obra concluída pelo autor justamente no ano em que nasci – 1937. Folheio-a com a mesma sensação que tive pela primeira vez, a de descobrir um Brasil que eu não conhecia, o Brasil do Maranhão, o

Brasil do Pata Choca, do Padre Zacarias, de Luiz Gama. O Brasil do professor João Cândio dizendo – numa época em que o ufanismo era a tônica: “Somos um país pobre, um povo pobre... Mas justamente porque a terra não é a mais doce, nem a mais generosa, nem a mais rica é que é maior o valor de nossa gente”. Humildes livros, bravos livros.

Minha mãe me introduziu à literatura tanto pelos livros que me comprava como pelos outros, os que ela escondia de mim. Leituras proibidas: as obras do mesmo Erico Verissimo que eu admirava como autor de histórias infantis e que, na provinciana Porto Alegre de então, eram consideradas moralmente reprováveis. Porque falavam em sexo, claro, ainda que o sexo desses livros fosse até inocente comparado com o que a tevê mostra hoje. Minha mãe escondia esses livros no roupeiro, fechados à chave. Era a única coisa chaveada em nossa casa; mas eu sabia onde ficava a tal chave e, tão logo minha mãe saía, eu voava para o roupeiro e ficava lendo aquelas páginas proibidas. Foi uma dupla iniciação, ao sexo e à literatura.

Erico Verissimo foi uma grande influência, inclusive porque morava em Porto Alegre e a gente às vezes o via na rua, caminhando junto com a esposa, Mafalda: um homem simples, sorridente. O outro escritor que conheci precocemente foi Jorge Amado (1912-2001). Amigo de meu primo, o artista plástico Carlos Scliar (1920-2001), muitas vezes se hospedou na casa do meu tio Henrique, pai de Carlos, junto com Zélia Gattai (1916-2008). A chegada deles era uma festa; íamos até lá, e tudo o que eu queria era não falar com Jorge Amado, pois não me atreveria a tanto (ainda

que ele fosse um homem acolhedor, afetivo), mas olhá-lo, olhar o homem que escrevia livros. Em seu livro de memórias, *Um chapéu para viagem* (1982), Zélia lembra as visitas a Porto Alegre e conta que entre as pessoas que vinham vê-los na casa do tio Henrique estava um garotinho bonitinho, loirinho, que depois viria a ser o escritor Moacyr Scliar. No processo de transformar garotinhos bonitinhos e loirinhos em escritores, a vida nos castiga um bocado.

Henrique Scliar, homem culto, conhecido anarquista, fazia teatro amador. Seu filho, Salomão Scliar, excelente fotógrafo, produziu e dirigiu um dos primeiros filmes de longa-metragem rodados no Rio Grande do Sul, *Vento Norte* (1951). Meu tio Isaac Scliar adorava música erudita; sonâmbulo, entoava óperas enquanto dormia. Não por acaso Esther Scliar, sua filha, era notável compositora; outra filha, Leonor, é poeta e professora de literatura. Carlos, a propósito, foi das pessoas que mais me motivaram para a literatura em geral. Criticava meus textos com rigor implacável, ainda que amistoso, e orientava-me inclusive no que ler. Foi ele quem me introduziu a Clarice Lispector (1925-1977), lendo-me o conto *Uma galinha*, publicado na revista *Senhor*, da qual Carlos era editor de arte. Ouvi-o boquiaberto. Eu era garoto ainda, mas já estava escrevendo meus textos e, sobretudo, lendo bastante. Mas aquele texto... Deus, aquele texto era algo. Eu não imaginava que alguém pudesse escrever tão bem e com tamanha profundidade. Desde aquele dia não mais deixei de ler Clarice Lispector, que, aliás, era judia, nascida na Ucrânia, embora se declarasse brasileira. O mesmo fazia, também, minha mãe. Deu-me o nome de Moacyr, uma homenagem talvez a José de Alencar (1829-1877), mas, principalmente um nome

brasileiro – melhor ainda, indígena. Teria ela se dado conta do significado, em tupi, desse Moacyr –“aquele que causa dor”? Teria tido ela a premonição do sofrimento que eu lhe causaria? No nome “Iracema” muitos veem um anagrama de América. Moacyr seria o primeiro brasileiro nascido de miscigenação, da paixão entre a “virgem dos lábios de mel” e o homem branco, Martim.

Meu primeiro texto, pelo menos aquele que lembro como primeiro texto, alude a isso, ao nome. Era para ser uma autobiografia, e eu a escrevi no papel em que vinha enrolado o pão. Uma autobiografia muito curta, porque eu não tinha muito o que contar. Só lembro a primeira frase:

Quando nasci, correu pela vizinhança que eu me chamava Mico.

Mico era o meu apelido. Que, naquela época, me parecia muito natural, ainda que raro: só conheci outro Mico, e mesmo assim ele era Micão, o aumentativo neutralizando um pouco a esquisitice do apelido. Este apelido me marcou, pois os nomes marcam as pessoas. Por causa dele nunca pude me levar inteiramente a sério, o que não é mau: nada mais chato que um sujeito que se leva inteiramente a sério. Nome e apelido representavam para mim uma espécie de bipolaridade existencial: Mico era o gurizinho do Bom Fim; Moacyr era o doutor Moacyr, médico; o Moacyr Scliar, o autor de livros e artigos. Esta duplicidade tem suas vantagens: cada vez que começo a ficar com o ego inflado, cada vez que fico muito Moacyr, penso no Mico e volto à minha dimensão verdadeira. Ego inflado é uma coisa que todos temos em potencial, e o começo da minha “autobiografia”

o revela. “Correu pela vizinhança”? Era o que eu queria, que tivesse corrido pela vizinhança a notícia de meu nascimento, celebrada mais ou menos como o advento do Messias. Eu queria a aprovação e, mais que a aprovação, o aplauso dos adultos, sobretudo de meus pais, sobretudo de minha mãe (ou vocês pensam que o complexo de Édipo é só teoria?). Acho que todo escritor começa assim, como um garoto que quer mostrar aos mais velhos as suas habilidades, algo do tipo: “Olha, mamãe, sem as mãos”. Aos poucos, a gente vai envelhecendo e/ou amadurecendo e, lentamente, começamos a perceber que nossos leitores cada vez são mais jovens e que eles esperam encontrar em nossos textos não o menino-prodígio que desperta a admiração da vizinhança, mas a pessoa adulta, a pessoa sábia, a pessoa que é a um tempo pai e mãe. O que faz crescer em nós a perplexidade e a angústia. O que eu posso dizer às pessoas, a gente se pergunta, o que posso transmitir àqueles que querem encontrar, no texto, o sentido da vida?

Pergunta para a qual não temos resposta; escrever não é crença, não é religião, ainda que as grandes religiões tenham no texto escrito um importante referencial. Podem os escritores de ficção ensinar alguma coisa? Os leitores esperam que sim. Afinal, no século XIX, o romance desempenhava exatamente este papel; numa época em que a psicologia e a sociologia apenas engatinhavam, os grandes romancistas abriam caminho para o entendimento da sociedade e da alma humana.

Voltando à infância. Como todas as crianças do Bom Fim, eu estudava na Escola de Educação e Cultura, um pequeno estabelecimento educacional judaico. Foi demolido há muito tempo,

mas lembro ainda o casarão amarelo, o plátano que havia na frente (o tronco todo entalhado de nomes e iniciais), o portão que rangia, o pátio poeirento, as acanhadas salas de aula. Lembro meus colegas de aula, Menita, minha primeira namorada (tanto ela como eu tínhamos perdido os dentes da frente). Evoco minhas primeiras professoras, a severa Maria de Lourdes e a Dona Nair, em cujo colo muitas vezes chorei (Por quê? Não sei. Mas faz falta, ainda hoje, mesmo a um adulto, um colo onde se possa chorar); a linda Dona Esther – aliás, todas as professoras eram lindas, eu as amava a todas. E evoco sobretudo uma professora – Dona Sara, minha mãe. Não era fácil ser filho de professora, e mais ainda, ser filho de uma das mães mais superprotetoras que Deus botou na Terra; as merendas que eu levava dariam para alimentar um batalhão.

Eu era magrinho. Magrinho, e o menor do colégio. Tinha seis anos quando lá entrei, diretamente na segunda série primária. E porque era pequeno (e talvez também porque era filho de uma professora), os mais velhos debochavam de mim.

Uma tarde, eu brincava no pátio, sozinho. Era hora do recreio; a meu redor, todos corriam, brincavam, jogavam bola; mas eu, distraído, brincava na caixa de areia que ali havia, remexendo-a com um graveto.

De repente, achei uma moeda.

Uma moeda de duzentos réis! Que sorte! E logo em seguida achei outra moeda. E outra, e mais outra! Imaginei que tinha descoberto um tesouro oculto, decerto ali enterrado pelos piratas em épocas remotas – quando as ondas do mar vinham quebrar no pátio do colégio, quando aquela era a areia de uma praia deserta. Eu

agora cavava furiosamente, gritando, sem poder me conter:

– Um tesouro! Achei um tesouro!

Não, não era um tesouro. Colocado atrás de mim, um garoto atirava habilidosamente as moedas que eu pensava estar encontrando. O pessoal todo do colégio estava ali, rindo às gargalhadas. Fiquei furioso. Não queria entregar o dinheiro: era meu, eu o tinha achado. Arrancaram-me as moedas à força e foram embora, rindo ainda.

Fiquei sozinho no pátio, chorando. Muito tempo teve de passar para que eu me desse conta: eu havia, realmente, encontrado um tesouro. Não as moedas, não. A história: a história – a estória – que minha imaginação criara. Eles tinham me tirado as moedas, mas a história não me tirariam.

Foi em homenagem ao colégio que escrevi um de meus primeiros artigos, publicado numa revista da comunidade judaica de Porto Alegre em 1949, quando eu tinha doze anos. Aqui vão trechos.

Uma observação justa

Desde as mais remotas épocas, contos e poesias pertencem ao povo judeu. Scholem Aleichem¹, Asch², Peretz³ são dos muitos que contribuíram para manter viva a chama da tradição que sustentou, cheios de esperanças no futuro, os judeus, através de dois mil anos de desilusões, de amarguras, de cativo e de perseguições.

Sustentada por muitas gerações, ora vacilando, quase a apagar-se, ora brilhando com todo o seu esplendor, esta chama está sendo entregue a uma nova geração.

O preparo destas crianças, em cujas mãos repousa um dos mais preciosos tesouros, está entregue a estabelecimentos de ensino judaicos. O de Porto Alegre pode ser elevado entre os demais não tanto pela grandiosidade de suas instalações, não tanto pela excelência de seus professores, mas principalmente pela constância com que vem se mantendo.

Na Escola de Educação e Cultura a comunidade vê mais que um simples colégio. Ela vê um símbolo, um símbolo da luta de um ente fraco contra um poder superior. E nestas linhas condenso um veemente apelo da comunidade, pedindo à diretoria que continue impulsionando o colégio para a frente, para que a cultura continue a chama viva que mantém um povo que vê nela o único objetivo de sua existência.

É com certo assombro que releio estas linhas. Vejo nelas um texto relativamente bem escrito, considerando a idade do autor, mas vejo também a ilusão da onipotência que as palavras muitas vezes nos dão, não importando a nossa idade. A começar pelo título, pouco jornalístico e muito pretensioso. A observação era "justa"? Como podia eu saber que era justa, sem ouvir as pessoas? Também não falta o lugar-comum da "chama viva". E a ingratidão: a escola era importante não pela excelência dos professores (eles deveriam ter me reprovado por causa disso), mas pela "constância". Finalmente: será que a cultura era mesmo o único objetivo da existência da comunidade judaica? Necessidades mais prosaicas (comer, vestir, ganhar alguma grana) não teriam aí um lugarzinho? Mas é isso que acontece quando a gente se deixa levar por palavras.

Porque nos arrastam, as palavras. Sobretudo as pomposas. Ao fim e ao cabo, eu estava brincando de escrever como gente grande.

Escrever era coisa que eu só fazia de vez em quando. No resto do tempo estudava, lia, brincava. Nossas brincadeiras eram, inevitavelmente, influenciadas pela época: Segunda Guerra Mundial, os aliados combatendo os nazistas. As imagens que tínhamos do conflito eram as dos filmes que víamos no cinema Baltimore. A guerra era uma brincadeira de adultos, uma coisa de mentira. Mas uma vez colaborei com o esforço de guerra; isto ocorreu no dia em que passou pelo Bom Fim o caminhão que arrecadava objetos de borracha para a confecção dos pneus dos carros de combate. Sem hesitar, dei-lhes minha bola. Assim estava ajudando os bravos soldados da FEB, a Força Expedicionária Brasileira, cujo hino sabíamos de cor: "Por mais terras que eu percorra / não permita Deus que eu morra / sem que volte para lá. / Sem que leve por divisa / este V que simboliza / a vitória que virá".

Sabíamos onde se lutava, sabíamos das batalhas mais importantes. Mas, detalhe melancólico: do Holocausto judaico, dos milhões de mortos, nada sabíamos. Acho que ninguém sabia. Só com o fim do conflito a verdade foi aos poucos emergindo; mesmo assim, nossos pais e parentes procuravam nos poupar das terríveis revelações. Lembro deles preparando caixas com comida e roupas destinadas a parentes que tinham ficado na Rússia. Quando perguntávamos para que era aquilo, desconversavam.

O Bom Fim era um bairro judaico, onde as pessoas falavam em ídiche e mantinham as tradições. Mas isso não nos isolava da realidade de um país católico; morávamos próximo a duas igrejas, e

um dia ganhei uma estampa de Jesus, oferta de uma farmácia ou estabelecimento similar. Era um Cristo loiro, de meigos e patéticos olhos azuis – um homem bom. Tão bom, que resolvi afixar a gravura no quarto dos meus pais, e coleí-a na parede com sabão. Meu pai mandou que eu a tirasse dali. Perguntei por quê. Recebi uma resposta qualquer que não me convenceu, mas obedeci. O episódio ficou em minha memória e retornou mais tarde sob a forma de um conto chamado *Os mistérios da vida*, cujo estilo era inspirado nas histórias do escritor judeu-russo Isaac Babel (1894-1940). Babel, comunista, lutou durante a Revolução Russa de 1917, mas caiu em desgraça à época de Stalin; acabou morrendo num campo de concentração. Sua obra, pequena mas pungente, refletia muito da vida judaica na Ucrânia, e eu me identificava com seus personagens. Aqui está o conto.

Os mistérios da vida

Tempo de verão na rua Fernandes Vieira! O céu era azul, à tarde as pedras da calçada queimavam debaixo dos pés nus; jogávamos bolinha de gude e futebol. À noite havia gente de pijama conversando em frente às casas. Nos nossos cérebros, a curiosidade da infância fermentava em perguntas. "Quanto ganha um jogador de futebol?", "Quem é mais importante, um soldado ou um polícia?"

Eu andava preocupado com Jesus Cristo. Naquele dia houvera comunhão no colégio público onde eu estudava. Nós, judeus, estávamos dispensados. Mas um gurizinho do primeiro ano comungara, fato que provocara tremendo rebuliço em minha aula.

Alguns eram de opinião que ele tinha matado Cristo. Outros achavam que Jesus não iria entrar na boca de um judeu. O gurizinho foi interrogado, examinado, apalpado, mas declarava apenas que a hóstia tinha um gosto bom.

Na hora do almoço, perguntei a meu pai por que a gente não acreditava em Jesus Cristo.

Ele meditou longamente. Fazia uma força tremenda para ser um bom pai. Mas tinha dificuldades naturais; além disso, preocupava-se quase que exclusivamente com a loja. Assim, sua sábia resposta foi:

– Porque não.

E derrubou a cabeça sobre o prato de sopa. Achei inútil consultar minha mãe: a palavra oficial da família tinha sido dada.

Terminei de comer e saí, chupando uma laranja. O Nei apareceu na porta do chalezinho de madeira em que morava:

– Olha só o que eu tenho!

Olhei. Eram umas estampas grandes, coloridas, representando Jesus Cristo.

Examinei detidamente as gravuras. Os olhos de Jesus eram mansos e doces; eu nunca tinha visto um olhar assim. A barba era parecida com a de um velho judeu que morava perto de nossa casa. Mas a barba de Jesus era castanha, bonita, ao passo que a do velho era amarelada e maltratada.

Cristo apontava para o coração, que estava à mostra; em cima, chamas; ao redor, uma coroa de espinhos. Esfreguei maquinalmente o peito, como se aquelas pontas agudas estivessem me espetando. E devolvi as gravuras com um suspiro:

– Eu não acredito nessas coisas.

O que Nei lamentou: ele queria me desafiar para o jogo da paredinha, no qual cada um dos jogadores arremessava em direção a uma parede um pedaço de ferro ou uma pedra; quem chegasse mais perto ganhava. Apostava as gravuras contra as minhas figurinhas do Brocoió. Aceitei e ganhei, pegando as gravuras. Arrependido, ele queria que eu as devolvesse. Eu disse que não: jogo era jogo. Ele amaldiçoou a minha raça triste. Corri para casa e escondi as gravuras embaixo da cama.

Eu não sabia o que fazer com aquilo. Consultei a turma.

O João era de opinião que eu deveria queimá-las. Mas eu não podia acreditar no cara; ele só repetia o que o pai dele, um sapateiro comunista; dizia. Segundo João, a religião era um ópio. Eu perguntei o que era aquilo; ele disse que era uma coisa para enganar os outros. Já o Milton me aconselhou a colocar as estampas na parede do meu quarto. Gostei da ideia. Fui para casa, tirei as gravuras do esconderijo e, com sabão, grudei-as na parede, não só do quarto, mas de outras peças da casa.

Minha mãe chegou e ficou estupefata. Pouco depois chegou meu pai. Passou pela sala sem ver as figuras, porque estava com dor de cabeça e ia se deitar. Mas quando chegou ao quarto, avistou o Cristo acima da cabeceira da cama. Arrancou-o, furioso:

– Já te disse que nós não acreditamos nisso!

Fazendo força para não chorar, desgrudei as estampas e fui para a rua. Encontrei o Milton, sentado na calçada. Dei-lhe as gravuras:

– Fica com elas. Meu pai não quer essas coisas em casa. Nós não acreditamos em Cristo.

E rompi em prantos.

Ele considerou-me em silêncio uns instantes. Depois tratou de me consolar:

– Não faz mal. Teu pai vai pro Inferno.

Pressentindo algo de horrível, indaguei, ainda soluçando:

– E como é o Inferno?

– O Inferno é um fogo que está lá embaixo da terra. Lá ele vai queimar pra sempre.

Tão desconsolado fiquei que ele resolveu se corrigir:

– Bem, pode ser que ele vá para o Purgatório.

– Purgatório?

– É o lugar antes do Inferno. Vem, vou te mostrar.

Segui-o rua abaixo até a igreja, escura e deserta àquela hora, à exceção das velas que brilhavam, tétricas. Milton cochichou:

– Atrás do altar tem um mar de fogo. É o Purgatório. Pra lá é que teu pai vai.

Fiquei apavorado:

– Cristo é tão ruim assim?

– Não, ele só castiga os malvados, como teu pai. Tu não precisas ter medo. Eu vou rezar por ti.

Eu estava com medo. Implorei a Milton para que fôssemos embora. Saímos da igreja, ele se despediu de mim e seguiu adiante.

Para os lados do rio, o céu estava avermelhado. Eu subia a rua, pensativo. Cristo era bom e ruim ao mesmo tempo, fraco e forte. Se eu conversasse com ele, o que diria? Acho que pediria para que não mandasse meu pai para o Inferno ou para o Purgatório. Ah, e pediria uma caneta-tinteiro. Se ele fosse poderoso mesmo, decerto me daria.

Fitei uma estrela longínqua. Que aconteceria se ela caísse sobre a Terra?

A gravura de Jesus foi um primeiro passo para a descoberta do cristianismo. Um outro se seguiria.

Terminado o chamado curso primário, eu teria de fazer o ginásio em outro estabelecimento de ensino. Normalmente as famílias do Bom Fim encaminhavam os filhos para o Júlio de Castilhos, tradicional colégio público conhecido pela tolerância e pela liberalidade. Ou seja: esculhambação. Seguindo o conselho de uma tia, minha mãe matriculou-me no Rosário, um colégio disciplinador – e católico.

O que desencadeou em mim um penoso conflito. Eu era um bom aluno, tirava excelentes notas em Comportamento e em Aplicação. Minha caligrafia era muito boa, eu brilhava em latim – era capaz de escrever composições inteiras nesse idioma. Mas era judeu, num colégio católico. Ali estava eu, em contato com uma religião inteiramente diferente daquilo que eu conhecia de minhas muito eventuais idas à sinagoga. Uma religião solene, rica em imagens, em preces, em rituais. Enfim, a verdadeira religião, com promessas de recompensa para os fiéis. Recompensa essa da qual eu estava excluído. O Céu, aquele lugar delicioso, cheio de santos e anjos entoando hosanas, o Céu era para mim uma completa impossibilidade. Tudo indicava que eu iria para o Inferno e que suportaria, por toda a eternidade, um sofrimento inimaginável, um sofrimento que enfiaria no chinelo as cólicas que haviam atormentado minha infância. Eu estava condenado, e para todo o

sempre. Atualmente a Igreja minimiza a ideia de um lugar para o eterno castigo. O que, para mim, chegou penosamente tarde, porque a experiência do Inferno me era espantosamente real.

A ideia de eternidade me angustiava de maneira insuportável. Sobretudo porque não havia maneira de entender, de conceber tal coisa. Para explicá-la, o professor de religião recorria à tradicional metáfora da coluna de aço e do pássaro. "Imaginem", dizia, "uma gigantesca coluna feita do mais duro aço. A cada mil anos passa por essa coluna um pássaro e raspa-a levemente com a ponta da asa, arrancando assim uma ínfima partícula do metal. Pois quando essa coluna estiver inteiramente gasta", concluía, "a eternidade não terá sequer começado."

Esta imagem precipitava-me no mais completo terror existencial. Eu tinha a ideia da passagem do tempo; sabia que o tempo custava a passar – o dia do meu aniversário não chegava nunca. Mas a possibilidade – não, a certeza – do tempo imobilizado, aquilo era enlouquecedor. Para sempre eu queimaria no Inferno.

Os meus colegas de turma nem pensavam nisto. Eles tinham a garantia do Céu. Mesmo que fossem pecadores, se rezassem durante as nove primeiras sextas-feiras de cada mês, poderiam contar com o arrependimento na hora da morte. Arrependido eu estava, de todos os pecados que tinha e não tinha cometido – mas, e daí? E a extrema-unção?

Eu poderia, claro, converter-me. Mas, integrante do "povo de dura cerviz", não queria dar o braço a torcer. Acabei fundando uma religião nova, uma seita secreta da qual eu era o único fiel e também o único sacerdote. Bolei orações, rituais, penitências – que

consistiam em jogar fora coisas de que eu gostava; por exemplo, uma caderneta de anotações confeccionada por mim mesmo. Minha esperança era conseguir comunicação direta com Jesus, o bom Jesus da estampa colorida. Antes que isto acontecesse, e movido pelo desespero, pedi a meus pais que me tirassem do colégio. Entrei no leigo e tolerante Colégio Júlio de Castilhos e acabei esquecendo o meu próprio culto. Mesmo porque minha autoestima judaica ganhou um súbito e poderoso estímulo.

1 (1859-1916). (N.E.)

2 (1880-1957). (N.E.)

3 (1852-1915). (N.E.)

3

A criação do Estado de Israel, em 1948, teve profundo efeito sobre a minha geração. Não era apenas uma indenização a um grupo humano oprimido e massacrado, era uma nova fase na existência desse grupo; a proclamação do Estado foi recebida com júbilo no Bom Fim. Não se tomava conhecimento de que um outro povo também vivia naquele território e que ele também tinha direito histórico. Palestinos? A palavra nem existia. Da maneira como víamos o conflito que logo foi deflagrado, eram os judeus de um lado e os governos de países árabes – representantes de oligarquias retrógradas – de outro. David contra Golias. E, como na Bíblia, David venceu.

Mas este era um aspecto da questão. Havia um outro, para nós não menos importante. Nossa revolta juvenil, nossa indignação com a injustiça social (da qual o antissemitismo era apenas uma faceta) agora poderiam ser canalizadas para um objetivo: a vida numa célula judaica socialista, o *kibutz*. Um sonho que eu partilhava com centenas de membros de movimentos juvenis, assim como partilhava o desprezo pela vidinha pequeno-burguesa dos judeus brasileiros.

O movimento juvenil galvanizou a minha adolescência. A começar pela própria palavra: como todos os jovens, eu queria justamente isso, movimento. A ideia de movimento era, e é, a ideia de uma

impetuosa corrente fluindo para o futuro, um futuro heroico, glorioso, oposto a um passado inglório, deprimente. Mas o movimento não era, e não é, só isto, era e é um modo de vida, uma experiência total – totalitária, na visão de alarmados observadores ou críticos hostis. Em primeiro lugar havia o grupo, como substituto de outras unidades de convivência, aí incluída a família, e particularmente a família. O movimento nos dava companheiros – não, ele nos dava irmãos. E nos dava também pais e mães, figuras lendárias, vivas ou mortas, a quem reverenciávamos e cujos trabalhos líamos. O companheirismo era fundamental, como o era a lealdade aos princípios, às ideias, aos ideais socialistas. Do marxismo-leninismo tínhamos a disciplina férrea, garantida pela crítica e autocrítica, um sombrio procedimento no qual um dos membros do movimento diria algo como: “Eu sei que sou burguês, outro dia usei uma gravata e pensei até em ir a um baile”. Ao que os outros diriam: “Exatamente, não passas mesmo de um burguês, tens de fazer autocrítica e voltar ao bom caminho”.

Não faltavam soluços e lágrimas nessas sessões, mas elas eram, felizmente, raras. Na maior parte do tempo as atividades eram outras: doutrinar os companheiros mais jovens através de palestras, celebrar festas judaicas, acampar – era muito forte a inspiração dos antigos movimentos românticos alemães, com sua paixão pela natureza. Uma experiência intensa, portanto. No movimento juvenil, aprofundei-me na cultura judaica; mais que isso, aprendi a acreditar em valores universais, como a justiça, a solidariedade, a amizade. Era bom ter amigos em quem se podia confiar inteiramente e com quem se convivia intensamente. Nos vestíamos de forma

semelhante, muito simples; todos tínhamos um caderninho no qual anotávamos as datas de reunião e outros compromissos. Líamos Jorge Amado, líamos a coleção *Romances do povo*, dedicada ao realismo socialista. Era bom ler, era bom discutir acaloradamente e em grupo as nossas leituras. Era bom ficar nas esquinas até as quatro da manhã falando mal dos reacionários (inclusive os do nosso próprio movimento) e salvando a humanidade. Era bom ter companheiros. E era bom ter namoradas: a época era de paixões devastadoras.

Mas o movimento exigia muito. Exigia uma mudança total, revolucionária. Viveríamos numa sociedade socialista, daríamos nossa contribuição para a batalha final, que, segundo o hino da Internacional Comunista, abriria o caminho para a redenção do proletariado. Trabalharíamos a terra, aquela terra da qual os judeus estavam separados há séculos não apenas pelo exílio, mas também por sua anômala inserção na estrutura social; “nos poros da sociedade”, para usar a expressão de Marx (1818-1883). Além disso, eu tinha um projeto pessoal que, imaginava, em nada contrariava o projeto coletivo – ao contrário, contribuía para ele: eu queria escrever, queria fazer uma literatura engajada. Mas inevitavelmente escrevia sobre mim próprio, como constato nos contos daquela época, um dos quais aqui está.

Relógio

Não conseguia dormir. Parecia-lhe que em breve um cataclismo destruiria a casa, a cidade, o universo. E a estranha calma salpicada

dos pequenos ruídos tão familiares – o ressonar do marido a seu lado, o pingue-pingue de uma torneira – eram prenúncios da catástrofe. Não pôde mais conter-se; levantou-se e foi até o quarto do filho.

Tudo estava tão natural. O armário cheio de livros, os livros que haviam metido na cabeça da criança a Maldita Ideia. Sobre a escrivaninha, um copo com leite até a metade. Durante anos, deixava-lhe todas as noites um copo de leite, e nunca conseguia obrigá-lo a tomar todo. Na manhã seguinte, havia sempre a mesma discussão:

– Por que não tomas o leite? Estás tão magro, precisas te cuidar, menino!...

Havia uma foto sobre a escrivaninha. A foto "dela"... Aproximou-se e olhou-a a meia-luz do luar que se filtrava pela janela. Tão meiga e delicada, quem o diria! Uma raiva súbita apoderou-se dela; vontade tinha de destruir aquele retrato. Chegou a esboçar um gesto violento, mas deteve-se para olhar o rapaz. Dormia tão tranquilamente... E como era belo assim, o rosto sereno, os cabelos castanhos em desordem, a boca entreaberta...

A cama era a mesma de há dezessete anos. Durante muito tempo ele dormira num berço, até que protestou e então compraram-lhe uma cama de homem (como ele dizia). Quantas vezes as mãos dela crisparam-se na cabeceira, uma vez tifo, outra vez um acidente com a bicicleta (ainda tinha a cicatriz no queixo)...

Sobre a cadeira, roupas em desordem. Qual, ele continuava a eterna criança, nunca aprenderia a cuidar de si...

As malas arrumadas chamaram-na de volta à realidade. Ele ia

partir, rumo ao Desconhecido. Era o Ideal, o Necessário, o Sem-Isto-a-Vida-Não-Vale-Nada, não lhe explicara tantas vezes? E, no entanto, a cada explicação menos o compreendia e mais desejo tinha de apertá-lo entre seus braços...

O despertador marca quatro e meia. Dentro em breve soaria, despedaçando seu mundo. Os ponteiros avançavam, implacáveis. E de repente veio a ideia – parar o relógio, detê-lo de qualquer maneira. Deixar que seu sono prosseguisse no sono tranquilo, que perdesse o avião, que ficasse com ela para sempre.

Um galo cantou lá fora, o rapaz agitou-se na cama.

Ela compreendeu que era inútil. O Caminho estava traçado. O menino não poderia dormir para sempre. Algum dia teria de acordar e transformar-se num homem. Isto era tão certo e inexorável como o fato de o sol nascer todas as manhãs.

Sentou-se à beira da cama, acariciou-lhe os cabelos e disse, num sussurro:

– Acorda, meu filho! Está na hora!...

Relendo este conto, pouco mais de cinquenta anos depois, surpreendo-me com o razoável domínio da forma literária que tinha o jovem Moacyr, então com dezoito anos. Claro, há muitas reticências e aquelas maiúsculas para caracterizar as Palavras Importantes, mas, para um adolescente, não está mau. De outra parte, o engajamento está aí inteiramente presente. A mãe não quer que o filho parta em busca de seu ideal, mas o galo cantando e o sol que vai nascer – símbolos de uma nova sociedade – fazem-na mudar de ideia. Ela própria é quem acordará o jovem.

Coisa que retratei em um outro conto da mesma época, chamado *Em busca da juventude*. Narrado na primeira pessoa, fala de um homem que renunciou ao passado revolucionário, que se acomodou. Também se passa à noite (a nossa vida era muito noturna). O personagem, um próspero engenheiro, acorda de um pesadelo em que alguém queria estrangulá-lo – aquela coisa de cinema (filmes eram importantes para nós) – e põe-se a perambular pelo apartamento, cheio de bibelôs, “os mais medíocres e horríveis”, comprados pela mulher, que é uma pessoa sofrida, doente. Mas “...doente de gordura e preguiça, doente de não ter nada para fazer, doente porque eu tenho dinheiro para pagar o psiquiatra”. O engenheiro não a ama. A moça que ele ama, e que agora lhe volta à lembrança, é Lena (minha primeira namorada era Nena). Foi um período de descobrimento e de intensa felicidade. Só que Lena queria casar, coisa que apavorava o rapaz. E, depois de uma noite de amor (da qual resultou, ele tem certeza, um filho), ela se vai – para sempre. “Lena, Lena, onde estás? Olha esta madrugada e lembra-te das madrugadas em que caminhamos juntos, silenciosos e de mãos dadas. Tuas mãos eram fortes, não manicuradas, e macias como as da minha mulher. Onde estarás agora, Lena? Eu te imagino lutando e trabalhando para sustentar nosso filho.” E aí ele decide: deixará a vida burguesa, irá em busca da juventude: “Lena! Meu filho! Esperem por mim!”.

Detalhe curioso: com esta história, ganhei o segundo lugar num concurso de contos promovido pela União Internacional de Estudantes, com sede em Praga (a Tchecoslováquia era então um país comunista). O primeiro prêmio era uma viagem à Europa; o

segundo, uma coleção de discos. Passados uns tempos, recebi um aviso da Alfândega: havia um pacote para mim. Fui até lá. Eram os meus discos. Peguei-os e já ia saindo, quando o encarregado me chamou: faltava pagar as taxas de importação. Ponderei que não estava importando nada, mas sim recebendo um prêmio, uma distinção para o nosso país. Coisa que ao funcionário não comoveu; era mercadoria que provinha do exterior e não poderia entrar no país sem o pagamento do imposto. Uma fortuna, pelo menos para mim. Paguei de qualquer modo e fui para casa ouvir os tais discos. Tratava-se de música folclórica tcheca – uma sucessão, parecia-me, de gritos e sons estranhos. Em matéria de prêmios, na juventude, não tive muita sorte.

Largar tudo e ir em busca do ideal era o que almejávamos. Mas não era fácil. Nem todos têm essa vocação verdadeiramente messiânica. Os conflitos que tive de enfrentar foram muitos e dolorosos com a família, com os companheiros, com os amigos. Minha família sofria muito e minha mãe acabou adoecendo. Foi a gota d'água. Deixei São Paulo, onde estava morando, e voltei para casa.

Sair do movimento juvenil era um trauma que inevitavelmente deixava sequelas. Na minha geração, a saída do movimento juvenil acompanhava-se quase que automaticamente de entrada em terapia analítica. Ali estava o bálsamo para as nossas feridas psíquicas: um tratamento criado por um judeu e que parecia expressamente destinado a aliviar a milenar culpa judaica. Claro que isto também não se fazia sem sofrimento (e sem uma boa grana), mas era um sofrimento que tinha propósito. Todos os meus amigos, egressos do

movimento juvenil, se analisavam. Éramos ajudados pelo fato de que Porto Alegre sempre foi um centro psicanalítico importante, inclusive pela proximidade com Buenos Aires. No tratamento encontrávamos explicações para o nosso mal-estar, um verdadeiro mal-estar na cultura, de que falava Freud (1856-1939). Nosso problema era com nossos pais e nossas mães, principalmente nossas mães, grandes geradoras de conflitos edipianos. Dos conflitos nascia a culpa, e era a culpa que nos movia – uma versão diferente, mas não menos compulsiva, da culpa original que acompanhava o povo judeu desde as suas origens. Num dos tratamentos que comecei – e comecei vários –, o psicanalista me disse, logo na primeira sessão: “Tu estás falando da culpa que sentes. E provavelmente não tens culpa de nada”. Desatei a chorar. Um pranto convulso, que representava um alívio. Finalmente eu recebia uma absolvição. Aquela absolvição que não encontrara no colégio nem no movimento juvenil, encontrava ali, na sala de um psicanalista.

4

Que motivos me levaram à Faculdade de Medicina? A pergunta é bem mais complexa do que parece. Dificilmente se pode respondê-la de maneira direta, objetiva, precisa, mesmo porque é uma escolha na qual intervêm razões conscientes e inconscientes. Em geral só podemos falar das primeiras: a compaixão pelos doentes, a busca de status e de rendimentos, a identificação com pais ou parentes médicos.

Minha resposta é necessariamente parcial, baseada em conjecturas e recordações. Desde criança eu tinha muito medo de doença. Não tinha medo de ficar doente – disso até gostava, pois assim não precisava ir à escola –, mas quando meus pais ou meus irmãos adoeciam, eu entrava em pânico. Na tentativa de vencer este pânico, muito cedo comecei a ler livros sobre medicina e doença, inclusive romances como *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo, e *A cidadela*, do escocês A. J. Cronin, hoje esquecido. Ambas as obras denunciavam a mercantilização da medicina e idealizavam o papel do médico como um verdadeiro herói.

A isto juntava-se a pressão familiar, social, cultural. Na tradição judaica a medicina sempre teve papel de destaque. Já na Bíblia aparece o interesse por saúde e doença; a lepra, por exemplo, recebe peculiar atenção no Levítico. Na diáspora, rabinos muitas vezes acumularam as funções de médico, numa época em que a

profissão não estava institucionalizada e na qual os recursos de diagnóstico e tratamento eram limitados. Em caso de enfermidade, o que se podia fazer era aconselhar as pessoas – e isto se encaixava na atribuição dos rabinos. Essa situação não se alterou com o advento da modernidade, que consolidou a separação entre medicina e religião através da criação de escolas médicas e da regulamentação profissional. Apesar dos obstáculos, os judeus buscavam ingresso nas faculdades de medicina. Havia razões práticas para tal. Em primeiro lugar, era uma profissão que dava status e bons rendimentos. Depois, e muito importante, era uma profissão portátil: dependia de conhecimento, e conhecimento o médico levava consigo, caso tivesse de deixar precipitadamente um país, o que não era raro com judeus.

Fossem quais fossem os motivos, fiz o vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fui aprovado; orgulhoso, passeava pela Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, com o boné verde dos calouros da faculdade. Mas o encontro com a verdade não tardaria. Porque estudar medicina muda por completo a pessoa. É um aprendizado que põe jovens alunos – adolescentes – em precoce contato com a dor, com o sofrimento, com a morte. Depois de algumas aulas teóricas de anatomia, fomos, um dia, levados ao subsolo da faculdade, onde funcionava o necrotério. Abriram-se de par em par as largas portas, e ali estavam, sobre mesas de aço, os cadáveres, uns vinte, em mesas de alumínio.

Foi um choque; particularmente, eu nunca tinha estado tão perto de gente morta. E posso dizer que, naquele momento, perdi

definitivamente a inocência. É verdade que logo depois havíamos incorporado a morte à nossa rotina; já não se tratava de criaturas que tinham nascido, vivido, amado, aspirado a coisas, grandes ou pequenas; tratava-se de peças anatômicas, músculos, ossos, cartilagens; os nomes latinos nos eram ensinados, e nós os memorizávamos, porque um dia aquilo seria útil. Mas o transe, o angustiante transe, ficou em minha lembrança, e pouco tempo depois eu o expressei em uma história.

Numa manhã (bela, talvez, de janeiro do ano da graça de 19...), Maria da Silva, branca, solteira, de 26 anos, esquizofrênica, após tomar impulso decisivo, lançou-se de cabeça contra a espessa parede do Hospital de Alienados, a qual confirmou a tradicional superioridade das pedras sobre crânios humanos. Do choque resultou esta

Pequena história de um cadáver

Maria, que durante toda a sua vida fora um trambolho para a família e o último refúgio de soldados sem vintém, de repente passou a ter certo interesse, e mesmo utilidade: seu corpo, colocado num caixão de pinho bruto, foi levado à Faculdade de Medicina, para ser usado em estudos de anatomia. Havia falta de cadáveres naquele ano, e Maria era esperada com ansiedade. No momento em que o carro fúnebre penetrava o pátio da escola, era afixada no saguão a lista dos candidatos aprovados no exame vestibular. Olhos brilhantes, sorrisos brilhantes; olhos lacrimosos, corações doridos.

Paulo (não é preciso guardar o nome: os reprovados são eliminados da luta pela vida) saiu do saguão, amargurado, cabeça baixa: era o seu terceiro insucesso. Três anos perdidos numa luta inglória para ser médico. Valeria a pena, afinal? Neste momento avistou o furgão negro que trouxera Maria, teve pensamentos sombrios, dos quais a morte não andou longe; mas lembrou-se da próspera fábrica do pai, dos olhos da namorada e de uma garrafa de vodca. Conseguiu sorrir, e foi embora.

A história prossegue, descrevendo a progressiva dissecação do cadáver ao longo do ano e os paralelos diálogos entre os estudantes, diálogos que abrangem desde a prática médica até a conjuntura política. Termina o ano letivo, os estudantes, em férias, se vão, o conto chega ao fim.

Um jovem acadêmico trouxe a namorada e uma amiga dela para visitarem a faculdade. Acharam interessante a biblioteca e o salão de conferências, mas morriam de vontade de ver os cadáveres.

Desceram, pois, ao necrotério. O jovem estava orgulhoso, inclusive de sua familiaridade com os serventes.

Quando levantou a tampa do enorme tanque de formol, as meninas recuaram, horrorizadas: havia ali uma incrível mistura de mãos, crânios, pés, dedos, olhos, unhas, vísceras, cabelos, dentes.

– Não sei como é que vocês aguentam isto! – exclamou a amiga, tapando o nariz.

– E com estas mãos, que tocam cadáveres, tu tens coragem de me abraçar? – disse a namorada, indignada.

O rapaz apenas sorriu. As meninas olharam pela janela, viram uma chaminé vomitando fumaça preta.

– É o forno onde cremam os cadáveres – explicou o jovem.

Naquele momento, o que restava de Maria consumia-se em chamas: os ossos estalavam, a gordura crepitava, os ligamentos esfarinhavam-se em cinzas.

– Eu nunca poderia estudar medicina – disse a amiga –, é preciso ter um coração de pedra.

– Mas é necessário – disse a namorada –; se não fossem eles, quem trataria as doenças? Quem salvaria vidas?

(Quase ajuntou: "Quem casaria conosco?". Mas teve medo das más repercussões desta frase espirituosa.)

O rapaz sentiu de repente um enorme cansaço, como se o peso do mundo tombasse sobre ele. Deixou-se ficar olhando os edifícios, as vidraças que respondiam violentamente ao sol ofuscante. E olhava o céu que era azul. A fumaça preta de Maria subia ao céu.

Terminado o ciclo básico, começava o ciclo clínico, o trabalho com os doentes. Que representou também o contato com uma realidade para mim ainda desconhecida, a realidade da miséria brasileira. Na Santa Casa, eram as enfermarias cheias, os pacientes em macas no corredor; nas vilas populares da Grande Porto Alegre, onde estagiei no serviço de urgência da Previdência Social, eu entrava em lúgubres casebres que abrigavam famílias inteiras, homens e mulheres doentes, crianças famélicas. Não era de admirar que muitos de nós estivéssemos engajados politicamente. A revolta dos jovens universitários era um reflexo da agitação que, no começo dos

anos 60, tomou conta do país. Nas assembleias do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina sucediam-se os discursos inflamados. No *Bisturi*, órgão do Centro Acadêmico, e em outros pequenos jornais (a maioria de vida efêmera), eu publicava contos e artigos, em geral sobre minhas vivências como estudante de Medicina. No segundo semestre de 1962, meu amigo Carlos Stein e eu editamos – com a cara e a coragem – a primeira antologia de contos publicada no Rio Grande do Sul: *Nove do Sul*, revelando alguns bons autores gaúchos. A edição coletiva é, frequentemente, o passo que precede a publicação de obras individuais, e no meu caso não deu outra. No último ano da faculdade, resolvi reunir as histórias que tinha escrito durante o curso em um livrinho a que dei o medonho título de *Histórias de um médico em formação*. Enquanto o livro estava sendo impresso, coisa que demorou bastante, eu não saía da gráfica – os operários já estavam até irritados com o escritorzinho que não parava de lhes encher o saco. No dia em que o livro ficou pronto, acordei de madrugada e, para chegar mais depressa, pedi o carro emprestado a meu pai. Era um velho automóvel, uma enorme draga que mal funcionava, e este dia não foi exceção: no trajeto, o motor apagou e não houve jeito de pegar. Abandonei o maldito veículo no meio da rua e segui correndo até a gráfica – onde, enfim, esperava-me o meu livro. Foi uma grande emoção, partilhada por amigos e familiares; minha mãe obrigava os conhecidos a comprar um exemplar. Mas esta fase de encantamento não durou muito. Recebi uma ou duas críticas duras. Pior, relendo o livro eu me dava conta dos problemas, das imperfeições. Chateado, achava que não era escritor coisa alguma, que aquela prática era um

equivoco. Deveria, isto sim, preocupar-me com a carreira médica que breve estaria iniciando.

O fim do curso de medicina coincidiu com uma crise política, social e econômica de proporções significativas. Em 1961, renunciou o presidente Jânio Quadros. Deveria assumir o vice, o gaúcho João Goulart, que estava em viagem pelo exterior e era visto com suspeita por grupos políticos e militares. O golpe foi rapidamente articulado, e, para enfrentá-lo, surgiu no Rio Grande do Sul o movimento da Legalidade. A população foi para as ruas, o governador Leonel Brizola, que, do Palácio Piratini, comandava a resistência, obteve o apoio do poderoso Terceiro Exército, e João Goulart foi empossado, sob um regime parlamentarista. Era apenas uma trégua; o conflito social tinha sido desencadeado e expressava-se na reivindicação das chamadas "reformas de base", a principal das quais era a reforma agrária. Movimentos como as Ligas Camponesas estavam ativos, e nas cidades sucediam-se os protestos e os comícios. Em 1962, o ano de *Histórias de um médico em formação*, completei o curso de medicina. Eleito orador da turma, preparei cuidadosamente o meu discurso. Comecei com os versos de Ferreira Gullar (1930-2016):

*Morrem quatro por minuto
nesta América Latina.
Não conto os que morrem velhos,
só os que a fome extermina.
Não conto os mortos de faca
nem os mortos de polícia,*

*conto os que morrem de febre
e os que morrem de tísica.
Conto os que morrem de boubá,
de tifo, de verminose (...)
Mas todos estes defuntos
morrem de fato é de fome
quer a chamemos de febre
ou de qualquer outro nome.*

E concluí:

Neste momento há uma vanguarda que abre caminho, o autêntico caminho da medicina brasileira. A medicina que só será verdadeira quando a formação universitária for orientada no sentido de uma maior ligação com a realidade brasileira, em vez de ficar isolada dos problemas do nosso povo. A medicina será verdadeira quando os médicos deixarem de gravitar ao redor de uma reduzida minoria de favorecidos.

O médico tem hoje um lugar bem definido na luta pela emancipação social e econômica de nosso povo. Seu lugar é ao lado dos operários, dos trabalhadores rurais, dos estudantes, dos profissionais liberais, dos industriais, dos intelectuais, dos comerciantes, de todos que lutam por um Brasil livre do subdesenvolvimento e da exploração.

Somente nestas condições é que haverá possibilidade de exercer uma verdadeira medicina. Prossigamos juntos, colegas. Hoje, dia da formatura, quando o Brasil nos chama para o caminho da medicina

honestas e realizadoras, podemos responder, como tantas vezes o fizemos no curso médico: estamos presentes.

Como se pode notar na listagem que incluía desde operários até industriais, eu tentava uma fórmula conciliatória. Não funcionou, e o resultado não poderia ter sido pior. O reitor da universidade levantou-se, irritado, e respondeu ao meu discurso interpretando-o como o pensamento de um jovem revoltado. Talvez fosse, mesmo. Mas muita coisa estava certa naquele texto.

Em 1964, o golpe antes evitado veio finalmente a ocorrer. Numa crônica, escrita anos depois, evoquei *Quatro momentos do golpe*:

Da época da ditadura guardo várias recordações, mas quatro momentos foram particularmente significativos.

O primeiro deles me traz de volta a sombria noite de 31 de março de 1964. Eu estava junto com minha namorada (depois minha mulher) Judith, no meu pequeno Fusca, estacionado no Parque da Redenção, em Porto Alegre. Ouvíamos pelo rádio as notícias dos deslocamentos de tropas, que pareciam não encontrar qualquer resistência. Meus sentimentos eram de angústia e, sobretudo, de perplexidade. Eu não podia entender como aquilo estava acontecendo, especialmente depois dos grandes movimentos populares das últimas semanas, o comício da Central do Brasil e outros. Brizola nos garantira que qualquer tentativa golpista seria imediatamente enfrentada por um "mar de sargentos". Onde estava o mar de sargentos? Onde estava a resistência civil?

Em busca de resposta a esta pergunta, no dia seguinte fui à

prefeitura de Porto Alegre, que era administrada pelo PTB, não o atual, o finado PTB de Vargas, Jango e Brizola. De novo, uma surpresa. O lugar estava praticamente deserto; apenas um velho funcionário permanecia na portaria. Disse-lhe que queria me alistar no movimento de resistência e perguntei como poderia fazê-lo. Ele me olhou e disse:

– Meu filho, que eu saiba não tem movimento nenhum. E se tu queres um conselho, vai para a tua casa e fica quieto lá.

Este foi o segundo e doloroso momento. O terceiro me revelou o que o velho município estava antecipando. Eu passava pela rua Andrade Neves, no centro da cidade. Havia ali, no primeiro andar de um prédio, uma pequena livraria comunista, onde o pessoal de esquerda costumava ir para roubar livros (afinal, tratava-se apenas de expropriação). A partir daquele dia não mais o fazia. Em determinado instante surgiram veículos militares que bloquearam a rua. Deles saltaram soldados armados que invadiram o prédio. As janelas da livraria se abriram e, lá de cima, livros começaram a ser jogados e despedaçavam-se na calçada, cena a que uma pequena multidão assistia em silêncio e que me lembrou a queima de livros à época do Terceiro Reich.

O quarto momento me fez sentir o que é ser esmagado pela opressão. Médico recém-formado, fui fazer um concurso público. Já estava sentado no grande salão em que se realizaria a prova, junto com centenas de colegas, quando entrou um homem com um papelzinho na mão. Leu, em voz alta, o meu nome e o nome de outro médico, e pediu que o acompanhássemos. No corredor, disse que não poderíamos fazer o concurso. Temerariamente, resolvi

perguntar a razão daquilo. E a resposta dele até hoje, quarenta anos passados, ressoa em meus ouvidos:

– Eu não sei e, se fosse tu, eu não perguntava.

Quatro momentos. Quatro pequenos momentos. A ditadura foi uma longa noite composta de muitos e terríveis momentos.

Livros eram proibidos e apreendidos (em Porto Alegre, uma exposição de material subversivo mostrava um “manual chinês de guerrilha”: era uma Bíblia em hebraico). Os meios de comunicação, peças de teatro, filmes eram censurados, íamos ao Uruguai para comprar livros e ir ao cinema – até que, lá também, o governo foi derrubado. A impressão que se tinha era de que a ditadura tinha vindo para ficar, para se eternizar, seguindo o modelo de Franco (1892-1975), na Espanha, ou de Salazar (1889-1970), em Portugal, que já tinham décadas de duração. Paralelamente, iniciava-se o processo de desgaste do comunismo, que culminaria com o fim da União Soviética, com a queda do Muro de Berlim e com o isolamento de Cuba.

Agentes da censura fiscalizavam os grandes jornais, nos quais volta e meia apareciam espaços em branco correspondentes às matérias suprimidas. Posteriormente isso foi proibido; as notícias eram substituídas por receitas culinárias ou trechos de *Os Lusíadas*. Escritores tinham menos problemas, mas várias obras ficcionais foram apreendidas.

Não por coincidência, nesta época surgiu, na América Latina (onde as ditaduras eram a regra), o realismo mágico, um estilo que falava no absurdo da nossa realidade de maneira fantasiosa,

metafórica. Em termos de literatura, o fantástico não chegava a ser novidade; já estava presente em Rabelais (1494?-1553?), em Sterne (1713-1768), em Hoffmann (1776-1822). Mas o realismo mágico latino-americano ia mais além, sobretudo por causa do quadro político, econômico e social vigente na América Latina dos anos 60 e 70, caracterizado por movimentos reivindicatórios muito ativos. Além disso, a Guerra Fria estava no auge; o governo revolucionário cubano, apoiado pela União Soviética, era visto como ameaça pelos setores conservadores. E é então que Miguel Ángel Asturias (1899-1974), Carlos Fuentes (1928-2012), Julio Cortázar (1914-1984), Mario Vargas Llosa (1936-) e, principalmente, Gabriel García Márquez, de *Cem anos de solidão* (1967) e *O outono do patriarca* (1975), vão chamar a atenção do público mundial e consolidar o gênero, que será também representado por autores europeus como Ítalo Calvino (1923-1985), Günter Grass (1927-2015) e Salman Rushdie (1947-). O realismo mágico latino-americano caracteriza-se sobretudo pelo humor irônico, satírico, e pela imaginação. Teve repercussão em todo o mundo; era um gênero inovador e até certo ponto exótico (o exotismo representando uma atração para europeus e norte-americanos), que mobilizava a solidariedade da esquerda no mundo.

Para o jovem esquerdista que eu era, representava um apelo poderoso e, de certa forma, ajudou-me a vencer o desânimo em relação à literatura. Formado, eu pensava em dedicar todas as minhas energias à profissão médica. Mas ser ou não escritor nem sempre é questão de decisão pessoal. Quando eu menos esperava, e num gesto quase automático, pegava uma caneta e uma folha de

papel, e escrevia. Fui assim colecionando histórias que, no entanto, guardava na gaveta: aprendera a ter paciência. Ao fim de seis anos, eu tinha uma coleção de textos ficcionais que representavam o melhor que eu podia fazer: se isto não é bom, eu pensava, então não sou mesmo escritor e é melhor largar esta coisa de vez.

Em 1968, ano que marcou o auge da ditadura, ano do Ato Institucional 5, que suprimiu o que restava de liberdade de expressão no país, publiquei, pela pequena e séria editora Movimento, de Porto Alegre, um livro de contos chamado *O carnaval dos animais*. Considerando minha experiência passada, eu estava muito receoso; mas, para minha grata surpresa, o livro teve excelente repercussão e ganhou referências elogiosas daquele que é considerado um dos críticos mais sérios e exigentes do país, Wilson Martins (1921-2010). Um prêmio da Academia Mineira de Letras também ajudou bastante em termos de estímulo.

O carnaval dos animais estava bem sintonizado com a época. O conto era, então, um gênero muito popular, sobretudo entre os mineiros – Wilson Martins dizia que, em Minas, o conto tinha ocupado o lugar do soneto. Além disso, a influência do realismo mágico era mais do que visível. Na maioria das histórias apareciam, como sugere o título, animais ferozes, devoradores, um maldisfarçado símbolo do capitalismo selvagem que eu aprendera a detestar. Fábulas, portanto: pequenas histórias com um recado de protesto.

A isto juntavam-se outras influências, sobretudo a tradição judaica. Fui buscar na Bíblia inspiração para contos que, no entanto, tinham a ver com a realidade cotidiana do Brasil, vista de forma

metafórica.

A Bíblia é uma obra surpreendente. Como se explica que um livro que começou a ser escrito há quase três mil anos ainda tenha tantos leitores? Uma pergunta tanto mais significativa quando se considera que textos envelhecem; não envelhecem tão rapidamente quanto os filmes ou a música popular, mas mesmo assim sofrem os efeitos do tempo.

Uma resposta está no fato de a Bíblia admitir diferentes tipos de leituras e de interpretações. Em primeiro lugar, podemos ver nela um guia ético-espiritual, uma fonte de disposições e de ensinamentos morais e religiosos. Em segundo lugar, podemos pensar a Bíblia como um documento de caráter histórico, expressão de uma cultura milenar. E, finalmente, podemos ler a Bíblia como um conjunto de textos literários.

O que não é difícil, pelo contrário. Para começar, trata-se de um livro eminentemente legível, mesmo em tradução, e mesmo nos dias atuais. Não é leitura monótona, inclusive porque não falta variedade aos textos. São numerosas narrativas; são numerosos gêneros: histórias, poemas, ditos, profecias. As histórias são vividas por personagens bem delineados, paradigmáticos. Caim, por exemplo, personifica a inveja como ninguém.

A narrativa bíblica é sintética, econômica. O narrador não perde tempo com a descrição de paisagens, de lugares ou mesmo de personagens; isto tudo fica a cargo da imaginação do leitor. O que interessa é o que aconteceu, e a lição que daí se pode extrair.

A Bíblia frequentemente utiliza formas diferentes e originais. É o caso da parábola, uma narrativa muito curta (algumas linhas) que

sempre termina com uma mensagem. A parábola fascinou grandes escritores, entre eles Franz Kafka. E às parábolas de Kafka não falta também uma mensagem; elas antecipam a tentação do autoritarismo, o menosprezo do ser humano que caracterizariam o nazismo e o stalinismo.

O conto que segue, de *O carnaval dos animais*, une a Bíblia ao realismo mágico e às fábulas de animais.

As ursas

O profeta Eliseu está a caminho de Betel. O dia é quente.

Insetos zumbem no mato. O profeta marcha em passo acelerado.

Tem missão importante em Betel.

De repente, rapazinhos correm-lhe no encalço, gritando:

– Anda, calvo! Anda, calvo!

Volta-se Eliseu e amaldiçoa-os em nome do Senhor; pouco depois, saem da mata duas grandes ursas e devoram 42 meninos: doze a menor, trinta a maior.

A ursa menor tem digestão ativa; os meninos que caem em seu estômago são atacados por fortes ácidos, solubilizados, reduzidos a ínfimas partículas. Somem.

O mesmo não acontece aos trinta meninos restantes. Descendo pelo esôfago da grande ursa, caem no enorme estômago. Ali ficam. A princípio, transidos de medo, abraçados uns aos outros, mal conseguem respirar; depois, os menores começam a chorar e a se lamentar, e seus gritos ecoam lugubrememente no amplo recinto: "Ai de nós! Ai de nós!"

Finalmente, o mais velho acende uma luz, e eles se veem num lugar semelhante a uma caverna, de cujas paredes anfractuosas escorrem gotas de um suco viscoso. O chão está juncado de resíduos semiapodrecidos de antigas presas: crânios de bebês, pernas de meninas. "Ai de nós!", gemem. "Vamos morrer!"

Passa o tempo e, como não morrem, se animam. Conversam, riem: fazem brincadeira, pulam, correm, jogam-se detritos e restos de alimentos.

Quando cansam, sentam e falam sério. Organizam-se, traçam planos.

O tempo passa. Crescem, mas não muito; o espaço confinado não permite. Tornam-se curiosa raça de anões, de membros curtos e grandes cabeças, onde brilham olhos semelhantes a faróis, sempre a perscrutar a escuridão das entranhas. E ali fazem a sua cidadezinha, com casinhas muito bonitinhas, pintadas de branco. A escolinha. A prefeiturazinha. O hospitalzinho.

São felizes. Esqueceram o passado. Restam vagas lembranças, que com o tempo adquirem contornos místicos.

Rezam: "Grandes Ursas, que estais no firmamento...". Escolhem um sacerdote – o Grande Profeta, homem de cabeça raspada e olhar terrível; uma vez por ano flagela os habitantes com o Chicote Sagrado. Fé e trabalho, exige. O povo, laborioso, corresponde. Os celeirinhos transbordam de comidinhas, as fabricazinhas produzem milhares de belas coisinhas.

Passa o tempo. Surge uma nova geração. Depois de anos de felicidade, os habitantes se inquietam: por um estranho atavismo, as crianças nascem com longos braços e pernas, cabeça bem

proporcionada e meigos olhos castanhos. A cada parto, inquietude. Murmura-se. "Se eles crescerem demais, não haverá lugar para nós." Cogita-se planificar os nascimentos. O governinho pensa consultar o Grande Profeta sobre a conveniência de executar os bebês tão logo nasçam. Discussões infinitas se sucedem.

Passa o tempo. As crianças crescem e se tornam um bando de poderosos rapazes. Muito maiores que os pais, ninguém os contém. Invadem os cineminhas, as igrejinhas, os clubinhos. Não respeitam a polícia. Vagueiam pelas estradinhas.

Um dia, o Grande Profeta está a caminho de sua mansãozinha quando os rapazes o avistam. Imediatamente correm atrás dele, gritando:

– Anda, calvo! Anda, calvo!

Volta-se o profeta e os amaldiçoa em nome do Senhor.

Pouco depois, surgem duas ursos e devoram os meninos: 42.

Doze são engolidos pela urso menor e destruídos. Mas trinta descem pelo esôfago da urso maior e chegam ao estômago – grande cavidade, onde reina a mais negra escuridão. E ali ficam chorando e se lamentando: 'Ai de nós! Ai de nós!'

Finalmente, acendem uma luz.

A passagem bíblica na qual este conto se baseia sempre me impressionou, sobretudo pela desproporção entre a suposta falta dos garotos e a cruel punição. Afinal, chamar alguém de careca não chega a ser um insulto, como o sabem todos aqueles que têm pouco cabelo; um sambinha brasileiro do passado até garantia, misericordiosamente, que "é dos carecas que elas gostam mais". Um

estudioso da Bíblia explicou-me que o deboche tinha uma conotação ligada à época: os jovens podiam estar comparando Eliseu com os sacerdotes do deus Baal, que raspavam a cabeça – e Baal era uma divindade adorada por povos inimigos dos hebreus. A ofensa seria, portanto, mais grave do que parece.

De qualquer modo, como constatei depois de ter escrito o conto, eu não estava me referindo à Bíblia, mas sim à conjuntura do país. As ursas podiam ser vistas como um símbolo da ditadura, que, por assim dizer, engolira a população. Mas mesmo do escuro ventre da repressão vozes continuariam a clamar por liberdade.

Em *O carnaval dos animais* havia também uma mensagem contra a intolerância em geral. Desta mensagem é exemplo o conto *Os leões*, um dos primeiros que escrevi. Nesta curta história, pessoas tratam de projetar sua agressividade sobre os leões, vistos como feras perigosas.

Os leões

Hoje não, mas há anos os leões foram um perigo. Milhares, milhões deles corriam pela África, fazendo estremecer a selva com seus rugidos. Houve receio de que chegassem a invadir a Europa e a América. Wright, Friedman, Mason e outros lançaram sérias advertências a respeito. Foi decidido então exterminar os temíveis felinos. O que foi feito da maneira que se segue.

A grande massa deles, concentrada perto do Lago Tchad, foi destruída com uma única bomba atômica de média potência, lançada de um bombardeiro, num dia de verão. Quando o

característico cogumelo se dissipou, constatou-se, por fotografias, que o núcleo da massa leonina tinha simplesmente se desintegrado. Rodeava-o um setor de cerca de dois quilômetros, composto de postas de carne, pedaços de ossos e jubas sanguinolentas. Na periferia, leões agonizantes.

A operação foi classificada de "satisfatória" pelas autoridades encarregadas. No entanto, como sempre acontece em empreendimentos dessa envergadura, os problemas residuais constituíram-se, por sua vez, em fonte de preocupação. Tal foi o caso dos leões radioativos que, tendo escapado à explosão, vagueavam pela selva. É verdade que cerca de vinte por cento deles foram mortos pelos zulus nas duas semanas que se seguiram à explosão. Mas a proporção de baixas entre os nativos (dois para cada leão) desencorajou mesmo os peritos mais otimistas.

Tornou-se necessário recorrer a métodos mais elaborados. Para tal criou-se um laboratório de treinamento de gazelas, cujo objetivo primário era liberar os animais do instinto de preservação. Seria fastidioso entrar nos detalhes deste trabalho, aliás muito elegante; é suficiente dizer que o método utilizado foi o de Walsh e colaboradores, uma espécie de brain washing adaptado a animais. Conseguido um número apreciável de gazelas automatizadas, foi ministrada nas mesmas uma forte dose de um tóxico de ação lenta. As gazelas procuraram os leões, deixaram-se matar e comer; as feras, ingerindo a carne envenenada, vieram a ter morte suave em poucos dias.

A solução parecia ideal, mas havia uma raça de leões (poucos, felizmente) resistente a este e a outros poderosos venenos. A tarefa

de matá-los foi entregue a caçadores equipados com armamento sofisticado e ultrassecreto. Desta vez, sobrou apenas um exemplar, uma fêmea que foi capturada e esquartejada perto de Brazzaville. Descobriu-se no útero da leoa um feto viável; pouco radioativo, o animalzinho foi criado em estufa. Visava-se, com isto, a preservação da fauna exótica.

Mais tarde o leãozinho foi levado para o zoo de Londres, onde, apesar de toda a vigilância, foi assassinado por um fanático. A morte da pequena fera foi saudada com entusiasmo por amplas camadas da população.

– Os leões estão mortos! – gritava um soldado embriagado. – Agora seremos felizes!

No dia seguinte, começou a guerra da Coreia.

À Bíblia eu voltaria muitas vezes em busca de inspiração. Em *O olho enigmático*, livro de contos publicado em 1988, abordei o tema das pragas com as quais Jeová castigou os egípcios quando o faraó não permitiu a partida dos hebreus. O que temos aqui são as pragas vistas por aqueles que sofrem os efeitos delas.

As pragas

AS ÁGUAS SE TRANSFORMAM EM SANGUE

Nossa vida era regulada por um ciclo aparentemente eterno e imutável. Periodicamente subiam as águas do grande rio, inundando os campos e chegando quase até nossa casa; depois baixavam, deixando sobre a terra o fértil limo. Era a época do plantio.

Arávamos a terra, lançávamos a semente, e meses depois as espigas douradas balançavam ao sol.

E então vinha a colheita, e a festa da colheita, e de novo a cheia. Ano após ano.

Éramos felizes. Eventualmente tínhamos problemas; doença na família, uma desavença qualquer, mas de maneira geral éramos felizes, se feliz é o adjetivo que qualifica uma existência sem maiores preocupações ou sobressaltos. Claro, éramos pobres; faltava-nos muita coisa. Mas aquilo que faltava não nos parecia importante.

Éramos seis na pequena casa: meus pais, meus três irmãos e eu. Todos dedicados à faina agrícola. Mais tarde aprendi o ofício de escrever; foi desejo do meu pai, acho que ele queria que eu contasse esta história; aqui está a história.

Uma tarde passeávamos, como era nosso costume, às margens do rio, quando minha irmã notou algo estranho. – Repara – disse ela – na cor dessa água. – Olhei e de imediato não vi nada de estranho. Era uma água barrenta, porque o nosso rio não era nenhum desses riachos de água cristalina que corre trêfego entre as pedras, na montanha; era um volumoso curso d'água, que vinha de longe, fluindo lento e arrastando consigo a terra das margens (que nos importava? Não era nossa terra); grande animal, quieto mas poderoso, que adquirira ao longo dos séculos o direito ao seu leito largo. Não era um rio bonito, isso não era; mas não queríamos que adornasse a paisagem, queríamos que se integrasse ao ciclo de nossa vida e de nosso trabalho, e ele o fazia. Não precisávamos contemplá-lo em êxtase. Secreta gratidão bastava.

Mas realmente havia algo estranho. A cor das águas tendia mais

para o vermelho do que para o ocre habitual. Vermelho? Não fazia parte da nossa vida. Não havia nada vermelho ao nosso redor; flores vermelhas, por exemplo. Aliás, flor era coisa que não plantávamos. Não podíamos nos permitir esse luxo. Por outro lado, é verdade que, às vezes, ao crepúsculo, o céu se tingia de cores diversas, e, entre elas, o escarlate. Mas a essa hora já estávamos em casa. Dormíamos cedo.

Minha irmã (em algum tempo ela poderia ser reconhecida como expoente do novo espírito científico) deteve-se. Paramos também, surpresos. Deixando-nos para trás, deixando para trás o grupo familiar, a própria família, a carne de sua carne, o sangue de seu sangue (atenção, aqui: o sangue de seu sangue), ela se adiantou, vivaz como sempre, e entrou no rio. Abaixou-se, apanhou alguma coisa que examinou atentamente e depois nos trouxe.

– Que é isso? – perguntou meu pai, e notei então a ruga em sua testa; a ruga que raramente aparecia, mas que era um sinal ominoso, como o eram certos pássaros negros que, por vezes, esvoaçavam na região e sempre anunciavam a morte de um dos raros vizinhos.

– Não sabem o que é? – Minha irmã, com aquele sorriso superior que tanto irritava mamãe: “Essa menina pensa que sabe tudo, mas ainda não descobriu um jeito de nos livrar da pobreza”. – É um coalho. Um coalho de sangue.

Estranho: um coalho de sangue flutuando nas águas de nosso rio. Nosso pai, que para tudo sempre se sentia na obrigação de prover explicações (se possível, lógicas), aventou a possibilidade de se tratar do sangue de um animal, talvez sacrificado no rio. – Há

supersticiosos – garantiu – que pretendem com tais práticas controlar a natureza, ritmando cheias e vazantes de acordo com o período de sementeira. Tólice explicável pela eterna credência humana.

Sim – mas, e a coloração das águas do rio? Quanto a isso, nada disse, e nem ninguém perguntou.

Voltamos para casa. Minha irmã caminhava a meu lado, silenciosa. De repente: – Nosso pai está errado – ela disse, e aquilo me encheu de temor. Filha falando assim de pai? Moça que, a rigor, deveria ficar em casa ajudando a mãe, e que só vinha ao campo por especial concessão do chefe da família? Mas já prosseguia, sem notar a minha perturbação: – Com um desses dispositivos capazes de aumentar extraordinariamente o tamanho das coisas – disse –, veríamos corpúsculos de vários tamanhos, sendo muitos avermelhados –; daí vinha a coloração da água.

– Em outras palavras – concluiu, olhando-me fixo –, o rio transformou-se em sangue.

Sangue! Sim, era sangue, e eu o sabia desde o início. Apenas não me atrevera a mencionar a palavra, e muito menos com a segurança e a facilidade com que ela o fazia. Sangue!

Nosso pai não ouviu, ou fingiu não ouvir. Mas nos dias que se seguiram, até ele teve de admitir a transformação. O rio que corria diante de nós era um rio de sangue. E não havia para isso nenhuma explicação possível. Nem das veias de todos os animais do mundo, abatidos ao mesmo tempo, saíria tamanho caudal. Estávamos diante de um fenômeno insólito e aterrador. Minha mãe chorava dia e noite, convencida de que o fim dos tempos estava próximo.

Meu irmão mais velho, rapaz prático (e talvez por isso o preferido de nosso pai), pensava em tirar proveito da situação vendendo o sangue para exércitos estrangeiros, já que, como se sabe, a hemorragia em soldados malferidos era comum causa de óbito. Mas isso não seria possível: mesmo nas águas do rio, e à menor manipulação ou turbulência, formavam-se de imediato coágulos. De tamanho descomunal: volta e meia avistávamos macacos neles encarapitados.

Nosso pai não se deixou abater. Procurou de imediato uma solução para o problema. Ao cabo de algum tempo, descobriu que, cavando poços ao longo do rio, conseguia água pura; ao que parece, a areia da margem filtrava o sangue (todo o sangue? Mesmo as elementares partículas de que falava a minha irmã? Isso não ousei perguntar. Nem ela falou a respeito. As tais partículas integraram-se ao rol das coisas embaraçosas, não verbalizadas, que existem em todas as famílias; numas mais, noutras menos. Palavras não pronunciadas pairam nos lares como espectros, sobretudo nas noites opressivas em que não se consegue dormir e em que todos, olhos abertos, fitam um mesmo ponto do forro da casa. O lugar exato em que, no sótão, está o esqueleto insepulto).

Construímos uma cisterna. Dia e noite, sem cessar, nós a enchíamos com cântaros. E assim tínhamos água para beber, para cozinhar, para irrigar a plantação. Até que um dia as águas do rio começaram a clarear; os coágulos desapareceram. Aparentemente, tudo estava voltando ao normal. – Vencemos – bradava nosso pai, enquanto nossa mãe chorava de alegria.

RÃS

Júbilo precoce, o do nosso pai, como haveríamos de constatar. Um dia, apareceu uma rã na cozinha. Rãs não eram raras na região, e aquela era uma rã absolutamente comum, com o tamanho e a aparência habituais em tais batráquios. Surpreendia que se tivesse aventurado tão longe, mas o fato mereceu apenas um comentário qualquer, bem-humorado, de nosso pai. No mesmo dia encontramos várias rãs na plantação; e à beira do rio havia dezenas delas, coaxando sem cessar. Aquilo já era intrigante, mas, segundo afirmou nosso pai, ainda dentro dos limites do normal, já que amplas variações não são raras nos fenômenos naturais.

Mas era muita rã... E nos dias que se seguiram se multiplicaram ainda mais. Estava ficando desagradável a situação. Caminhávamos esmagando rãs; para comer, tínhamos de removê-las da mesa; e à noite as encontrávamos em nossos catres.

Mas mesmo assim não perdíamos o bom humor. Meu irmão caçula até adotou um dos batráquios como bicho de estimação. Durante alguns dias andou com a rãzinha para cima e para baixo; alimentava-a com moscas e embalava-a para dormir. Uma noite ela fugiu; foi impossível identificá-la entre milhares, milhões de outras rãs que agora saltavam por ali. Nosso pai ria da perturbação do menino, mas nossa mãe não achava graça: remover de casa tantas rãs estava ficando uma tarefa difícil.

Já meu irmão mais velho pensava em tirar proveito da situação.

– Há quem coma rãs – garantia. – Trata-se de uma carne delicada, semelhante à do frango. Naturalmente, só poderemos aproveitar as coxas, mas se as lavarmos rapidamente em água fria; se as deixarmos de molho em vinho, com noz-moscada e pimenta;

se as embebermos depois em creme de leite; se as passarmos em farinha de trigo; se as fritarmos na manteiga; se arrumarmos, enfim, as coxas numa travessa, teremos, estou seguro, um prato delicioso. Tudo consiste, pois, em divulgar bem as receitas e comercializar adequadamente o produto, vencendo a natural, mas inexplicável, repugnância.

O projeto parecia bom, mas não pôde ser levado adiante. A invasão de rãs ocorria em toda a região; ninguém queria ouvir falar dos batráquios, muito menos comê-los. Meu pai acabou por se irritar. – Isso é coisa de nossos governantes – disse –, essa gente não se preocupa conosco; só se lembram dos agricultores na hora de recolher os impostos.

Como que em resposta às suas queixas, apareceu, no dia seguinte, um enviado do governo. Nós o conhecíamos: era um antigo vizinho, apelidado de Manco porque tinha um defeito numa perna. Não podendo trabalhar, esse homem se dedicava à magia. Verdade que sem muito sucesso, mas, como tinha bons contatos, conseguira um alto cargo na administração central. E agora enviavam-no para verificar a situação.

Nós o acompanhamos, enquanto ele, penosamente, caminhava ao longo do rio, tropeçando de vez em quando nos batráquios amontoados na areia. – Quanta rã – exclamava admirado –, quanta rã.

– E então? – perguntou nosso pai, impaciente, ao término da inspeção. – É possível fazer alguma coisa?

– Certamente – sorriu. – Assim como elas apareceram, podem sumir.

– E como é que apareceram? – insistiu nosso pai.

– Não sabem? – ele, surpreso. – É uma praga. Uma praga que nos rogaram aqueles escravos que trabalham na construção dos monumentos. Estão revoltados; e dizem que o deus deles está nos castigando. A nós, os poderosos! Vejam que atrevimento.

Nosso pai estava perplexo. Nunca apelava a divindades; não lhe parecia justo. Achava que o ser humano tinha de sobreviver por suas próprias forças, sem auxílio de entidades misteriosas. De outra parte: poderosos, nós? Nós que trabalhávamos arduamente, que não explorávamos ninguém? O mago prometeu para breve a erradicação das rãs, e aquilo nos acalmou um pouco, mas deixou desconsolado meu irmão menor, que se pôs a chorar, pedindo ao homem que poupasse sua rã de estimação, onde quer que ela estivesse. O homem disse que levaria em conta o pedido. Não o fez.
MOSQUITOS, MOSCAS

As rãs sumiram, mas, dias depois de seu desaparecimento, nuvens de mosquitos invadiram a região, atacando-nos ferozmente. Não podíamos trabalhar, não podíamos dormir; os mosquitos não nos davam trégua. Minha irmã aventou a hipótese de um desequilíbrio ambiental (as rãs, dizia ela, devoravam os mosquitos; depois da morte dos batráquios, os insetos proliferaram), e meu irmão maior pensava em comercializar um repelente à base de esterco de vaca, mas o nosso pai não queria saber de explicações nem de projetos audaciosos. Matava os mosquitos com suas grandes mãos:

– Eu mostro a esse deus! Eu mostro!

Tudo inútil. Quando os mosquitos finalmente desapareceram,

surgiram as moscas – enormes moscas-varejeiras que zumbiam ao nosso redor. Sem nos picar, mas atormentando-nos tanto quanto os mosquitos.

– Por que não os deixam ir embora? – perguntava minha mãe, angustiada. Referia-se aos que construíam os monumentos. Nós, os filhos, considerávamos lógica a colocação, mas meu pai estava cada vez mais indignado. Não, ele não queria que os tais saíssem; nem os conhecia, mas queria que ficassem; agora queria que ficassem.

– Para ver até onde esse deus deles vai. Só para ver até onde vai. Sangue, rãs, mosquitos, moscas, só quero ver até onde vai – dizia, ordenhando furiosamente as vacas (tínhamos duas), que agitavam as caudas na inútil tentativa de se proteger contra as pertinazes varejeiras.

PESTE

Certa manhã, uma das vacas amanheceu morta. Desta vez minha mãe perdeu a paciência; pôs-se a gritar, acusando o marido de ter provocado a morte do animal com seus maus-tratos. Nosso pai não disse nada. Mirava fixo o próprio braço, ali onde aparecia o primeiro dos

TUMORES

Haveria uma vinculação entre o olhar e o tumor? Poderia a intensa emoção daquela mirada, na qual se misturavam (em proporções variáveis segundo o momento) o ódio e o desafio, a amargura e mesmo a ironia; poderia aquele olhar ter induzido no tegumento do homem um processo patológico, traduzido primeiro por uma dolorosa saliência e logo por uma fétida ulceração? Minha irmã não tinha resposta para a questão; nem ela nem ninguém.

Quanto a meu pai, calava. Nada disse quando as lesões se espalharam por seu corpo, nem quando elas se manifestaram na mulher e nos filhos. Cerrava os maxilares e atirava-se ao trabalho, lavrando, semeando, arrancando com fúria as ervas daninhas. Apesar de tudo, o trigo haveria de crescer viçoso; apesar de tudo, teríamos farta colheita. Ao menos era o que esperávamos, quando caiu o

GRANIZO

Uma coisa súbita: uma tarde, pesadas nuvens toldaram o sol, o vento começou a soprar – e de repente foi aquela saraivada de pedras de gelo, algumas do tamanho de um punho cerrado. Parte do trigal foi destroçada. Nosso pai, imóvel, sombrio, parecia aturdido diante do desastre. "Até quando", minha irmã ouviu-o perguntar; "até quando?" E para esta questão, fomos obrigados a admitir, nem os mais espertos em prever o tempo teriam uma resposta satisfatória. Mesmo porque a próxima praga nada teria a ver com meteorologia. Breve estaríamos enfrentando os

GAFANHOTOS

Passam-se os dias e, uma tarde, estamos todos sentados à frente da casa, quando um vizinho vem correndo. Ofegante, dá-nos a notícia: – Gafanhotos se aproximam. Uma nuvem imensa, trazida pelo vento forte que sopra do sul. Mais uma praga!

Nosso pai põe-se de pé. Expressão de determinação no rosto:

– Chega! Agora chega! Lutaremos – decide. – Lutaremos com todas as nossas forças contra os desígnios desse deus que não conhecemos, que não adoramos e que se vale de nós para obscuros propósitos. Quem é esse deus, afinal? – grita ele, e sua voz ecoa

longe. Sem resposta.

Traça planos. De deuses, nada sabe; de gafanhotos, sim. Insetos vorazes, podem acabar com o que sobra do trigal em poucos instantes. É necessário impedir que pousem. Como? – Barulho – diz meu pai. – Temos de fazer, sem cessar, muito barulho. Barulho assusta os gafanhotos. Barulho livrar-nos-á do mal.

Na madrugada seguinte nos colocamos junto à plantação. Em fileira, imóveis, voltados para o sul. Nossa mãe, o primogênito, eu, minha irmã, o caçula. Cada um de nós segurando uma vasilha de metal (cinco: são todas as que temos) e uma pedra. Estamos imóveis; apenas o vento agita nossos cabelos. Como sei que o vento agita nossos cabelos? Bem, é verdade que agita os cabelos deles: de meus irmãos, da minha mãe, do meu pai; mas não posso ver o vento agitar meus cabelos, isso não posso. Algo sinto, no couro cabeludo; pode ser o vento agitando os meus cabelos; pode também ser um equívoco, dado que meus cabelos são curtos, mais curtos que os dos outros (gosto de cortá-los rente), e além disso duros: a falta de banho, claro, nos últimos tempos. Pode ser um equívoco, resultante da vontade que tenho de que o vento me agite os cabelos, como faz com os cabelos de todos. Pode ser ansiedade... Em suma, a dúvida se apossou de mim, e creio (tanto quanto pode crer alguém que duvida) que não mais me abandonará. Deus conseguiu os seus desígnios.

Nosso pai, testa franzida, passa em revista o seu pequeno exército. Conta conosco; ou imagina que conta conosco, que estamos com ele. Estamos? Posso falar por mim: estou. Mas estou mesmo? Inteiramente? Completamente? E o que dizer de certos

inexplicáveis sentimentos? E o que dizer de certas dilacerantes dúvidas? Deus agora habita em mim. Dentro de mim crescerá, e prosperará, e triunfará. Estou perdido. Estamos perdidos.

Olhamos para o sul. Para o sul e para o alto. Nosso pai está a meu lado. Só posso vê-lo de soslaio; não posso mirá-lo nos olhos, mas posso adivinhar os múltiplos componentes de seu olhar. O ódio. A amargura. A incredulidade. A zombaria. O desamparo.

"Por quê?", é a indagação contida, entre outras, nesse olhar. Muda, angustiada indagação.

De repente, um surdo rumor. Meus cabelos, sinto-o (ou penso que o sinto), arrepiam-se. Perscruto ansioso o horizonte; lá surge, a princípio tênue e pequena, logo maior e mais densa, a nuvem escura. São eles, os gafanhotos. É o vento quente que os traz.

Em poucos minutos chegam até onde estamos. É um pesadelo, os bilhões de grandes insetos zunindo ao nosso redor.

– Barulho! – grita meu pai, mas sua voz é abafada pelo espantoso zunir dos gafanhotos. – Barulho!

Barulho é o que fazemos, golpeando como possessos as vasilhas. Mas é inútil: a nuvem de gafanhotos já pousou, o chão está coberto de uma massa movediça.

– O trigo! – grita meu pai. Corremos para lá, tentamos remover os bichos com as mãos e os pés. Logo, porém, desistimos; o trigo, o que restou dele após o granizo, é inteiramente devorado, espigas, folhas, caules, tudo. O caçula ri, bate palmas, divertido: na sua inocência, pensa que aquilo tudo é uma brincadeira. – Fica quieto – berra meu irmão mais velho –, sai daqui. – Deixa que se divirta – grita minha mãe, em meio ao infernal barulho dos gafanhotos. – É

uma criança, é inocente. E pelo menos um de nós não sofre. – Meu irmão, desconfiado (tal é o efeito da desgraça: filho, e mais velho, passa a suspeitar da própria mãe), nada responde. Continua a bater em sua vasilha, já toda amassada.

Minha irmã apanha um dos insetos e põe-se a examiná-lo, alheia ao que se passa a seu redor.

– Sim – murmura ela –, são gafanhotos. Mas...

– Mas o quê? – grito, impaciente. – O que foi que descobriste? É importante?

Minha irmã sacode a cabeça.

– Não sei. Me parecem estranhos esses bichos.

Nosso pai aproxima-se. Olha-nos. Está lívido; treme como se tivesse febre, seus dentes matraqueiam. Indaga algo a minha irmã; ela não entende. Ele então repete a pergunta: quer saber se os gafanhotos são comestíveis. Olhamo-nos surpresos, assustados – terá a tragédia lhe tirado o juízo? Mas não será minha irmã que perderá o sangue-frio numa situação dessas: – Sim – responde cautelosa –, no sul há gente que come gafanhotos.

Meu pai, então, apanha mancheias dos insetos, põe-se a devorá-los. E exorta-nos a imitá-lo: – Comam, comam enquanto eles ainda têm o nosso trigo dentro deles. – Desviamos os olhos para não ver a cena. Meu pai começa a vomitar. – Vamos levá-lo para casa – diz meu irmão mais velho, numa voz imperiosa. Voz de quem assumiu o comando: pai que fraqueja diante de gafanhotos, pai que vomita (mesmo depois de ter comido insetos) não merece confiança. Não pode chefiar uma família. Atrás de meu irmão, marchamos para casa. O caçula vai quieto, estranhamente quieto. É, deduzirei depois,

portador de uma oculta premonição, dessas que às vezes ocorrem às crianças, e que lhe permite prever, com vários dias de antecedência, a

MORTE DO PRIMOGÊNITO

Durante os dias que meu pai permaneceu no leito, delirando com febre alta, meu irmão mais velho tomou conta da família. Ordenhava a única vaca que nos restava, distribuía o leite entre nós, enquanto expunha seus planos: enterraria os gafanhotos mortos, e assim adubaria a terra; instalaria um moinho flutuante para moer o grão; exportaria a farinha para regiões longínquas. E contava conosco para esse intenso programa de trabalho.

Nesse meio-tempo, nosso pai se recuperou. De novo sentou-se à cabeceira da mesa (ainda que nada houvesse para comer); de novo dava-nos ordens com seu vozeirão autoritário. O que meu irmão mais velho não podia aceitar. Simplesmente não podia aceitar. Teimosamente recusava-se a obedecer; um dia, diante de todos nós, nosso pai o amaldiçoou. Meu irmão, ultrajado, exigiu que ele se retratasse. E como nosso pai se recusasse a fazê-lo, foi-se, batendo a porta. No dia seguinte, chegou o mensageiro trazendo a notícia: os primogênitos estavam condenados. O Anjo da Morte passaria em breve para feri-los com sua espada. Estávamos todos à mesa nesse momento; a reação de meu irmão mais velho foi espantosa. Pôs-se de pé, trêmulo, os olhos esbugalhados:

– Eu? Por que eu? Eu que sempre ajudei em casa, eu que sempre cuidei de meus irmãos? Eu devo morrer? É justo isso? Respondam-me: é justo isso?

O caçula ria, pensando que era uma brincadeira. Já nosso pai

permanecia quieto, imóvel; quietos e imóveis estávamos também minha irmã e eu, nós dois de olhos baixos. Meu irmão correu para minha mãe, abraçou-a e rompeu num pranto convulso que se prolongou por... Quanto tempo? Não sei. Não estava atento ao tempo, então, aos dias que deslizavam lentos e pesados como os troncos que desciam o rio. Mas creio que chorou muito tempo. De repente levantou a cabeça, mirou-nos desafiador. – Não vou me entregar – disse. – Não vou morrer sem lutar. – Abriu a porta e saiu. Tinha dezoito anos.

Não voltou naquele dia, nem no dia seguinte. Teria fugido? Teria sido abatido pelo Anjo da Morte como um cervo varado, em pleno salto, pela lança do caçador? Nossos temores não se confirmaram: ele regressou ao cair da noite, exausto mas excitadíssimo. Tinha, disse, algo muito importante a nos comunicar: descobrira um meio de escapar à morte certa.

– O Anjo da Morte ferirá, sim, os primogênitos. Mas passará por sobre as casas em cujos portais haja uma marca feita com o sangue de um animal sacrificado!

Nós o olhávamos. O caçula, muito espantado. Minha irmã e eu, bastante espantados. Pai e mãe – bem, não sei; se estavam espantados, não sei, não o demonstraram. Mas, independente do grau individual de espanto, ficamos imóveis, a mirá-lo. Ele:

– Mas será que vocês não entenderam? – gritou. – Eu estou salvo! Praticamente salvo!

Praticamente: foi o que ele disse. Palavra que a mim parecia pouco usual e até mesmo estranha, até mesmo suspeita, com um quê de malignidade (os fatos posteriores só vieram a confirmar essa

má impressão; apenas recentemente, mais familiarizado com as palavras e com certos fatos da vida é que pude aceitar, com dificuldade embora, o advérbio. Praticamente! Estremeço). Fico me perguntando se não foi essa palavra, esse "praticamente" que precipitou tudo: porque, de repente, ele correu para o meu pai, agarrou-o pelos ombros, sacudiu-o (era forte, o rapaz, só que tal força de nada lhe adiantou):

– Eu estou salvo, pai! Basta que sacrifiques um animal. Mata a vaca. Colhe o sangue numa vasilha, derrama-o sobre a nossa porta. Usa muito sangue, todo o sangue. Que não fique em dúvida o Anjo da Morte; que passe por cima de nossa casa; que se vá; que me poupe!

Olharam-se, naquele momento. Que classe de olhar era (o de um; o de outro; o de ambos), não posso dizer. Estavam de perfil. Eu via narizes, via lábios apertados; mas olhos não vi. Poderia, se dotado de especial imaginação, ter tornado (sob forma de raios luminosos, por exemplo, de variada cor e intensidade) visíveis os olhares, mas ainda assim – como interpretá-los? Mais que isso, como separar, na completa superposição das radiações luminosas, o que era o olhar de um e o de outro? Como enquadrá-los na complexa classificação de sentimentos e emoções usada pelos seres humanos e com a qual eu à época distava muito de estar familiarizado? Nem mirando-os de frente poderia descrever adequadamente a expressão de seus olhares. Nem mesmo sei se se olhavam. Estavam de frente um para o outro; mas um deles, o mais velho ou o mais novo, poderia estar mirando o sul, mirando o norte, mirando o ponto de onde supostamente deveria vir o Anjo da Morte. E quem é capaz de

identificar os componentes de um tal tipo de olhar? Ou, dito de outro modo: como é que uma pessoa espera a morte (em geral)? Como espera a morte, quando é da sua morte que se trata? Como espera a morte, quando é da morte de seu primogênito que se trata? Pai olhando filho que vai morrer logo, filho olhando pai que depois morrerá – quem é capaz de descrever tais olhares? Tais são os dilemas que surgem em tempos de pragas.

As mãos do primogênito afrouxaram, seus braços tombaram, impotentes. – Vocês não matarão a vaca – murmurou. Sim, mais que uma suposição era uma afirmação, mas que diabos queria ele dizer? Que não queríamos salvar sua vida? Que não deveríamos matar a vaca, agora nossa única fonte de alimento? Que ele amava a vaca, de cujo leite bebera desde criança? Enfim, que conversa era aquela?

Não chegamos a saber. Sem um suspiro, tombou pesadamente. Meu pai ainda tentou ampará-lo, mas simplesmente não conseguiu segurá-lo: estava muito fraco, o pai. De gafanhotos, jamais alguém se nutriu adequadamente.

Enterramos nosso irmão na manhã seguinte. Não foi o único primogênito enterrado naquele dia, pelo que soubemos. Mas aquela foi a última das pragas. Desde então deus algum tem nos incomodado; não apreciavelmente, ao menos; uma que outra colheita arruinada, um pequeno desastre, mas nada sério. Nada sério. Pode-se dizer o seguinte (e a frase até que não é das mais empoladas, para quem termina uma narrativa): a vida prossegue seu curso, num ciclo aparentemente eterno.

Nesta história, o primogênito é o bode expiatório para as tensões geradas numa sombria situação. Em *O carnaval dos animais* há uma história na qual também temos uma vítima, aparentemente resultante de uma relação predatória entre um ser humano e um animal. Mas, como as outras histórias do livro, esta tem caráter metafórico. Pode representar uma reflexão acerca da relação entre exploradores e explorados. Ou uma reflexão sobre a condição da mulher. Ou uma alegoria edipiana. Acho que qualquer interpretação destas pode servir. Ou todas elas, e mais algumas.

A vaca

Numa noite de temporal, um navio naufragou ao largo da costa africana. Partiu-se ao meio e foi ao fundo em menos de um minuto. Passageiros e tripulantes pereceram instantaneamente. Salvou-se apenas um marinheiro, projetado a distância no momento do desastre. Meio afogado, pois não era bom nadador, o marinheiro orava e despedia-se da vida, quando viu a seu lado, nadando com presteza e vigor, a vaca Carola.

A vaca Carola tinha sido embarcada em Amsterdã.

Excelente ventre, fora destinada a uma fazenda na América do Sul.

Agarrado aos chifres da vaca, o marinheiro deixou-se conduzir; e assim, ao romper do dia, chegaram a uma ilhota arenosa onde a vaca depositou o infeliz rapaz, lambendo-lhe o rosto até que ele acordasse.

Notando que estava numa ilha deserta, o marinheiro rompeu em

prantos: – Ai de mim! Esta ilha está fora de todas as rotas! Nunca mais verei um ser humano! – Chorou muito, prostrado na areia, enquanto a vaca Carola fitava-o com os grandes olhos castanhos.

Finalmente, o jovem enxugou as lágrimas e pôs-se de pé.

Olhou ao redor: nada havia na ilha, a não ser rochas pontiagudas e umas poucas árvores raquíticas. Sentiu fome; chamou a vaca: – Vem, Carola! – Ordenhou-a e bebeu leite bom, quente e espumante. Sentiu-se melhor; sentou-se e ficou a olhar o oceano. “Ai de mim”, gemia de vez em quando, mas já sem muita convicção; o leite lhe fizera bem.

Naquela noite dormiu abraçado à vaca. Foi um sono bom, cheio de sonhos reconfortantes; e quando acordou – ali estava o ubre a lhe oferecer o leite abundante.

Os dias foram passando e o rapaz cada vez mais se apegava à vaca. – Vem, Carola! – Ela vinha, obediente.

Ele cortava um pedaço de carne tenra – gostava muito de língua – e devorava-o cru, ainda quente, o sangue escorrendo pelo queixo. A vaca nem mugia. Lambia as feridas, apenas. O marinheiro tinha sempre o cuidado de não ferir órgãos vitais; se tirava um pulmão, deixava o outro; comeu o baço, mas não o coração etc.

Com pedaços de couro, o marinheiro fez roupas e sapatos e um toldo para abrigá-lo do sol e da chuva. Amputou a cauda de Carola e usava-a para espantar as moscas.

Quando a carne começou a escassear, atrelou a vaca a um tosco arado, feito de galhos, e lavrou um pedaço de terra mais fértil, entre as árvores.

Usou o excremento do animal como adubo. Como fosse escasso,

triturou alguns ossos, para usá-los como fertilizante.

Semeou alguns grãos de milho que tinham ficado entre os dentes de Carola. Logo, as plantinhas começaram a brotar e o rapaz sentiu renascer a esperança.

Na festa de São João, comeu canjica.

A primavera chegou. Durante a noite uma brisa suave soprava de lugares remotos, trazendo sutis aromas.

Olhando as estrelas, o marinheiro suspirava. Uma noite, arrancou um dos olhos de Carola, misturou-o com água do mar e engoliu esta leve massa. Teve visões voluptuosas, como nenhum mortal jamais experimentou... Transportado de desejo, aproximou-se da vaca... E ainda dessa vez, foi Carola quem lhe valeu.

Muito tempo se passou, e um dia o marinheiro avistou um navio no horizonte. Doido de alegria, berrou com todas as forças, mas não lhe respondiam: o navio estava muito longe. O marinheiro arrancou um dos chifres de Carola e improvisou uma corneta. O som poderoso atroou os ares, mas ainda assim não obteve resposta.

O rapaz desesperava-se: a noite caía e o navio se afastava da ilha. Finalmente, o rapaz deitou Carola no chão e jogou um fósforo aceso no ventre ulcerado de Carola, onde um pouco de gordura ainda aparecia.

Rapidamente, a vaca incendiou-se. Em meio à fumaça negra, fitava o marinheiro com seu único olho bom. O rapaz estremeceu; julgou ter visto uma lágrima. Mas foi só impressão.

O clarão chamou a atenção do comandante do navio; uma lancha veio recolher o marinheiro. Iam partir, aproveitando a maré, quando o rapaz gritou: – Um momento! – Voltou para a ilha e apanhou, do

montículo de cinzas fumegantes, um punhado que guardou dentro do gibão de couro. – Adeus, Carola – murmurou. Os tripulantes da lancha se entreolharam. – É do sol – disse um.

O marinheiro chegou a seu país natal. Abandonou a vida do mar e tornou-se um rico e respeitado granjeiro, dono de um tambo com centenas de vacas.

Mas apesar disso, viveu infeliz e solitário, tendo pesadelos horríveis todas as noites, até os quarenta anos. Chegando a essa idade, viajou para a Europa de navio.

Uma noite, insone, deixou o luxuoso camarote e subiu ao tombadilho iluminado pelo luar. Acendeu um cigarro, apoiou-se na amurada e ficou olhando o mar.

De repente estirou o pescoço, ansioso. Avistara uma ilhota no horizonte.

– Alô – disse alguém, perto dele.

Voltou-se. Era uma bela loira, de olhos castanhos e busto opulento.

– Meu nome é Carola – disse ela.

Outro animal, um jaguar, aparece na novela que escrevi anos depois: *Max e os felinos* (1981). Max Schmidt é um jovem alemão que está fugindo do nazismo e que embarca para o Brasil. O navio em que viaja, um velho cargueiro, transporta também animais de um zoológico. Há um naufrágio, criminoso, mas Max salva-se em um escaler. Ao qual vem ter também um outro, e ameaçador, sobrevivente: um jaguar. *O jaguar no escaler* é o título do segundo capítulo da novela. Aqui está.

Os destroços do Germania flutuavam a seu redor. Max avistou uma grande caixa de madeira, boiando a pequena distância. Poderia conter alguma coisa útil, talvez comida... Com muito esforço, remou até lá.

Puxou a caixa para junto do barco. Examinou-a e constatou que tinha, na parte superior, uma tampa fechada por um cadeado que agora, quebrado, pendia frouxo. Max retirou-o, abriu a tampa. Tão logo o fez, foi arremessado, com força inaudita, contra a amurada do escaler, onde bateu com a cabeça, perdendo os sentidos.

Aos poucos foi se recuperando. Abriu os olhos.

O berro que soltou atroou os ares. Pavor explicável. Diante dele, sentado sobre o banco do escaler, estava um jaguar.

– Meu Deus, valei-me. Jesus Cristo, tem pena de mim. Pai, mãe, me acudam. Me acudam, por favor...

Os olhos fechados, as mãos agarradas às bordas do escaler, o corpo sacudido por violentos tremores, Max esperava pelo fim, que viria, primeiro, com um tremendo golpe da grande pata; logo em seguida a fera se atiraria sobre ele, lhe cravaria as presas no ventre, nos braços, nas coxas, arrancando postas de músculos, triturando ossos, ele morrendo em meio a sofrimentos atrozes... – Senhor, em tuas mãos entrego minha alma.

Mas nada aconteceu. Segundos ou horas se passaram, e nada acontecia. Lentamente, a medo, Max descerrou os olhos.

O jaguar continuava ali, imóvel, a fitá-lo.

*Um felino enorme. No primeiro momento Max chegara a confundi-lo com um tigre, mas reconhecia agora: o felídeo era mesmo um jaguar (*Panthera jaguaris*) – o que não representava*

nenhum consolo, ele estando diante da fera mais terrível das Américas, segundo vários relatos. Max não sabia a que atribuir o fato de o jaguar não tê-lo ainda devorado; àquela altura, nada mais deveria restar dele. Ossos sangrentos talvez. Um pé. Fragmentos do couro cabeludo.

No momento, contudo, o animal não parecia disposto a atacá-lo. Continuava imóvel, tranquilo, e até com certo ar de tédio. Por quê? Max não sabia. Pouco conhecia dos hábitos dos felinos; e mesmo que fosse um especialista nessa área, simplesmente não estava em condições de raciocinar. Talvez o animal não tivesse fome, naquele momento; talvez o tivessem alimentado antes do naufrágio (para quê, se estava destinado a morrer?). Talvez se sentisse inseguro, ali no frágil escaler; talvez tivesse medo do mar, tão diferente de seu hábitat. Talvez se sentisse grato a Max, involuntário (e aterrorizado) salvador; talvez fosse um jaguar domesticado, um animal afeiçoado ao homem, dependente, submisso.

Max acalmou-se um pouco. A morte já não lhe parecia tão iminente; poderia pensar em algo. E tinha de pensar em algo, mesmo porque a aparente calma da fera poderia ser apenas uma manobra para enganar a potencial vítima. Quem sabe atirava-se ao mar e nadava até a caixa? Trocaria de lugar com o felino, perdendo tudo que havia no escaler, todo o equipamento de sobrevivência, mas ganhando em troca uma chance de escapar. Com o rabo do olho mirava a caixa, avaliava a distância; não era muito, uns vinte metros. O que faria o jaguar se ele se levantasse de repente e se atirasse à água? Talvez o perseguisse no mar; isto se soubesse nadar. Mas quem seria melhor nadador – Max, que ganhara uma

medalha no colégio (cem metros, nado de peito, categoria infantil), ou um felino, a espécie sendo reconhecidamente avessa à água? Conjecturas inúteis: neste momento o vento soprou um pouco mais forte, a caixa oscilou, encheu-se de água e afundou.

Max sentiu que estava molhado. Tinha-se urinado. De medo. Uma coisa que nunca lhe acontecera antes, nem mesmo quando era criança, nas situações de maior pânico. Que humilhação. Max derramou mais algumas lágrimas, o jaguar fitando-o.

O sol começava a declinar, e os dois continuavam frente a frente. Imóveis. Max estava incômodo, as costas lhe doíam – mas não ousava se mexer. Tudo que podia desejar é que uma embarcação aparecesse e o salvasse – mas não se atrevia sequer a olhar ao redor; a qualquer distração poderia a fera arremeter. Em dado momento pensou que um navio aparecendo poderia até ser pior; a menos que conseguissem abater o animal de longe, com um tiro certo, ele seria o primeiro a pagar, caso o jaguar se sentisse acuado. Navio? Não. Melhor não.

O jaguar soltou um rugido.

Não foi bem um rugido, foi uma espécie de miado rouco, mas tanto bastou para que Max, sobressaltado, quase caísse ao mar. Mal havia se recuperado, o animal rosnou – novo susto – e escancarou a bocarra. A visão das enormes presas, das fauces vermelhas, em nada contribuiu para acalmar o pobre Max. O jaguar queria algo, quanto a isso não podia haver dúvida; mas, o quê?

Comida, claro.

Só poderia ser isso. O animal, sem comer há várias horas, deveria estar faminto. Cobia a ele, Max (e a quem mais?), alimentá-

lo. Mas como? E com quê?

Novo rosnado: Max tinha de agir depressa.

Cautelosamente – não fosse seu gesto ser mal interpretado pela fera – estendeu a mão, tirou um biscoito da bolsa de oleado e depositou-o no chão do barco, em frente ao jaguar. O felino apenas farejou o biscoito; sequer tocou-o. "Não come estas coisas", concluiu Max, já suando frio. Claro, carnívoros comem carne, não biscoito. Mas, onde arranjar carne? Carne fresca, sangrenta, ao gosto de um jaguar feroz?

Os olhos sempre fitos no jaguar, Max apanhou uma linha de pescar (o anzol felizmente estando iscado) e jogou-a ao mar, rezando para que os peixes não tardassem a morder. Teve sorte: logo em seguida pegou um de regular tamanho e, temeroso – como seria recebida esta nova oferenda? –, colocou-o diante do jaguar.

O felino farejou o peixe, que ainda se mexia, agonizante. Matou-o com uma patada – uma cena de arrepiar –, despedaçou-o com as garras e devorou as postas (fugaz esperança de Max: "Vai se engasgar, vai se asfixiar" – seguida de medo: "Mas antes de morrer, pode me matar" – e de uma espécie de alívio: o jaguar parecia ter gostado do peixe, o que podia representar alguma garantia para quem, como Max, sempre se considerara pescador medíocre).

Rapidamente – estaria no meio de um cardume em migração? – Max ia tirando peixes do mar: um verdadeiro prodígio, um milagre bíblico. Mas com igual rapidez o jaguar os ia devorando.

De súbito, sentiu fome. Fome. A visão do animal comendo os peixes lhe despertara o apetite; dava-se conta agora que também ele não havia comido. Tinha os biscoitos e outros mantimentos –

mas o que tinha vontade de comer; uma absurda vontade de comer, era peixe. O peixe que ele próprio pescara. Mesmo cru, queria o seu peixe. Nem que fosse para experimentar um pedacinho.

O jaguar agora parecia saciado; e ainda restavam, no fundo do barco, três peixes, estes pequenos. Será que ele poderia?...

Devagarinho, foi estendendo a mão.

O jaguar fitava-o, impassível.

Os dedos de Max progrediam uns milímetros, paravam; avançavam mais alguns milímetros, paravam de novo. Agora faltava pouco.

Repentinamente, o jaguar colocou a pata em cima dos peixes. De susto, Max chegou a cair para trás. Recompôs-se, ficou a olhar para o jaguar, ofegante, os olhos arregalados. – Desculpe – murmurava. – Desculpe, eu não queria...

De súbito, caiu em si. O que estava fazendo? Pedindo desculpas? O que entenderia o animal de suas desculpas? E por que pedir desculpas? Quem tinha pescado os peixes, afinal? Não, nada de desculpas. Tinha direito aos peixes. Se não a todos, ao menos à metade deles. A dois, que fosse; ou mesmo a um. Mas tinha direito.

Roendo o duro biscoito que o jaguar desprezara, ficou a olhá-lo – e não com medo; com ressentimento, com raiva até. Carnívoro, sim; mas injusto, por quê? Grosseiro, por quê?

A noite caiu, uma noite escura, sem lua. Max mal divisava o vulto do jaguar. Estaria dormindo, a fera? Talvez; afinal, fora bem alimentada. E se estivesse dormindo, será que?... Não, não estava tramando nada, mas, para o futuro, precisava descobrir os hábitos de sono da fera, estudá-los cuidadosamente; poderia ser útil este

conhecimento. E se ainda não tinha planos, poderia pensar a respeito, na longa noite (nas longas noites?) que tinha pela frente.

Movendo-se com infinita cautela, Max apanhou a lanterna.

Hesitou ainda um instante – “mas seja o que Deus quiser” – e acendeu-a. O facho brilhou na escuridão – e ali estavam os olhos do jaguar, reluzindo, fitos nele. Estremeceu, apagou a lanterna e guardou-a.

Agora sabia: o jaguar não dormia. Não dormiria jamais, Max não poderia contar com seu sono para escapar. E escapar, como? Para onde?

Uma enorme depressão apoderou-se dele, uma tristeza avassaladora. Lembrou-se de novo do pai, da mãe, do conforto de sua cama em Berlim; deu-lhe uma vontade imensa de chorar, mas não chorou. Encolheu-se no fundo do barco e pôs-se a cantarolar baixinho a canção com que a mãe o embalava quando criança: Guten Abend, Guten Nacht/Mit Rosen bedacht. Não, não seria aquela uma boa noite, nem estava ele coberto de rosas. Contudo, acabou adormecendo.

Despertou sobressaltado. Por um instante não se deu conta de onde estava; logo em seguida, porém, lembrou-se: o naufrágio, o jaguar... Ali estava o felino, à sua frente, fitando-o. “Bicho mau”, pensou Max. “Bicho cruel, traiçoeiro. Bicho horrendo.”

Não. Horrendo, não. Era até bonito o jaguar. Imponente, o vulto recortado contra o céu que começava a clarear. Algoz? Sim, o jaguar o era. Mas para isso fora bem dotado pela natureza.

Max suspirou, sentou no banco. Coçando a cabeça, olhou o mar calmo. Seria um dia bonito, aquele. Um dia para passear de iate...

Uma rosnadela do jaguar trouxe-o de volta à realidade. Sobressaltado, mas não muito: agora já sabia o que fazer. Atirou o anzol ao mar; como no dia anterior, teve sorte, pegando de imediato vários peixes. Observou, com olhar mortiço, o felino a devorá-los, enquanto se indagava se aquela seria, dali por diante, sua rotina de vida: pescar para um jaguar, alimentar a fera. Triste prognóstico para quem um dia cursara a universidade! Até quando teria de suportar tão absurda servidão?

O jaguar parou de comer e ergueu a cabeça, orelhas empinadas, rosnando baixinho. Max olhava-o, surpreso e assustado. O animal parecia ter farejado algum perigo. Mas qual, ali na imensidão deserta?

Logo descobriu. Uma barbatana triangular, emergindo da superfície do mar, deslocava-se velozmente em círculos, a uns cem metros do escaler.

Tubarão.

Atraía-o o cheiro de sangue dos peixes, sem dúvida. Mas ousaria o tubarão atacar o barco? Se a bordo estava uma fera tão ou mais sanguinária que ele? Max, tremendo, esperava que não; e a presença do felino era, paradoxalmente, um conforto para ele, pobre náufrago. O jaguar era o perigo conhecido, com o qual poderia conviver, pelo menos enquanto tivesse êxito na pescaria; mas se o tubarão chegasse a virar a frágil embarcação, estaria perdido. Só lhe restava esperar que seu algoz o protegesse. Deslizou para o fundo do barco e ali ficou, espiando a medo por cima da amurada.

O tubarão continuava navegando em círculos. Aproximava-se cada vez mais, Max e o jaguar acompanhando-lhe os movimentos.

De repente, atacou. Veio célere em direção ao escaler, abalroou-o – um choque terrível que fez Max gritar de pavor – e logo em seguida a feia cabeçorra emergiu junto mesmo à borda do barco, para ser golpeada com força demolidora pela pata do jaguar. Nova investida do tubarão, novo golpe do jaguar – o barco oscilava violentamente, ameaçando virar a qualquer momento. Sem saber o que fazia, Max agarrou-se ao jaguar, tentando contê-lo; e já neste momento o tubarão se afastava, deixando na água um rastro de sangue. Logo tudo se aquietou.

Max continuava abraçado ao jaguar, tremendo. Sentia agora no rosto o áspero bigode, o bafo acre da fera. – O que estou fazendo – murmurou horrorizado –, o que estou fazendo?

Lentamente afrouxou o amplexo, voltou para seu banco. O jaguar mirou-o um instante. Depois, calmamente, voltou ao repasto interrompido. Max fechou os olhos.

E se fosse um sonho, aquilo? E se não passasse de pesadelo, o jaguar? O jaguar e o naufrágio? O jaguar, o naufrágio, a fuga da Alemanha? Um pesadelo como aqueles que tinha na infância e que o faziam acordar gritando?

Um tênue nevoeiro agora os envolvia, e dentro dele o jaguar era um vulto de contornos indistintos –“quase uma figura de sonho”, pensou Max. Como que adivinhando tal pensamento, o felino rosnou. Sonho? De maneira alguma. Pesadelo, talvez. E pesadelo faminto. Max suspirou, voltou à pesca.

Não, o jaguar não era produto de imaginação. Mas Max bem poderia estar sendo vítima de algum truque, de alguma simulação. Não seria o jaguar um autômato? Um jaguar-robô?

A ideia não era tão absurda. Certos brinquedos mecânicos de Nuremberg imitavam à perfeição animais vivos. Mais: poderia ser um jaguar guiado por algum tipo de controle a distância. De onde, porém, estaria sendo controlado esse robô? De um submarino, talvez. Através de um periscópio, invisível a Max, um olho poderia estar neste momento a vigiá-lo, a registrar suas reações frente ao pseudojaguar. Mas, olho de quem? Quem o estaria submetendo a tão dura prova? Os nazistas? Mas com que propósito? De enlouquecê-lo? De matá-lo? Bobagem, já o teriam liquidado, se quisessem. Mas, e se aquilo tudo fosse uma experiência, promovida por algum cientista maluco? Sim: um indivíduo jovem, culto e sensível é submetido a uma série de ocorrências traumáticas – perseguição que o obriga a uma fuga apressada do país, naufrágio (planejado), convivência em escaler com o que ele julga ser um feroz jaguar; como reagirá esse homem? Eis o objetivo da pesquisa, macabra, mas sem dúvida interessante. Talvez o falso jaguar ocultasse sob a bela e artificial pele um conjunto de instrumentos de registro e observação, os olhos sendo lentes de filmadoras; os ouvidos, microfones; e assim por diante.

A possibilidade de estar sendo usado, ainda que com propósitos científicos, encheu-o de fúria. Encarando o jaguar, gritou, não lhe importava para que microfone:

– Pode me torturar até a morte, cientista louco! Jamais revelarei o sentido da vida!

O bicho olhou-o com tal expressão de assombro, genuíno assombro, que Max se convenceu: não, não era um robô. Mesmo porque, e disso ele se dava conta agora, controle remoto exigiria

fiões, e ele não estava vendo fio algum. Poderia, isto sim, ser um jaguar amestrado, condicionado para se mover no complexo labirinto de suas emoções, para lhe servir de sparring naquela luta pela sobrevivência; para maltratá-lo sem matá-lo, para levá-lo à exasperação, às últimas reservas psíquicas. Um experimento montado talvez pelo misterioso cientista. Ou pelo próprio governo brasileiro, interessado em testar o sangue-frio, a capacidade de sobrevivência dos imigrantes.

O sol começava a declinar. "Que realizaste de útil neste dia?" era a pergunta que, segundo o mestre-escola do menino Max, as crianças deveriam se fazer ao crepúsculo. "A quem ajudaste?" "Que objetos limpaste, ou poliste, ou consertaste, ou aperfeiçoaste?" "Que mão, e de que adulto, beijaste?" "A que vizinho, sorrindo, cumprimentaste?" "Que velhinha auxiliaste a atravessar a rua?" "Que dorso de gatinho, amoroso, acariciaste?"

Não, o jaguar não parecia robô. Nem fera treinada. À mágica claridade daquele crepúsculo sobre o mar parecia um gato; de tamanho exagerado, decerto, mas gato, de qualquer maneira, gato triste, desamparado. Max chegou a ter pena do bichano. Talvez pudesse domesticá-lo. Por que não? O felino não o tinha devorado até o momento – não seria aquilo evidência de um secreto desejo de submissão, de um tácito reconhecimento da supremacia do ser humano, rei, ainda que frágil, da criação, senhor (ainda que momentânea e compreensivelmente perturbado por trágicos acontecimentos) da terra e do mar, e principalmente do barco, construído pelo engenho e a arte de seus semelhantes? Afinal, tratava-se de animal previamente submetido ao cativo, ao chicote;

acostumado a obedecer para ganhar alimento – e já que alimento ali ganhava, deveria, em tese pelo menos, estar pronto à obediência. "Submisso", pensava Max, "serias de muita serventia, meu caro. Para começar, poderias usar as patas como remos, e teu instinto como bússola, para que chegássemos à terra, a esse Brasil que já nem sei se existe."

E lá, no Brasil, poderia compor com o jaguar uma impressionante imagem de poder: Que nativo resistiria ao homem com um jaguar na coleira? Qualquer empreendimento a que se lançasse – entreposto comercial na selva, plantação de borracha, mina de diamantes – estaria de antemão garantido.

Escurecia rapidamente. Se pretendia iniciar o trabalho de doma, tinha de começar de imediato. Pôs-se de pé e, sempre olhando para o felino, tirou o cinto, fê-lo estalar no ar.

– Atenção! Gato, atenção!

O jaguar arreganhou os dentes, rosnou.

Max pôs-se a tremer. Mais uma vez, pôs-se a tremer. Não conseguia se controlar, tremia tanto, o rei da criação (velhaco! poltrão!), o senhor da terra e do mar (verme desprezível!), que o escaler oscilava; não a ponto de adernar, mas oscilava. Teve de sentar: – Calma, bichano – sussurrou, os olhos arregalados. – Calma, está tudo bem.

Pegou os anzóis. Ainda havia luz suficiente para pegar uns peixinhos.

Naquela noite a pesca ainda rendeu alguma coisa, mas já no dia seguinte a sorte que até então o acompanhava sumiu. Max não conseguiu fisgar nada, nem sequer uma miserável sardinha. O

jaguar dava mostras de crescente impaciência. Max abriu os enlatados que guardava para emergências. Surpreendentemente, o felino aceitou salsichas e até mesmo biscoitos. Sua voracidade, porém, era alarmante: naquele ritmo, breve se esgotariam as provisões. Que faria então?

Dois dias depois já não havia mais nada para comer. Nem Max tinha conseguido pescar qualquer coisa. Tonto, enfraquecido, olhou o jaguar.

– Acabou, diabo. Não temos mais nada. Se queres me devorar, faz isso de uma vez, termina com o meu sofrimento.

Deitou no fundo do barco e nem sequer encomendou a alma a Deus: mergulhou num sono pesado, o sono mais profundo daquelas últimas semanas.

Sonhou que era de novo garotinho e estava em sua casa, em Berlim. Deitado na cama dos pais, aguardava a mãe, que fora às compras; sabia que ganharia um presente, e de fato ela chegou trazendo um grande gato de pelúcia. Apertou-o – e o gato emitiu não um miado, mas um guincho estranho. Decepcionado, embora, não pôde conter o riso: gato guinchando, o que era aquilo? E agora era a mãe que guinchava, guinchava repetidamente, e ele foi ficando cada vez mais nervoso; até que acordou.

Acordou, mas os guinchos continuavam. A custo, sentou-se – nem atentava para o jaguar, era como se o felino não existisse – e, ofuscado pela claridade, olhou ao redor.

Uma gaivota voava em torno ao barco, guinchando.

Uma gaivota – mas aquilo significava terra! A costa não poderia estar longe, então. E se de lá tinha vindo a solitária e graciosa

gaivota, decerto para lá voltaria, tão logo se desse conta que naquele barco, ao contrário de outros, nada havia para comer. E se a gaivota ia para a costa, tudo o que tinha a fazer era segui-la. Reuniu suas últimas forças, empunhou o remo.

– Vai, linda gaivota! – gritou, numa voz enrouquecida que até a ele assustou. – Volta para teu país, gaivota! Ao Brasil, vamos!

A gaivota, porém, não parecia ter pressa em regressar. Continuava voando em torno ao barco, guinchando, brincalhona. Por fim pousou na borda do escaler; junto mesmo ao jaguar.

O felino olhava-a. Max pressentiu o que ia acontecer – mas antes que pudesse gritar “foge, gaivota, foge do assassino”, o jaguar golpeou. E pronto, já não havia mais gaivota alegre; havia uma pasta sangrenta que a fera devorava. – Oh, Deus – gemeu Max. Tinha chegado ao limite de sua resistência. Não suportava mais aquela situação, tinha de terminar com aquilo já. Nem que fosse ao preço de sua vida.

Pôs-se de pé, segurando o remo nas mãos crispadas. Nem mais um minuto. O jaguar ergueu a cabeça.

– Morre, demônio!

Atirou-se ao jaguar no mesmo instante em que este dava o bote. Chocaram-se no ar – e ele não viu mais nada.

Abriu os olhos. Rostos inclinavam-se sobre ele; rostos de desconhecidos, uns indiáticos, outros pretos, alguns brancos também. Miravam-no curiosos, falavam entre si num idioma que Max não conhecia, mas que adivinhou ser o português. Eram os brasileiros, aqueles. Brancos, mulatos, pretos, indiáticos... Os brasileiros! Max estava salvo, num navio brasileiro.

Tentou sentar-se, não lhe deixaram. Um marinheiro loiro adiantou-se, falou-lhe em alemão:

– Está melhor?

Max acenou que sim, com a cabeça.

– Onde estou? – perguntou.

– Num navio, ao largo da costa brasileira – disse o homem, e acrescentou, rindo: – Escapaste por pouco, mein Freund. – Contou como o haviam encontrado: agarrado precariamente a um escaler virado, meio afogado. Max sentou, os olhos esbugalhados:

– E o jaguar? Onde está o jaguar?

Contiveram-no, fizeram-no deitar de novo. O marinheiro disse qualquer coisa aos companheiros. Max adivinhou: está delirando, fala coisas malucas, deve ser do sol, da sede. Trouxeram-lhe água. Bebeu sôfrego, engasgando-se, tossindo.

– Mais? – perguntavam em português, e ele, deduzindo o que diziam (não é tão difícil!), respondia "mais, mais", encantado com sua primeira palavra no novo idioma, encantado com a água brasileira, com os brasileirinhos que o rodeavam. Do jaguar, nem mais se lembrava.

*Max e os felinos, em sua tradução norte-americana, Max and the Cats, deu origem a um curioso e perturbador episódio. Em 2002, o canadense Yann Martel (1963-), até então um escritor pouco conhecido, ganhou o prêmio literário mais importante da língua inglesa, o Booker Prize, com *The Life of Pi* [*A vida de Pi*]. À ocasião, vários críticos acusaram Martel de plágio, já que o mote do livro, um naufrago que se salva junto com animais selvagens, é o mesmo de*

Max e os felinos. Recebi várias sugestões, e mesmo convites de advogados, para processar o autor. Mas não levei o caso adiante. Não havia consenso quanto à existência de plágio; havia uma cópia da ideia, mas não uma cópia literal, uma transcrição pura e simples de texto. Aproveitar ideias é coisa que ocorre em literatura, e se Martel tivesse me comunicado que pretendia escrever a sua versão da história, eu teria concordado. Mas ele não o fez. Pior, disse que nunca havia lido *Max e os felinos*, e que do livro conhecia apenas uma breve sinopse, feita, segundo ele, por um resenhista norte-americano, que classificava *Max and the Cats* como obra menor. Tal resenha nunca apareceu.

Martel corrigiu-se, em parte, mencionando no prefácio de seu livro a sua gratidão a meu trabalho. Esta admissão, aliada à minha escassa vontade de promover uma ação judicial, foi o suficiente para que eu desse o incidente por encerrado.

Escrita à época da ditadura militar, *Max e os felinos* é uma alusão ao clima político então reinante naquela fase. O jaguar parece-me um claro símbolo do autoritarismo. Mas outros componentes faziam parte da conjuntura: a ideia da supremacia da economia de mercado, da concorrência como forma de alcançar a eficiência. Coisa que a nós parecia apenas um tênue disfarce para a introdução do darwinismo social. O que eu retratei na história que segue.

Milton e o concorrente

Milton ainda não abriu a sua loja, mas o concorrente já abriu a dele, e já está anunciando, já está vendendo, já está liquidando a

preços abaixo do custo. Milton ainda está na cama, ao lado da amante, dessa mulher ilegítima, que nem bonita é, nem simpática; o concorrente já está de pé, alerta, atrás do balcão. A esposa – fiel companheira de tantos anos – está a seu lado, alerta também. Milton ainda não fez o desjejum (desjejum? Um cigarro, um copo de vinho, isso é desjejum?); o concorrente já tomou suco de laranja, já comeu ovo, torrada, queijo, já sorveu uma grande xícara de café com leite. Já está nutrido.

Milton ainda está nu; o concorrente já se apresenta elegantemente vestido. Milton mal abriu os olhos; o concorrente já leu os jornais da manhã, já está a par das cotações da Bolsa e das tendências do mercado. Milton ainda não disse uma palavra; o concorrente já falou com clientes, com figurões da política, com o fiscal amigo, com os fornecedores. Milton ainda está no subúrbio; o concorrente, vencendo todos os problemas do trânsito, já chegou ao centro da cidade, já foi aos bancos, já conseguiu financiamentos. Milton ainda não sabe se o dia é chuvoso ou de sol; o concorrente já está seguramente informado de que vão subir os preços dos artigos de couro. Milton ainda não viu os filhos (sem falar da esposa, de quem está separado); o concorrente já criou as filhas, já as formou em Direito e Química, já as casou, já tem netos.

Milton ainda não começou a viver.

O concorrente já está sentindo uma dor no peito, já está caindo sobre o balcão, já está estertorando, os olhos arregalados – já está morrendo, enfim.

Contar histórias é coisa antiga, e o conto percorreu uma longa

trajetória. Nela, o século XIX representa uma fase decisiva. O desenvolvimento do jornal e da revista permitiu o acesso de um amplo público à narrativa curta – apesar, como veremos, das restrições que escritores faziam a essa forma de publicação. Não por acaso é também no século XIX que surge o primeiro grande teórico do conto, Edgar Allan Poe. Com o característico pragmatismo americano, Poe conceitua o conto como uma peça ficcional curta (tempo de leitura: 30 a 120 minutos), coesa, tendo como tema um único incidente, e aconselha o potencial contista: “Tendo concebido, com deliberado cuidado, um efeito único e original, invente o incidente que conduza ao efeito. Toda palavra da narrativa deve servir a este desígnio”.

O fecho é essencial. Para o crítico Irving Howe, o conto deve ser ferozmente condensado, como o poema, e deve explodir numa revelação, numa epifania, por assim dizer. Os seres humanos são iluminados por um flash num clímax arquetípico que, por definição, exclui o anedótico (“anedótico”, para os literatos, é sempre um termo pejorativo, ainda que nem sempre sejam nítidas as fronteiras entre conto e anedota). A importância do final foi bem expressa na observação feita por Robert Louis Stevenson (1850-1894) ao editor que queria mudar o fim de uma de suas histórias: “Mudar o fim torna o começo errado. Num romance, o fim não é nada; no conto, ele é tudo”.

Todos estes condicionamentos dificultam, não facilitam, a tarefa do contista. William Faulkner (1897-1962) observa que é mais fácil escrever um romance do que um conto. “No romance”, diz ele, “você pode ser menos cuidadoso e ainda assim ser desculpado pelo

excesso ou pelo supérfluo. No conto, que é a forma mais próxima do poema, cada palavra tem de estar em seu lugar, cumprindo uma função.”

Em fisiologia fala-se da lei do tudo ou nada. Um músculo (da pata da rã, em geral) é isolado e estimulado eletricamente. Ele só se contrairá a partir de determinada voltagem, mas, quando o fizer, será com o total de sua força: tudo ou nada. O mesmo vale para o conto. De uma maneira geral, ou ele é todo bom ou é todo ruim; o meio-termo aí é a exceção, não a regra.

Parafraseando Marshall McLuhan (1911-1980), para quem o meio é a mensagem, Stanley Elkin diz que o gênero também é a mensagem. E qual a mensagem representada pelo conto ou, ainda, pelo poema? Não erraríamos muito se falássemos num pedido de socorro. A metáfora do naufrago que coloca sua mensagem na garrafa adquire dramática validade. À semelhança da poeta Edna St. Vincent Milay (1892-1950): *"Read me, do not let me die"* [*"Leia-me, não me deixe morrer"*], pede o escritor Scholem Aleichem (1859-1916) em seu testamento: "Reúnam-se todos os anos, selecionem dentre as minhas histórias as mais engraçadas e leiam-nas. Este será para mim o melhor monumento". É interessante como, neste pedido, o escritor retorna à tradição oral do conto, ao velho hábito, que ainda fascina as crianças, de contar histórias.

O conto nos diz algo sobre o contista e sua época. Trata-se, sustenta o escritor irlandês Frank O'Connor (1903-1966), de uma forma literária característica de sociedades inquietas, em que o elemento de coesão social ainda não se fez sentir. Para V. Pritchett (1900-1997), isto explicaria por que os russos e norte-americanos

precederam os ingleses na história do conto. O conto fez a América inteligível a si mesma, superando o caos, a desigualdade, a diversidade.

O conto é uma forma de nações jovens – e de gente jovem. Diz-se que não há romancista com menos de quarenta anos; reciprocamente, todo contista nasce antes dos quarenta anos, e no passado (sobretudo no século XIX, o século da tísica), não iam muito além disso: O. Henry (1862-1910) morreu com 48 anos; Stevenson, com 44, Tchékhov (1860-1904), com a mesma idade, Maupassant (1850-1893), com 43; Kafka, com 41; Katherine Mansfield (1888-1923), com 35. Em contraste, Zola (1840-1902) chegou aos 62; Thomas Mann (1875-1955), aos 80; e Tolstói, aos 82: todos romancistas.

Estes fatos estão na origem mesmo de uma das platitudes sobre o conto: a de que se trata de um embrião do romance – com o que os romancistas não concordam.

Ao longo do tempo o conto tem subido e descido na bolsa das cotações literárias. No Brasil, ele já teve várias épocas áureas: nos anos 70 era um gênero bem popular e cultivado. Depois, os editores voltaram à sua característica ojeriza pelo gênero. Um jornal satírico de Porto Alegre, o *Pato Macho* (com o qual, aliás, eu colaborava), publicou uma gozação acerca dos contistas. Por óbvias razões – afinal, comecei como contista – aquilo me perturbou e, quando vi, estava escrevendo uma história (ou um conjunto de mini-histórias) falando exatamente sobre isto, sobre os contistas.

Os contistas

Todo mundo foi à tarde de autógrafos do contista Ramiro. Todos os quarenta ou cinquenta contistas. Fui dos primeiros a chegar: não queria perder os cachorros-quentes. Tive azar: sendo apenas o décimo, encontrei só metade de uma salsicha e uísque falsificado. Isso não me impediu de abraçar Ramiro com efusão. – Que é que há, rapaz? – ele me perguntou, e eu disse: – Não há nada, Ramiro, nada mesmo. – E acrescentei: – Meus parabéns pelo teu livro, Ramiro, ainda não li, mas já me disseram que está muito bom; aliás, eu sempre achei que cara que se deu bem foi tu, tu és um dos poucos, Ramiro, dos poucos. – (Eu já começava a me comover; em tardes de autógrafos, sou assim mesmo.) – Obrigado – disse Ramiro –, a gente faz o que pode. E tu – perguntou –, o que é que estás fazendo? – Nada – eu disse – dando duro no jornal, só isso.

– Estás escrevendo alguma coisa?

Eu estava; estava sim. Estava escrevendo um conto chamado Os contistas.

Ramiro riu e pediu desculpas; tinha de dar um autógrafo para uma velha tia que viera do asilo especialmente para a ocasião.

Os cachorros-quentes não apareciam, mas ia chegando mais gente. Orlando se aproximou; ia me pedir dinheiro emprestado; viu pela minha cara que não ia adiantar nada. Então me perguntou o que eu estava escrevendo. – Um conto chamado Os contistas – respondi. – É isso aí – disse ele –, manda brasa, rapaz, o conto catarinense está à espera do seu renovador. – Não sou catarinense – respondi, mas ele já se afastara. Pobre Orlando, sempre atrapalhado.

– Dizem que ele está com câncer – cochichou-me Marisa. – E o

pior – acrescentou – é que não se trata, não tem dinheiro para hospital particular; em hospital público não quer baixar. Além disso – finalizou – é um safado. – Concordei, olhando para uma porta dos fundos, de onde, por alguma razão, eu esperava que saísse um homem com cachorros-quentes.

– E tu – perguntou Marisa –, o que é que estás escrevendo? – Um conto chamado Os contistas – eu disse. – Tu és um safado – disse Marisa, rindo. Ela ia a todas as tardes de autógrafos, a Marisa, e ria sempre. Também ri: – É isso mesmo, Marisa, sou um safado. – Ela ria, ria; me olhava, e eu olhava para ela, pensando que ela não era de jogar fora. “Qualquer dia”, pensei, “preciso falar com ela; agora não, agora preciso de um cachorro-quente. E uísque.”

Ao meu lado, o contista Nathan estava dizendo que nós, os contistas, gememos e rangemos os dentes produzindo nossos contos. – Enquanto isso – prosseguia o contista – vamos desprezando os programas de rádio, as novelas de televisão, as colunas sociais, os filmes coloridos, as revistas semanais, os políticos, os funcionários públicos, os colunistas sociais, os novos-ricos, os burgueses, os demagogos, os escritores engajados, os lugares-comuns, os sonetos, palavras como desespero, ternura, destino, crepúsculo, coração, alma... E penosamente – continuava Nathan – vamos escrevendo nossos contos. Nossas personagens não têm nome; são apenas “ele”: “Ele acendeu um cigarro e ficou olhando o teto”. – Os leitores mais atilados – observava Nathan – sabem que estamos nos referindo a nós mesmos; que estamos dialogando com os nossos demônios particulares; que estamos vertendo, de dentro mesmo da alma, um líquido claro e tépido que,

exposto à luz crua do mundo, esfria e se turva, e mais: solidifica-se, transforma-se em dura gema, de natureza desconhecida e de valor só apreciado por raros conhecedores. Enquanto esperamos pelo reconhecimento – prosseguia Nathan cada vez mais entusiasmado – nos deitamos em nossas camas sujas, acendemos um cigarro e ficamos olhando o teto. Sofremos as dores de um mundo informe e monótono. Poderíamos engolir, pensamos, esse mundo, como se fosse uma pílula minúscula. Por que não o fazemos? Por piedade – ou por medo de constatar que essa pílula é maior que nossas goelas? Cretinos – bradava Nathan –, cretinos é o que somos! Admitamos! Estamos comendo, estamos tendo relações sexuais, estamos respirando como qualquer pessoa, mas estamos semimortos, zumbis que somos. Só começamos a viver – aí Nathan estava gritando mesmo – ao partejar dolorosamente nossas tristes frases que aí ficam, nas prateleiras, folha de papel após folha de papel, letra ao lado de letra, mas sem se tocarem, essas letras, à espera que estão do aventureiro intelectual, do comprador, entidade que depende diretamente das leis de mercado. Oferta e procura! – terminou o contista Nathan.

Não respondi, fui saindo devagarinho. Juntei-me a um grupo: Milton, Capaverde e Afonso. Veio um fotógrafo e tirou uma foto. Depois quis cobrar. Fiquei possesso; eu pensava que ele era do meu jornal. – Não pago nada – gritei –, eu devia é cobrar por ter posado. – O fotógrafo nos xingou e deixou a livraria. – Já vai tarde – berrei.

Ramiro dava autógrafos para um, para outro; Poy olhava e me dizia: – Esse livro não vai vender nada, é muito confuso, muito hermético. O pessoal quer coisa simples, pão, pão, queijo, queijo. –

Lembrei-me dos cachorros-quentes e olhei ao redor: muitos contistas, mas nenhum alimento.

– E tu – perguntou Poy –, o que estás escrevendo?

– Um conto chamado Os contistas – respondi. – Não adianta produzir contos – assegurou Poy –, a gente devia escrever para o rádio, para a televisão. Livro é caro, livro é difícil; o que se pode esperar do livro, ainda mais do livro de ficção? Eu não espero mais nada – me dizia Poy –, já estou me virando em outro negócio; tenho um cunhado que trabalha na tevê; ele vai ver se me arranja alguma coisa. – Eu procurava Marisa, ou os cachorros-quentes; mas só via contistas.

– Alguns contistas – era Nathan de novo – recusam-se a qualquer atividade. Não comem, não bebem, quase nem escrevem. Ficam numa espécie de marasmo, à espera de alguém que lhes diga: "Despertai, lúcidos profetas!"

Vi o contista Lúcio, que só escrevia depois de um meticuloso cerimonial: fechava as janelas, acendia velas, vestia um smoking e sentava-se a uma mesa de jacarandá. Vi o contista Armando, que só escrevia com caneta-tinteiro. Vi o contista Celomar, que, para escrever, ia ao mar; e o contista Guerra, que procurava a serra. Vi o contista Jerônimo, que escrevia primeiro o fim, depois o começo, depois o meio.

Vi o contista Volmir. O contista Volmir, quando queria escrever, trancava-se no gabinete durante dois dias, ou mais. Saía dali transtornado, mas feliz. Convidava a mulher e as filhas, reuniam-se em torno da escrivaninha onde estavam as folhas datilografadas presas com um clipe novo. Durante alguns minutos olhavam o conto,

cheios de jubiloso respeito. "Como é o nome dele?"; perguntava a esposa, e quando o contista o revelava, abraçavam-se, cheios de alegria.

O contista Murtinho organizou a produção de seus contos de acordo com o princípio da linha de montagem: na primeira gaveta, os esboços; na segunda, os contos semiterminados; na terceira, os contos prontos.

O contista Manduca, bêbado, me abraça choramingando:

– Só consigo escrever sob a ação de boletas, e ultimamente elas não fazem mais efeito... Tenho tomado as coisas mais esquisitas, até desodorante experimentei...

– Estou escrevendo um conto chamado Os contistas. Não esquecerei o que disseste.

Não me recordo exatamente de quando comecei a escrever. Deve ter sido uma coisa muito insidiosa. Quando vi, estava trabalhando com lápis e papel. Estava olhando para as pessoas, para os animais e as coisas e pensando como ficariam sob a forma de palavras. E assim fui modelando minhas frases, a princípio com muita dificuldade; depois de algum tempo era só deixar a mão correr e observar que jeito tinham as palavras no papel; naquela aurora de vida literária eu avaliava meu texto pelo comprimento das frases, pela inclinação das letras, pelo número de borrões: quando um conto era bom, ele era também bonito. Colocava-o à distância, como um pintor examinando seu quadro, admirava-o um pouco – e toca a escrever outro conto. Chuva ou sol, granizo ou cerração – lá estava eu a escrever.

O contista Katz escolheu dez contistas famosos. Tomou ao acaso

cinco contos de cada. Verificou o número médio de palavras por frase, as palavras mais usadas e outros parâmetros. Usou todos esses dados para fazer um conto – perfeito, segundo ele. Outros não concordaram.

O contista Almerindo exigiu que seu livro fosse impresso em letras minúsculas e tão diminutas quanto possível. "Vai ficar meio difícil para ler", avisou o dono da gráfica. "Não importa", disse o contista Almerindo, "eu estou pagando, faço o livro como quero." Em contraste, o contista Cabrão (apelido; o nome era Cabral) tinha um capítulo inteiro onde cada palavra ocupava uma página.

O contista Almir perdeu a última página de seu conto A glória. Durante dois dias revirou a casa, desesperado, à procura da folha. De repente notou que o conto ficava melhor daquela maneira e cessou a busca.

Já escrevi um conto em dois minutos, mas uma vez levei seis meses para escrever um conto. Numa noite escrevi oito contos. Numa só gaveta contei 27 contos; debaixo da cama encontrei, numa pasta, dezesseis contos cuja existência eu esquecera. No momento estava escrevendo um conto chamado Os contistas e procurando uma moça chamada Marisa, ou uísque. O uísque apareceu primeiro, trazido por um garçom mal-encarado.

O sonho do contista Reinaldo era um conto que se escrevesse a si mesmo: dado o tema ou, no máximo, a primeira palavra, as que se seguissem seriam inevitáveis. O contista imaginava uma caneta sobre um papel, fios conectados a uma máquina, um dispositivo de feedback para corrigir os eventuais desvios, de estilo ou outros. O contista Damasceno propunha um conto de múltipla escolha, escrito

na segunda pessoa do singular: "Era uma tarde de verão. Tu estavas: a) em tua casa; b) no cinema; c) numa livraria. Se (a) é verdadeiro...". O contista Auro pensava em impregnar as páginas de seu livro com substâncias alucinógenas. Lambendo o papel, o leitor teria visões erráticas.

Vi a Marisa. Estava sentada num carro, diante da livraria. A porta do veículo aberta, eu podia ver as pernas dela. – Vai ser linda assim no inferno – gemi. Estava me faltando um carro. Tivesse eu um automóvel, Marisa estaria sentada a meu lado, minha mão deslizando constantemente da alavanca de câmbio para a coxa dela. Mas não tinha carro; movia-me a pé entre os contistas.

Contistas. A origem deles se perde na noite dos tempos.

– Garçom! – chamo, um pouco alto; contistas se viram para me olhar. – Garçom! – repito, mais baixo. – Uísque, garçom!

Há referências a uma misteriosa tribo de contistas da Ásia Central, que ia de região em região narrando suas histórias. Nada de concreto se sabe acerca desses contistas misteriosos que teriam sido dizimados por povos hostis... Na Bíblia encontramos obras-primas do conto... Os contistas persas acreditavam que certas sementes plantadas em noites de luar geravam árvores cujos frutos, ocos, continham pequenos contos de um, no máximo dois personagens... A contista Sherazade contou ao sultão mais de mil histórias, assegurando assim sua sobrevivência. Em seu primeiro livro, o contista Hebel retratava com perfeição a Alemanha nazista; assim também no segundo e terceiro livros. As pessoas se indagavam, inquietas: "Até quando ele continuará retratando com perfeição a Alemanha nazista?".

Contistas são ubíquos. No livro The Family of Man há uma fotografia obtida por Nat Farbman (revista Life) na antiga Bechuanaland; mostra um africano narrando algo para outros africanos. Não há legenda explicativa, mas pode-se garantir que esse homem está narrando um conto; e seu público, embora reduzido, é atento.

Na Idade Média alguns contistas foram acusados de bruxaria e queimados vivos. Cinzas desses contistas são conservadas em garrafinhas; às vésperas dos exames, os estudantes vão, em romaria, reverenciar os despojos.

O que é um conto? Discute-se. Formulemos a pergunta melhor: o que caracteriza um conto? Para o contista Poe – Poe, hein! –, a brevidade, exigência da vida moderna. – De acordo – diz o contista Jones, e acrescenta: “Lembremos o papel do trem subterrâneo, exigindo histórias suficientemente curtas para serem lidas durante rápidas viagens”.

O conto alcançou seu apogeu a partir do século XIX (Poe, Tchékhov, Maupassant). Em nossos dias, “o conto tem perdido o prestígio”, segundo o contista Eulálio. O contista Poy culpa a televisão, enquanto o contista Tomás vê a causa dessa débâcle no desaparecimento do fogão à lenha, em torno do qual a família se reunia para ouvir a leitura de contos.

Sempre gostei de histórias. Sentado no cordão da calçada, ouvia os guris da minha rua contarem sobre a mulher que degolara o marido, sobre o piloto que derrubara doze aviões inimigos, sobre o filme que tinham visto no domingo. Aliás, ao filme eu também assistira. Isto é, tinha ido ao cinema, e lá, em meio a uma gritaria

infernai, tinha olhado figuras movendo-se na tela... Mas quando meus amigos contavam o filme, tudo clareava; a trama tinha um sentido, o ponto culminante se revelava mediante a conveniente entonação; e eu, então, sentia a verdadeira emoção que, inobstante a entrada paga, me faltara no cinema.

Sabiam contar uma história, os meus amigos. Hoje são comerciantes, profissionais liberais... Nenhum é escritor. Acho que simplesmente não lhes ocorreu escrever. Se tivessem tentado, se tivessem rabiscado algumas palavras apenas... Enfim, quem resolveu transar com palavras & mentiras fui eu.

Aproxima-se o jovem contista Afonso. Gordinho, vem saltitando e me dá um curto conto para ler. Chama-se Olho dentro de olho. Nele, Afonso descreve com maestria a vida do solitário Hermes, empregado de uma grande firma. Acompanhamos Hermes desde o seu despertar, numa modesta casa de subúrbio; vemo-lo preparar o café, de acordo com uma rotina que já dura anos (– Hermes é quarentão – diz Afonso); vemo-lo no ônibus, a caminho do trabalho; depois, ei-lo sentado, a datilografar a correspondência da firma. Almoça – sozinho – numa lanchonete – e volta, palitando os dentes, ao escritório.

Afonso começou há pouco. Dizem que promete.

Mas, continuando: à saída da firma, Hermes passeia pelo centro, olhando as vitrinas e as mulheres. – Às vezes, bem acompanhado, Hermes volta para casa – diz Afonso; o mais das vezes, porém, deve meter-se no cinema. Prefere comédias.

Sentado no cinema quase vazio, indiferente às pulgas, Hermes entusiasma-se com a fita, ri, fala sozinho: – Olha só o gordo! Que

babaca, esse gordinho! Gordo!

Afonso faz com que a luz se acenda. Vemos Hermes corar, olhando para os lados. Vemo-lo sair devagar, cabeça baixa. Que será que ele vai fazer? Será alguma bobagem?

Não: Afonso enfia-o no banheiro do cinema. Ali ele fica, enquanto os minutos se escoam. Inicia-se nova sessão e – olá! – é Hermes que sai do banheiro. Procura um bom lugar, senta-se e: – Olha só o gordo! – Fim do conto.

O contista Levino volta do cinema muito impressionado. Viu um filme sobre um contista e vai proceder exatamente como a personagem. Caminha pelo quarto a largas passadas, lábios apertados, olhar fixo no chão; de repente, senta-se à máquina; enfia um papel no rolo e, como o contista do filme, respira fundo, começa a escrever rapidamente, escreve durante cinco minutos sem se deter; acende um cigarro, dá uma longa tragada, pega a folha de papel pelo canto superior esquerdo, lê o que escreveu; datilografa mais cinco minutos, lê novamente. Tal como o contista do filme, arranca o papel da máquina, amassa-o e joga-o ao cesto, irado. Como no filme, o conto não prestava.

Chega o contista Guilherme, ex-seminarista:

– Estou atrasado?

– Acho que sim – respondo, a voz já pastosa.

– Que pena. Estou terminando de escrever meu livro de contos; não tenho tempo para nada. Que é que andas fazendo?

– Estou escrevendo um conto chamado Os contistas.

– Vais nos retratar? – indaga, suspeito.

Marisa, do outro lado da rua. Bem que eu queria ir lá. Guilherme

me segura:

– Vais nos retratar?

Escrevo. O escritor escreve. Tem de ir cobrindo páginas e páginas.

No começo eu pretendia apenas aquilo que meus amigos faziam com tanta desenvoltura, sentados no cordão da calçada: contar uma história. Mas, na verdade, me fascinava a possibilidade de reduzir meu amigo Lelo, hoje engenheiro, a "um sujeitinho minúsculo". Pobre Lelo: de repente ali estava ele, imóvel, congelado, miniaturizado. Sensação semelhante devem ter os caçadores de cabeças. Não contente, eu comparava o nariz dele a um bico de papagaio. Aliás, anos depois ele teve uma doença chamada psitacose, transmitida parece que por um papagaio. A maldição do contista?

O ódio inspirou o contista José Homero; despejado do apartamento, escreveu O contrato, amarga história que denuncia a tirania representada pelas leis do inquilinato. Um proprietário oprime o locatário, toma-lhe o dinheiro, os móveis, a mulher. O oprimido acaba matando o opressor a tiros de metralhadora. Uma frase pungente descreve o contrato no chão, sujo de sangue. No final, o inquilino abre a janela e vê surgir o sol de um novo dia.

O contista Catarino satirizava seus inimigos descrevendo-os sob a forma de bichos. Esgotada a lista de animais conhecidos, recorreu à fauna exótica (o ornitorrinco, o coala), a seres pré-históricos (brontossauro, dinossauro) e a animais mitológicos (unicórnio). Num extenso índice registrava os nomes dos inimigos e dos animais correspondentes.

Lá na minha cidade publiquei, no suplemento dominical do jornal, um conto chamado Família do interior. Na segunda-feira à noite, eu sozinho em casa, lendo calmamente um conto, bateram à porta. Mal abri, fui violentamente empurrado; rolei pelo chão.

Quando me levantei, dei de cara com meu vizinho, o senhor Antônio. Um homem grande e de bigodes, até aí nada demais, mas segurando um revólver, e carregado.

– Muito bem, seu sacaninha – ele disse –, sei que teus pais saíram; assim que podemos conversar sossegados. Presta bem atenção no que vais me dizer, porque desta conversa depende a tua vida.

– O que foi que eu fiz, seu Antônio? – balbuciei.

– O que foi que tu fizeste? – gritou; mas estava transtornado, aquele homem! – O que foi que tu fizeste? Não sabes? E isto aqui?

Tirou do bolso um recorte de jornal. Era o meu conto.

– Pensas que sou idiota, que não sei de quem estás falando? “Um homem gordo”, dizes aqui. Quem é o gordo? Quem é que nestas redondezas pesa mais de cem quilos? O homem gordo era dono de um bar, é o que contas. Eu sou gordo, e dono de armazém. Bar, armazém – parecido, não achas?

Encostou-me o revólver no peito. Mesmo naquela situação, oprimido, eu continuava escritor! Os olhinhos injetados estavam cheios de fúria, notei.

– És muito espertinho, guri. Mas não és tão esperto quanto pensas. Queres descrever minha vida como uma rotina chata: “Todos os dias, depois do jantar, sentavam para ouvir rádio...”. Para ti deve ser chato ouvir rádio. Mas será que para todo mundo é? Já

imaginaste a alegria que a gente tem quando pega uma estação do estrangeiro? "Aos domingos comiam galinha." E daí? Será que todas as galinhas são iguais? Será que todos os domingos são iguais?

Deteve-se, respirou fundo.

– Mas o pior – continuou, com voz estrangulada – é que terminas o conto dizendo que mato minha mulher, que dissolvo o cadáver com ácido para não deixar vestígio... Que história é essa? Ácido não deixa vestígio?

Justamente nesse momento ouvimos barulho na entrada. O senhor Antônio, gordo mas ágil, escapou pela porta dos fundos e eu corri para o quarto. Anotei rapidamente o que vira no olhar do homem: "Genuíno interesse, angustiosa expectativa...".

Antônio morreu antes da mulher: teve um enfarte quando a surpreendeu na cama com um vizinho (outro vizinho, não eu). "Eu estava farta daquela rotina", disse ela, no enterro.

Nem sempre, porém, meus contos faziam tanto efeito. Não consegui, por exemplo, sequer perturbar o vereador Ximenes, um venal a quem eu particularmente odiava. Satirizei-o; como a maçã podre que continua no galho após a morte da macieira (O outono passou); como o carrapato que envenena os companheiros com inseticida para ficar com o boi só para si (Um por todos); como o rei que rouba a própria coroa e acusa os inimigos (Às armas, cidadãos). Os amigos elogiavam essas histórias, mas confessavam que não as entendiam. Quanto ao vereador, era meu maior fã. Chegou a propor na Câmara a instituição de um prêmio literário para estímulo dos contistas da cidade; confidenciou-me que pensara em mim ao redigir o projeto de lei: "Tenho certeza de que vais ganhar. E se eu puder

influir na comissão julgadora, o prêmio está no teu papo. Não precisas me agradecer, gosto de gente que sabe manejar bem a pena, que se dá com as letras". Era contista também, bissexto.

Para castigar gente assim eu precisava do poder que me conferia a arte do conto. Tinha-o, e usava-o, posso garantir. "Passou-se o outono", eu escrevia, e pronto, subtraía três meses da vida de um personagem. Nos meus contos o personagem ia do berço ao túmulo, pulando como gafanhoto sobre a areia e deixando, nesta, tênues marcas.

Aos poucos fui deixando de me interessar pelos pulos e me concentrando nas marcas; para descrevê-las, usava o melhor de minhas habilidades. Por fim, deixei as marcas de lado também e fiquei só com as palavras: deixei de me importar com os personagens e suas histórias. Naturalmente, meus contos ficaram obscuros. Que me importava? Os leitores que se munissem de coragem e atravessassem essa zona de matos espessos e areias movediças. Aos que ousassem empreender a aventura intelectual, grandes descobertas estariam reservadas. Não me surpreendia o pequeno número de meus leitores: muitos são os chamados, poucos os escolhidos, eu achava.

De repente comecei a duvidar. Desconfiava dos demônios que, dentro de mim, fabricavam e mandavam para a superfície as frases que eu deveria estampar no papel. Será que sabiam do que estavam falando? E se não, que fazer do monte de contos?

Comecei a beber.

Foi pior, porque nos intervalos de lucidez eu via com perfeita clareza o meu destino. Ninguém jamais me leria. As milhares de

almas-irmãs que deveriam, supostamente, invadir o meu quarto clamando por contos, nunca apareceriam. E eu estava mais sozinho do que nunca. Nem os olhares apaixonados da viúva do senhor Antônio me consolavam. Assim é a crise do contista, coisa sombria.

O contista César, revendo seus contos mais antigos, exclamou:

– Mas eu escrevia muito melhor do que agora!

Depois disso passou anos sem escrever nada.

– O que eu não daria para sentir a antigravidade – suspirava o contista W., da área da ficção científica. – Eu? Eu não falo com ninguém. Leia meus contos quem quiser saber de mim – dizia o contista Ordovaz, morando num chalé suburbano, alimentando-se de alface e enlatados.

Nasci numa pequena cidade do interior. Escrevo desde pequeno. Meu primeiro conto se chamou A mulher do tabelião. Aos dezenove anos vim para a grande cidade, trazendo um terno, duas camisas e muitos contos numa pasta azul. Não publiquei nenhum, mas consegui emprego num jornal. E conheci muitos contistas: encontrei-os em festas, em aniversários, nos cinemas, em centros acadêmicos. Brotamos como cogumelos – dizia o contista Michel.

– Mato-me se o meu livro não esgotar – dizia o contista Osmar. – Fica o público avisado. – O livro não se esgotou, o contista Osmar disparou um tiro no peito. O ferimento foi grave, mas não mortal; deixou apenas uma feia cicatriz. Na praia, o contista Osmar tem de usar camiseta.

O contista Odair escreveu silenciosamente durante doze anos. Nunca publicou nada. Guardava seus trabalhos em grandes envelopes amarelos e não falava sobre eles. Um dia olhou para a

pilha de envelopes – oitenta centímetros de altura, e gritou, desesperado:

– Para que tudo isso?

Jogou os contos no fogo. Arrependeu-se a tempo e removeu-os das chamas, queimando-se um pouco. Contudo, algumas de suas melhores histórias – como Desespero – ficaram perdidas para sempre. Outras ficaram muito danificadas.

Voltando bêbado de uma noite de autógrafos, joguei para o ar 73 contos; as folhas se espalharam por todo o quarto. No dia seguinte a dona da pensão jogou fora a papelada suja de vômito. Quando acordei corri à lata de lixo, mas já era tarde; o caminhão tinha passado. Na sarjeta ainda encontrei o começo de uma história. Descrevia dores muito íntimas. Deixei ali mesmo, com a esperança de que algum curioso a lesse.

O contista Otaviano escrevia seus contos na parede de banheiros públicos. Quando estava no meio da tarefa, sempre batiam à porta, mandando que ele se apressasse; o contista Otaviano era obrigado a concluir em outro WC. Tem fragmentos de contos espalhados em todas as privadas da cidade.

O contista Pascoal deu uma festa em sua casa, convidou os amigos, gravou secretamente a conversa e, com frases textuais, fez um conto. Mostrou aos mesmos amigos e eles não gostaram.

– Que se pode esperar do mundo – perguntava-se o contista Pascoal, angustiado – se as pessoas já não gostam do que dizem?

Depois de algum tempo, voltou-me a vontade de escrever. O emprego no jornal era puxado, mas mesmo assim me sobrava tempo para a literatura. O que me faltava eram certas condições, o

suporte logístico. Eu não tinha, por exemplo, uma boa máquina de escrever. Comprei logo uma elétrica, que era perfeita, mas que não funcionava quando faltava luz – momentos em que justamente a inspiração me assaltava. Comprei, ainda, mesa, poltrona giratória, chinelos forrados. E, por outro lado, comecei a organizar a minha atividade de relações públicas, visando à promoção de meus contos; fiz uma boa coleção de bebidas, roubei o caderno de endereços de um crítico literário, tornei-me amigo de uma cronista social etc.

Todas essas coisas me exigiam tempo e, o que é pior, dinheiro. O ordenado do jornal já não chegava. Tive de arranjar um emprego de professor num curso de datilografia (emprestando minha máquina); aí trabalhava dia e noite. "Não faz mal", eu pensava, "isso é só até eu montar a infraestrutura de minha produção literária; depois terei tempo para escrever." Mas cansei de esperar. Numa só noite deixei o emprego noturno, joguei fora o caderno de endereços e briguei com a colunista social.

Problemas. O contista Caio pode produzir um conto a cada duas horas. Sabendo-se que dessas histórias cinquenta por cento são ruins, vinte e cinco por cento regulares e vinte e cinco por cento são boas, quantos contos pode produzir o contista Caio num dia, e quantos destes serão, respectivamente, bons, regulares e ruins? Resposta: O contista Caio pode produzir doze contos ao dia, sendo seis ruins, três regulares e três (viva!) bons.

Mas as coisas não são tão matemáticas para o contista Caio... Ele precisa dormir oito horas por dia. Já tentou dormir menos, mas não consegue: fica irritado e com dor de cabeça. Sobram-lhe, portanto, dezesseis horas, nas quais o contista poderia escrever oito contos,

sendo quatro ruins, dois regulares e dois bons.

No entanto, o contista Caio tem de comer também, já tentou passar só a sanduíche para não gastar tempo com refeições, mas emagreceu, se desnutriu e até perdeu a vontade de escrever. Hoje em dia ele é mais prudente e gasta duas horas em refeições, sabendo que ainda lhe sobram catorze horas, nas quais ele poderia escrever sete contos, sendo três e meio ruins, um e três quartos bons, um e três quartos regulares (felizmente o contista Caio conhece bem frações, as ordinárias e as outras).

Mas... O contista Caio tem de trabalhar. Já tentou viver de sua literatura, mas não conseguiu. O máximo que pôde fazer foi arranjar um emprego de seis horas. Sobram oito horas, nas quais ele poderia escrever quatro contos: dois ruins, um regular, um bom.

Ele precisa, ainda, ler: livros, jornais, revistas. Caso contrário se desatualizaria, perdendo contato com o mundo e deixando de receber influências de vários escritores (uns bons, outros regulares, outros ruins – deve-se provar de tudo, de qualquer maneira). Há também a tevê – nem todos os programas são bons, mas pelo menos o veículo merece ser estudado; e há cinema, teatro e concertos; e discos de jazz, uma pequena fraqueza do contista, que ele tem de se permitir, sob risco de se tornar intolerante. Todas essas atividades consomem em média duas horas por dia; sobram seis horas, que poderiam corresponder a três contos ruins, um conto e meio regular e um conto e meio bom.

O contista Caio tem família. Mulher e dois filhos, uma família normal. O contista brinca, naturalmente, com os filhos – e conta-lhes histórias (poderia incluí-las em sua produção, mas não o faz, já

que elas não ficam propriamente registradas – a não ser que se considere o inconsciente das crianças um livro, como pretendem alguns. O contista Caio prefere não contar com isso).

Quanto à esposa, é linda... Sabe atrair o contista com sorrisos tentadores. Fazendo amor, tem imenso prazer. Às vezes fica com sentimento de culpa e pensa que os padres, eles sim, é que têm as condições ideais para se tornarem contistas. Mas não pode deixar de atender às solicitações da sua própria natureza; além disso, como descreveria cenas de amor se não fizesse amor?

Meia hora por dia o contista dedica, pois, à esposa. Uma coisa e outra, um carinho e outro... O contista é um homem fino e sensível. E poderia um contista ser outra coisa?

Bom. Essas atividades com a família importam em duas horas por dia; sobram quatro horas, ou seja, dois contos ruins, um regular, um bom.

Há ainda outras coisas que lhe espoliam o tempo. O contista sofre de prisão de ventre e passa meia hora por dia no banheiro. Já tentou escrever ali, mas não consegue; são atividades excludentes, parece. A propósito, o contista gosta ainda de um joguinho de cartas com os amigos (amigos: fonte de inspiração, leitores em potencial, socorro nas horas de necessidade etc. Muito necessários. Assim também os divertimentos; aliás, o contista trabalha diariamente no jardim, para fins de higiene mental. Não tivesse esse derivativo – que tensão emocional teria de suportar!).

As contas todas feitas, sobram ao contista Caio duas horas ao dia. Poderia, pois, produzir um conto por dia. Pergunta inquietante: Esse conto será metade bom, um quarto regular e um quarto ruim?

Ou será que a cada quatro dias ele produzirá um conto bom? Nesse caso, poderia aproveitar os dias de conto ruim para outra coisa – meditação, por exemplo?

Está aí o problema. O contista pensa nele pelo menos duas horas ao dia.

O contista Valfredo, motorista de táxi, instalou um gravador no carro. Enquanto dirigia, ia ditando contos. Alguns passageiros se assustavam e pediam para descer; outros ouviam interessados, outros ainda davam sugestões: "Faz a mulher matar o filho!". O contista Valfredo tinha problemas. Um contista rival, guarda de trânsito, multou-o várias vezes por dirigir de forma imprudente. De fato, o contista Valfredo tivera acidentes, mas, segundo ele, por causa dos freios em mau estado – nada a ver com literatura. De qualquer forma, os agentes de seguros evitavam-no, e só com muita persistência o contista Valfredo continuava escrevendo.

– Contista frustrado! – gritava-me Guilherme. – Não tens forma, não tens conteúdo, não tens nada!

Eu? E o contista Sílvio, que quando chegava à metade de um conto rasgava-o e começava outro? Uns diziam que ele não sabia nem terminar um conto; mas eu, muito menos venenoso que Guilherme, eu espalhava entre os contistas que Sílvio sabia, sim, terminar um conto, mas que ele era muito vivo – não terminando, tinha sempre a alegria das coisas novas. O contista Matias, não sabendo o que escrever, fez um conto composto de frases incoerentes. Ninguém aceitou para publicação. – É stream of consciousness – dizia Matias, indignado. – Por que acham bom o stream of consciousness do Joyce e o meu não? Qual é a diferença?

É porque sou brasileiro? – Não respondiam a essas perguntas, os contistas; desviavam o olhar, constrangidos.

Aos oito anos o contista Miguel escreveu sobre ninfomaniacas. O contista Rosemberg dava cadência especial às frases, lembrando valsas ou tangos, conforme o caso. O contista Augusto, muito engajado, assistiu a uma assembleia estudantil, observando os jovens e tomando notas. Desconfiaram dele e espancaram-no.

O contista Vasco tomava as palavras de Guimarães Rosa e recriava-as. Em relação ao contista Marco, o crítico Valdo descobriu o seguinte: seus personagens sempre tinham nomes de cinco letras, das quais a segunda era A, a última O, sendo a primeira sílaba tônica: Marco, Tarso, Lauro. O contista Paulo só escrevia pela manhã, limitando-se a transcrever os sonhos da noite.

O contista Norberto e o contista Geraldo estavam na rua conversando, quando viram a seguinte cena. Uma senhora atravessava a rua com uma criança ao colo. Veio um automóvel em alta velocidade. O motorista quis frear, mas não conseguiu. A senhora ainda atirou a criança para a calçada, mas foi colhida em cheio pelo veículo e esmagada.

– Escreve um conto a respeito – disse o contista Geraldo.

O contista Geraldo escreveu o seguinte:

"O contista Norberto e o contista Geraldo estavam na rua conversando, quando viram a seguinte cena. Uma senhora atravessava a rua com uma criança ao colo. Veio um automóvel em alta velocidade. O motorista quis frear, mas não conseguiu. A senhora ainda atirou a criança para a calçada, mas foi colhida pelo veículo e esmagada".

– Estás brincando? – perguntou o contista Norberto ao terminar a leitura.

– Estou – disse o contista Geraldo.

Riram, mas depois, silenciosos, separaram-se sem proferir palavra.

Notícias imaginárias. "A vida dos contistas pode ser divertida. Aqui, alguns contistas mostram o que é a amável convivência de uma tarde de autógrafos..."

Descrições. O contista Vasco, alto e magro. O contista Simão, baixo e gordo. O contista Jan, alto e gordo. O contista Aurélio, magro (aos dezoito) e gordo (aos 29). Detalhes: o nariz de papagaio do contista Lelo. O meu bigode. Os meus óculos. O andar de alguns, a roupa de outros, o riso deste, o cabelo daquele.

O contista Antônio tinha sangue índio. Escrevia sobre os silvícolas; contos tragicômicos. O cacique veio procurá-lo: "Por que debochas de nós? Já não chega o que sofremos? A perda de nossas terras? A tuberculose? É preciso que faças todo mundo rir de tua gente?" – O cacique não entendeu – dizia, magoado, o contista Antônio. – Os índios de que falo não são reais; são os índios que temos dentro de nós. No íntimo, todos usamos cocares e tangas.

O contista Ramón escreveu uma série de histórias sobre um imaginário país da América Central chamado Cuenca. Havia um ditador, latifundiários, uma burguesia em ascensão, uma frente de libertação nacional cujos membros eram presos e torturados. O contista Ramón, que morava nos Estados Unidos, conseguiu editar seu livro. A obra vendeu bem. Um esperto fez bom dinheiro coletando fundos para os refugiados de Cuenca.

O contista Rômulo escrevia satiricamente sobre sua pequena cidade. Um prefeito expulsou-o de lá; o sucessor pediu que ele voltasse, concedeu-lhe a Medalha do Mérito Turístico.

O contista Sidney não colocava palavras em seus contos. Temia ofender a tia, uma velha freira.

O contista Humberto, professor de álgebra, concebia o conto como um modelo matemático. O contista Remião transcrevia suas experiências extrassensoriais.

O contista John Sullivan escreveu uma série de histórias publicadas sob o título de 2017: Depois da Guerra Atômica. Cem exemplares foram guardados num abrigo à prova de radiações.

O contista Ramsés dizia que o conto não se resumia às palavras; deveria também incluir testemunhas das circunstâncias nas quais tinha sido gerado. Anexou a seu livro passagens de ônibus em que viajara enquanto elaborava os contos; entradas de cinema, fragmentos de roupas e até restos de comida.

– Sou um mísero alfaiate – dizia o contista Newton –, mas em meus contos destruo vilas e cidades.

– Ocorreu-me que aquela árvore em meu conto sou eu mesmo – disse o contista Macário à amante, às duas da manhã.

– Que árvore? Que conto? – resmungou ela, contrariada. Também era contista, mas sofria de insônia, custava a adormecer e não gostava de ser acordada.

“Tenho pensado muito sobre o significado de meus contos”, escreveu o velho contista Douglas em seu diário. Era um caderno com capa de couro; deixava-o sempre sob o travesseiro; se morresse durante o sono, não teriam de procurar muito para

publicá-lo.

Guilherme me segurava, eu queria brigar com ele; Ramiro veio me conter. Aproveitou para informar que 38 livros já tinham sido vendidos e que nem sequer os parentes da mulher dele haviam chegado: – Vou a oitenta, vais ver! Oitenta!

Um dia meti na cabeça que os contistas não são escritores: são personagens. Comecei a pensar num conto chamado Os contistas. Ia ser o último, prometi a mim mesmo. Mas não ficaria inédito, isso não; eu daria um jeito de publicá-lo.

– Todo conto é um pedido de socorro – dizia o contista Nicolau. Morador da ilha Verde, costumava colocar seus contos mais angustiados em garrafas, atirando-os ao rio.

– Talvez os pescadores me entendam – dizia à mulher.

O contista Wenceslau disse à esposa, uma linda morena:

– Tenho certeza de que, se tu falares com o editor, Morena, ele publica meu livro. Tenho certeza, Morena.

O contista Olívio, meu companheiro de jornal, era responsável pela coluna de curiosidades. Sub-repticiamente introduzia nela seus contos: "Você sabia que... Adelaide, casada com um professor de francês e amante do contista Milton, tem um sonho no qual vê uma lua partida em dois tombar do céu?". Pensava também fazer contos sob a forma de palavras cruzadas.

O contista Benjamim, funcionário público, informava os processos escrevendo contos: "João M. Guimarães solicita os atrasados correspondentes ao ano de 1965. Posso imaginar João M. Guimarães em sua casinha de madeira...". Foi severamente advertido pelo chefe, que, também contista, sabia, contudo, separar o serviço da

literatura.

A contista Joyce, telefonista, planejava transmitir seus contos pelo telefone: – Alô! Aqui a contista Joyce. Vou ler a seguir um conto de minha autoria.

O contista Misael pretendia escrever no céu contos curtos, utilizando para isso a Esquadrilha da Fumaça.

O contista Reginaldo teve uma súbita inspiração: escreveria um conto em forma de epitáfio. Olhava com muita atenção para os amigos, procurando descobrir neles sinais de doença grave.

Vendo que seu livro Florescências não vendia, a contista Bárbara pagou um menino para roubá-lo das livrarias. Num mês foram roubados mais de quarenta livros, e Florescências ficou em terceiro lugar na lista dos mais vendidos.

O contista Pedroso introduziu na sua literatura a noção de eficiência. Seus contos eram sistematicamente recusados por jornais e revistas; ele, então, publicou Leviatã revisitado como matéria paga. Contratou os serviços de uma firma especializada em levantamentos de opinião, firma esta que enviou um questionário a pessoas selecionadas de acordo com critérios estatísticos. "Até que ponto Leviatã revisitado mudou sua vida?" era uma das perguntas dirigidas às classes A, B e C, a homens e mulheres, a pretos e a brancos. O contista Pedroso pretendia demonstrar que seus contos eram eficientes e que os editores tinham má vontade. Infelizmente, os dados da pesquisa não foram conclusivos.

O contista Luís Ernesto mimeografava seus contos e os distribuía em estádios de futebol; o contista Múcio pintava contos em vasos de porcelana chinesa.

O contista Teodoro pediu a seu filho caçula que escrevesse ao programa Caixinha do Saber perguntando quem era o contista Teodoro e que contos tinha escrito. Não responderam porque ele não havia juntado à carta um rótulo de Moko.

O contista Sezefredo roubou o receituário de seu amigo, o doutor Raul; forjou um atestado dizendo que sofria de uma doença incurável. Com esse papel percorria as editoras, tentando conseguir publicação para seu livro. "É a minha última vontade", dizia, em prantos.

O contista Rafael, durante o dia, trabalhava como representante de uma firma de eletrodomésticos; à noite, escrevia. Não conseguindo encontrar editor para o seu livro, voltava-se, furioso, para o trabalho. Acabou por enriquecer. Comprou uma editora, uma gráfica, e mandou imprimir o livro. Comprou também várias livrarias, que exibiam nas vitrinas dezenas de exemplares da obra. Mesmo assim, esta não vendia... O contista Rafael, então, começou a distribuir o livro de graça em escolas; e dava bolsas de estudos aos alunos que o soubessem de cor.

Houve grande agitação na livraria. O caixeiro acusava o contista Rodolfo de ter roubado um livro.

– Vê lá se eu ia roubar um livro! – gritava Rodolfo. – E logo do contista Afrânio! Todo o mundo sabe que eu e Afrânio somos inimigos mortais. Ramiro! Ô Ramiro! Vem cá, rapaz! Diz aqui para esta besta do caixeiro o que eu penso dos contos do Afrânio! Diz, Ramiro! Pode dizer que eu... Pode dizer, rapaz! Eu garanto a mão! Garanto a mão, Ramiro! Tu me conheces!

Levaram Rodolfo. Arrastado, ele gritava:

– Me rasgaram o casaco de couro! Sacanas! Me acusam de ladrão e ainda me rasgam o casaco!

Era verdade, tinham rasgado o casaco dele. E Rodolfo se orgulhava daquele casaco, com o qual, dizia-se, se sentia como Hemingway, como García Márquez.

Os contistas ficaram nervosos com o ocorrido. Grupos de contistas formavam-se nos cantos da livraria, trocando palavras em voz baixa. De vez em quando um contista destacava-se de um grupo e dirigia-se a outro, fumando e gesticulando.

Eram, em geral, jovens, os contistas ali presentes. Muitos tinham grandes olhos castanhos. Notava-se em seus rostos: angústia, desesperança, necessidade de maior participação, preocupação com tensões sociais, aguda consciência de problemas existenciais. Falava-se em dinheiro, e o que é dinheiro?, perguntava-se um, e outro sorria. Eu procurava Marisa, procurava mesmo, mas só via livros, contistas e problemas.

Problemas. O contista Arnulfo, casado e pai de cinco filhos, não tinha silêncio em casa. Ocorreu-lhe construir uma espécie de estúdio no fundo do quintal. Trabalhando aos sábados e domingos, o contista Arnulfo levou três anos para terminar a obra. O filho mais velho pediu licença para instalar ali uma oficina de eletrodomésticos. O contista Arnulfo pensou muito e acabou concordando. – Meu filho é jovem e eu sou velho – explicou a outros contistas. Além disso, a eletrônica tem futuro... O conto, quem sabe?

Problemas. O contista Fischer escrevia numa espécie de transe, traçando largos garranchos. Sua secretária (Fischer era diretor de uma firma de publicidade) datilografava os originais. Fischer

desconfiava que ela acrescentava trechos por sua própria conta, mas não podia provar nada.

Já problema diferente teve o contista Nepomuceno de Almeida, que, não sabendo escrever à máquina, contratou, por um alto salário mensal, uma excelente datilógrafa. Ela datilografava os textos rapidamente; a produção literária do contista não era suficiente para abastecê-la; a moça ficava muito tempo sem fazer nada. O contista Nepomuceno, vendo seu dinheiro esvair-se, despediu-a. Ela ingressou com uma ação na Justiça do Trabalho e obteve ganho de causa.

Outro problema interessante foi o do contista Plínio. Ele estava sozinho em casa. Ocorreu-lhe uma excelente ideia para um conto. Justamente nesse instante faltou luz. Não havia lanterna, nem vela, nem fósforos, nem nada. Às apalpadelas, o contista Plínio achou uma caneta e uma folha de papel e escreveu o conto no escuro. Nunca conseguiu (como o contista Fischer) entender o que tinha escrito, mas até hoje guarda com carinho o papel. O que se pode garantir é que não se trata de um conto chamado Os contistas.

Problemas. O contista Amílcar foi raptado por cinco indivíduos tripulando um carro preto. Conduziram-no a uma casa deserta, obrigaram-no a escrever dois contos por dia, durante uma semana. Posteriormente Amílcar viu essas histórias publicadas, com nomes diferentes, em revistas e suplementos literários.

Dentro do plano de desenvolvimento da cidade de Ibitiúçá, o prefeito Macário convidou vários contistas para lá residirem. Pensava com isso promover a cidade. Mas os poucos visitantes que lá chegavam encontravam contistas passeando na praça ou sentados

nas varandas de casas amigas, batendo à máquina ou escrevendo à mão. Desapontavam-se. Desapontou-se também o prefeito, que moveu ações de despejo contra os contistas e recuperou as casas que havia cedido.

Problemas. O contista David escreveu uma série de contos históricos sobre colonização italiana. Durante meses fez pesquisas em bibliotecas do interior, colheu depoimentos, tirou fotografias. "O que é realidade em seus contos", perguntaram-lhe, "o que é fantasia?" Ele não sabia, tinha perdido a pasta com os documentos coletados. A contista Ofélia, depois de escrever um conto, tinha de ter relações com o marido. Quando ele estava viajando, não conseguia escrever e pensava em traí-lo. O contista Gervásio escrevia contos obscuros e mostrava-os às namoradas, jurando casar-se com a que os entendesse. Não entendiam. Contos e mulheres acumulavam-se na vida de Gervásio.

O contista Pereira... Esta foi boa! O contista Pereira uma vez parou um conto no meio. Não conseguia achar a palavra adequada. A esposa aconselhou-o a percorrer o dicionário. "Garanto", disse ela, "que, quando chegares à palavra que procuras, vai te dar um troço, um arrepio, uma alegria." O contista recusou a sugestão. Não achava justo. "É a mesma coisa", explicou, "que um cirurgião fazer uma operação consultando um livro." A esposa não se conformou com a resposta; comprou um dicionário e começou a pesquisa por conta própria. Escrevia as palavras mais sugestivas em pedacinhos de papel que deixava no banheiro, na mesa do café. Pereira rasgava-os sem ler. Quando terminou o dicionário, ela o abandonou.

Passa o garçom, levando uma bandeja com copos vazios.

– Garçon – digo –, estou cheio de problemas.

Ele me sorri, compreensivo. Me animo.

– Garçon, se és inteligente, me responde: Se um contista consome 820 centímetros cúbicos de uísque, quantos centímetros cúbicos consomem 28 contistas?

O homem me olha com desconfiança e quer se afastar. Pego-o pelo braço:

– Se oito contistas pesam 570 quilos, quantos quilos pesa um contista? E quanto dá 212 contistas mais 429 contistas?

O garçon está magoado comigo. Percebo. Vou indenizá-lo com a minha amizade.

– Garçon... – murmuro-lhe ao ouvido. – Essa guria... Essa Marisa... Tem um corpaço que só tu vendo...

Uma súbita suspeita:

– Será que ela escreve contos?

Num conto, o contista Leandro compara o rosto de uma moça a uma nuvem; noutro, uma nuvem ao rosto de uma moça.

O contista Frederico, achando que seus contos deveriam ter algo de prático, recusava metáforas; ao contrário, inseria neles os provérbios de La Rochefoucauld. Costumava dizer que qualquer idiota escreve um conto na primeira pessoa do singular.

– Em Os contistas – murmuro – preciso evitar esse erro.

Dá-me um súbito entusiasmo. Os contistas! Que conto! Vai ser um desfile de pequenas histórias, uma multidão de personagens vistos através de rápidos flashes – um Woodstock do conto! Um conto-livro! Terá repercussão, sem dúvida. Terá?

Quando o livro da contista Malvina foi publicado ela enviou cartas

anônimas a todos os jornais. "Malvina dinamizou a literatura", afirmava numa. "É enérgica", dizia noutra; "É meiga", noutra.

O contista Vítor organizou uma antologia de contistas desconhecidos. Os críticos receberam bem a obra. Muitos anos depois o contista Vítor revelou que todos os contos eram de sua autoria.

E já estamos chegando aos truques!

O contista Manoel escrevia a escritores americanos cartas como esta:

"Prezado senhor Saul Bellow. Abaixo envio a relação dos últimos contos por mim confeccionados e que, aos preços mencionados, estão à disposição de V. Sa. para pronta entrega.

"Descoberta (US\$ 15.00). Gilberto e Pedro, antigos amigos, descobrem-se homossexuais. Grande choque para ambos. Três situações dramáticas, porém excitantes, de um parágrafo cada.

"Poros (US\$ 13.80). Alberto sabe que sua vocação é a pintura, mas deve tomar conta da fazenda do pai. Conflito violento: genitor hemiplégico, mas dominador. Minuciosa descrição do problema da arte num país em desenvolvimento. A figura sinistra de um marchand de tableaux.

"Sem título (US\$ 9.90). História longa, mas com impressionante unidade de tempo: uma noite apenas. Grupo de intelectuais discute problemática nacional, mundial. Tóxicos presentes. Fundas introspecções.

"Além dos contos mencionados, há quatro outros, em várias fases de elaboração. Somos de V. Sa. etc. etc. "

O contista Zeferino tinha muito medo de se revelar em seus

contos. Mas era terrivelmente autobiográfico. Resolveu parcialmente o problema com um truque simples: narrava os acontecimentos da vida de sua mãe como se tivessem sido vividos pelo pai; e o que se passava com ele próprio atribuía à irmã.

Passa o garçom, dessa vez com os copos cheios. Corro atrás dele. Ataca-me o contista Mateus:

– Conheces minha filha?

Linda garotinha, loira, de olhos verdes.

– Vais ser contista, minha filha? – pergunto.

– Já está escrevendo – informa a mãe, orgulhosa.

– Isso é hereditário – comento.

– E tu, o que estás escrevendo? – pergunta Mateus.

– Um conto chamado Os contistas.

– Ah – faz Mateus. Junta-se à família e se afasta apressadamente.

Nesse meio-tempo, o garçom sumiu. Fico zanzando, olhando os contistas. Estão conversando, narrando histórias, as aventuras extraordinárias que viveram.

O contista Ronny arranca a capa de todos os livros de contos que lê: forra com elas as paredes do quarto; não estão bem coladas, entretanto, e adejam quando a brisa da noite entra pela janela, produzindo um leve farfalhar. Diz o contista Ronny que ouve nesse tênue ruído as vozes dos contistas murmurando suas histórias, mas ninguém acredita nele, riem dessa bobagem.

O contista Aderbal chegava em casa e telefonava ao editor, perguntando quantos livros haviam sido vendidos naquele dia. "Nenhum", era a crônica resposta. O contista dizia um palavrão e

desligava. Perguntava, então, à empregada se havia algum recado. Havia – que comparecesse a um determinado endereço, para um trabalho. O contista suspirava, apanhava uma maleta preta, tomava um táxi e dirigia-se ao endereço indicado. Uma bela casa. Tocava a campainha e era recebido por um homem gordo e inseguro.

– Pode me chamar de Alberto – dizia o homem. – E me acompanhe, faça o favor.

Guiava o contista até o quarto de dormir, onde uma mulher loira, de meia-idade, pouco atraente, estava deitada. Vestia uma camisola rosa e sorria timidamente. O contista examinava-a atentamente, abria a maleta e tirava transmissor, fones e microfones.

– Onde é que eu fico? – perguntava o homem.

– Longe, Alberto. No salão, por exemplo.

Alberto colocava um par de fones, empunhava um microfone e desaparecia. O contista Aderbal esperava um pouco e depois testava o aparelho:

– Testando, testando. Alô, Alberto.

– Alô – respondia a voz, do outro lado do fio. Voz um pouco embargada.

– OK, Alberto.

O contista deitava-se, então, ao lado da mulher, olhava-a fixamente e dizia ao microfone:

– Os olhos são azuis como lagos dos Alpes.

A mulher aproximava-se dele.

– Os cabelos são fios de seda.

– E os braços? – A voz do homem ressoava ansiosa nos fones.

– Calma, Alberto. Os braços... Os braços. Os braços são bem

torneados, perfeitos. De alabastro.

– De quê?

– Alabastro, Alberto. Alabastro. Aquilo dos lustres.

– Ah.

– De alabastro, com delicadas veias azuis.

– Oh, meu Deus – gemia Alberto. – Eu nunca... E as pernas?

– Como dois peixes movendo-se em águas tépidas, dois peixes longos.

– Ai, que coisa! E, me diz, os peitinhos?

– Um momento.

Depois de uma pausa.

– São como dois cabritinhos.

– Mas isso não é do Cântico dos Cânticos? – indagava Alberto, suspeito.

– E daí? Só porque já foi dito não invalida.

Outra pausa.

– E a barriga? – indagou Alberto.

Nenhuma resposta.

– E a barriga? Alô. Alô! E a barriga?

– Um momento... Um momentinho, só um pouquinho...

– E a barriga? A barriga?

– Ah...

– Alô?

– Sim. A barriga. Agora sim. A barriga é como um mar de águas mansas.

– Oh...

Nova pausa.

– Marque três minutos, depois pode entrar – anunciava Aderbal, em voz neutra.

O homem entrava, olhava para a mulher, virada para a parede, depois para o contista, que guardava o equipamento na maleta.

– Puxa, seu... Puxa. Que coisa... Eu nunca... Quanto é que lhe devo?

– Trezentos.

– Está bem cobrado – dizia o homem, preenchendo o cheque. – Sabe que eu também escrevo os meus continhos? O senhor não gostaria...?

– Lamento – dizia Aderbal. – Não é a minha especialidade. Procure um crítico. Até à vista.

Na rua, corria ao primeiro telefone público. Ligava para o editor: tinham vendido algum livro? Não tinham. Aderbal voltava para casa.

Os contistas podem parecer agressivos, mas na realidade são inofensivos. Na Primeira Guerra Mundial um batalhão de contistas foi completamente aniquilado; o exame de seus fuzis mostrou que não tinham disparado um único tiro. Contistas são indigestos. Uma tribo de canibais devorou uma expedição de contistas; passaram mal, tinham delírios nos quais contavam histórias sem-fim.

Um amigo do contista Emílio enviou-lhe de Estocolmo o seguinte telegrama, em sueco: "Comunicamos escolha sua pessoa Prêmio Nobel Literatura. Esteja Estocolmo dia 10". Quando lhe traduziram o telegrama, o contista Emílio riu muito, depois passou por momentos de dúvida cruel. Na noite de 9 para 10 não dormiu. No dia seguinte anunciaram o vencedor do Nobel, e não era o contista Emílio. – É tudo uma panelinha – disse ele, despeitado.

Náufrago numa ilha deserta, o contista Carmosino dispunha somente de seus originais, mas graças a eles conseguiu sobreviver. Atraía os peixes à praia jogando na água pedacinhos de papel; pescava-os com anzóis feitos dos cliques que prendiam os contos. A isca? Bolinhas de papel. Por alguma razão, os peixes gostavam de seu texto. Que tinha outros usos. Com as lentes dos óculos, o contista concentrava sobre o papel os raios solares, fazendo o fogo que lhe permitia comer os peixes assados.

Fez também uma barraca de papel e, com a única folha em branco, a bandeirinha que, hasteada num alto mastro, foi sua salvação: avistaram-no e recolheram-no. Ainda no navio pediu lápis e papel e lançou-se imediatamente à tarefa de refazer os contos.

O contista Morton, um missionário, viveu vários anos na África, entre pigmeus. Escrevia muito, mas não tinha a quem mostrar seus contos: os selvagens não gostavam dele. Narra em suas memórias: "Eu pedia a Deus que me mandasse alguém para ler um conto meu, um apenas. E não precisaria opinar, bastaria ler. Um único leitor é suficiente para salvar um contista". O contista Efraim tornou-se hippie, construiu uma casa em cima de uma figueira e passava os dias lá, escrevendo contos, mas alimentando-se escassamente. Para impedir que morresse de fome foi necessário derrubar a árvore.

O contista Franz considerava-se homem de poucas vivências (seus contos eram pura introversão). Embarcou num cargueiro norueguês, disposto a correr o mundo. Ao cabo de oito anos tornou-se um dos melhores foguistas do Atlântico. Escreve, ainda, mas só cartas para a família. Os personagens da contista Helena, manicure, eram unhas: – Falo do que sei – dizia.

E os contistas insuspeitados?

Conheço um rapazinho que é aprendiz de tipógrafo.

Inteligente, muito dedicado, não tem, contudo, tido sucesso em seus esforços para dominar a profissão. Durante o dia faz mil caiporices: esbarra nas máquinas, derrama tinta, vira caixas de tipos. Os colegas riem dele. O dono do estabelecimento, homem ranzinza, não lhe poupa críticas.

A tipografia fica num bairro distante. É uma casa velha, de aspecto tétrico, e isolada: as casas ao redor estão sendo demolidas, pois ali passará uma avenida.

Imagino esse lugar à noite. A lua ilumina paredes semidestruídas. A rua esburacada está deserta.

É então que surge o aprendiz de tipógrafo. Vem apressado, embrulhado num velho capote. Chega à tipografia; olha para os lados, certifica-se de estar só; introduz na fechadura uma espécie de gancho. Uma pequena manobra, um estalido, a porta se abre e, pronto, ele já está dentro, ofegante. Acende uma vela – uma única. Tem medo de ser visto.

Tira o capote e põe mãos à obra: liga as máquinas, derrete o chumbo. E dedica-se à linotipia.

São horas de intenso trabalho.

O que escreve o aprendiz, enquanto pratica sua arte? Ora, coisas que lhe vêm à cabeça, frases, histórias...

Contos.

Contos! Escreve contos! Serão bons esses contos? E se forem bons? E se forem muito bons? E se o aprendiz de tipógrafo for o melhor contista do país?

Gostaria que esses escritos fossem revelados ao mundo. Infelizmente nada posso fazer a respeito.

Enquanto medito, o aprendiz de tipógrafo afana-se. Diante do capataz é lento, mas a solidão da madrugada dá-lhe uma destreza insuspeitada. As frases brotam-lhe rápidas do cérebro, mas os dedos são ainda mais ágeis e às vezes criam espontaneamente personagens, situações.

E se eu falasse com o dono da tipografia? Não sei... Não o conheço; além disso, creio que me falta habilidade para convencer um homem pragmático e inflexível.

Talvez com o auxílio das autoridades... Uma carta anônima para a polícia. "Na tipografia X verificam-se, a altas horas da noite, movimentos suspeitos." As autoridades iriam ao local, surpreenderiam o aprendiz de tipógrafo, apreenderiam seus contos. E se o rapaz é realmente um contista de valor, como suponho, os contos não deixariam insensível um escrivão, ou um repórter, que poderia se encarregar de levá-los a um editor corajoso. Quanto às complicações legais decorrentes do arrombamento da tipografia, do trabalho em horas extras – ora, quem pensaria nelas, se o livro obtivesse sucesso?

Enquanto formulo hipóteses, o aprendiz de tipógrafo se apressa. Não deve surpreendê-lo o primeiro raio do sol! Trabalha agora com extrema rapidez e desenvoltura.

Finalmente, o livro está pronto. Trata-se de um belo volume de 220 páginas. Consta de cinco histórias longas e 22 curtas. Não tem título; é uma obra experimental.

O aprendiz de tipógrafo levanta-se, espreguiça-se, esfrega os

olhos congestos. Folheia displicentemente o livro. Bocejando, abre a fornalha – e atira a obra às chamas!

A próxima meia hora é dedicada à arrumação. Limpa e varre, ajeita tudo. Quando termina, a tipografia está exatamente como ele a encontrou. Lança um último olhar ao redor, apaga a vela e sai. Vai para casa. Onde mora? Não sei.

Mas sei que amanhã escreverá um novo livro. Assim são os contistas.

O contista Herman fez dois tipos de experiência: com a cantora que emitia um agudo capaz de despedaçar uma taça de cristal, e com as palavras neoformadas. Quanto à cantora, descobriu que a fratura do cristal dependia não tanto da altura e da intensidade do som como da vogal escolhida – e essa vogal era a preferida de Herman. Quanto às palavras neoformadas, Herman verificou que, associadas à mencionada vogal, emitiam vibrações poderosas, capazes de abalar a estrutura de edifícios e pontes.

*– Deus meu! – murmurou Herman em seu gabinete de trabalho.
– Tal é a força das palavras!*

Apesar da insistência dos amigos, não quis revelar quais eram essas palavras. Tanto o incomodaram que acabou prometendo pronunciá-las após sua aposentadoria, mas morreu antes disso.

Sentado no chão, vejo uma salsicha debaixo de um armário de livros; vou apanhá-la, mas penso melhor e desisto. – As baratas estão precisando mais do que eu – murmuro, com desprezo. Quem gostava de baratas era o contista Kafka.

Bêbado, não consigo me levantar. – Diabos – resmungo.

Diabos? Diabos.

Dizem que o Diabo marcou um encontro com o medíocre contista Neto, no cemitério da cidade. Lá, à meia-noite, o Maligno propôs ao contista a seguinte opção: mais quarenta anos de vida e de má literatura – ou um só conto, genial, o melhor conto já escrito; e a morte, um minuto depois de escrita a última frase. O contista Neto nem vacilou; optou por esta última alternativa. Firmaram o contrato com sangue etc., e o Diabo ordenou-lhe que fosse para casa e escrevesse; sua mão seria guiada na redação das preciosas linhas. Entretanto, à saída do cemitério, o contista foi atropelado por um carro funerário e morreu. O Diabo depois alegou que nada tinha a ver com o assunto; o carro pertencia à paróquia local, estava, pois, a serviço de Deus.

Os contistas. Que conto! Dispensei todo o ritual, aquele do contista Lúcio e outros. Não precisei tomar um trago antes do trabalho, não precisei sentar-me à máquina elétrica com a testa franzida. Na verdade, fui escrevendo Os contistas deitado, imóvel; com os olhos, eu ia acompanhando as palavras que apareciam no teto do meu quarto (foi assim que o Contista produziu, na parede do palácio de Nabucodonosor, um conto muito sintético para seu leitor Daniel). A princípio as palavras surgiam uma a uma; logo vinham em frases, em parágrafos, numa velocidade tão grande que eu só podia acompanhar pela leitura dinâmica. Minha boca se abria de espanto. O conto estava sendo escrito!

Contistas lutadores. O contista Lauro passou fome, mas emprestou dinheiro ao contista Antônio para este publicar um livro. Os contistas Rudimar, Heráclito e Costa pensavam em fazer uma cooperativa de escritores. O contista Breno sonhava com uma

fazenda onde todos os contistas levariam uma vida comunal, ordenhando vacas e arando os campos pela manhã, escrevendo à tarde. Pensava até numa gráfica, onde os próprios escritores fariam todo o trabalho. Os lucros iriam para uma caixa comum. O contista Paulo e seu irmão, fotógrafo, trabalhavam no parque. O fotógrafo fazia pôsteres, e o contista escrevia um conto de duas laudas sobre o retratado. Os contistas João, Lino e Amílcar escreveram um conto a seis mãos. Cada um escrevia uma linha. Antes de começar, combinaram que o número de linhas seria múltiplo de três. Quatro contistas resolveram dar uma surra no crítico Arthur. À noite, foram à casa desse Arthur. Caminhavam lado a lado, quatro rapazes altos e fortes, silenciosos, seus passos ressoando na rua deserta. – É como no velho Oeste – murmurou um deles. Cinco contistas, devendo separar-se, rasgaram um conto em cinco partes. Cada um levou uma parte. Trinta contistas fizeram um pacto: até o fim da vida leriam os contos uns dos outros.

– Marisa! – grito, mas prateleiras cheias de livros abafam minha voz.

Todos os dias, ao acordar, o contista Firmo murmurava: "Sou contista, sou contista". E se sentia melhor.

A livraria se esvaziava aos poucos. Transeuntes passavam rápido vestindo sobretudos cinza e carregando pastas James Bond. Nos olhavam e se perguntavam: – Quem são?

– Somos contistas! – berrei, e esmurrei-me na cabeça: – Estás louco, contista?

Absalão, o contista louco, foi levado por sua mãe a um psicólogo do bairro, que resolveu testar as faculdades mentais do rapaz.

– Preste atenção – anunciou. – Vou dizer algo absurdo. Encontraram um homem com os pés amarrados. E com as mãos amarradas atrás das costas. Pensam que ele se amarrou sozinho.

Absalão ouvia em silêncio.

– Os pés de um homem – continuou o psicólogo, observando atentamente o contista – eram tão grandes que ele tinha de tirar as calças pela cabeça.

Absalão quieto, mas atento. O psicólogo:

– Num velho túmulo da Espanha encontraram uma caveira. Era de Cristóvão Colombo quando tinha dez anos de idade.

– Belíssimas histórias, doutor! – gritou Absalão, maravilhado. Sacou lápis e papel e pôs-se a anotá-las.

– Quanto mais depressivos os contos, melhor os pacientes se sentem – garantia.

Ramiro me olha com rancor. Estou estragando a melhor tarde da vida dele. “Sou um desgraçado”, pensei, soluçando. “O que há comigo?”

Um contista queixou-se ao médico: não conseguia mais escrever. Foi radiografado, mas nada se encontrou de anormal. O contista Nélio escrevia sem cessar. Seus contos descreviam algo insignificante que ia crescendo, crescendo, enchendo a casa, a cidade; um camundongo transformava-se num rato de trinta toneladas, excrementos acumulavam-se em montanha, a orelha esquerda de uma pessoa transformava-se em uma asa com dois metros de diâmetro. Escrevendo, o contista Nélio não reparava no pequeno tumor que crescia perto de seu nariz.

A contista Bárbara narra a história de um contista que quase

morre quando uma prateleira de livros desaba sobre ele. Os livros são de autoria do próprio contista, que, vendo no incidente um desígnio do Destino, desiste de escrever.

O contista Hildebrando, aeromoço, viajava no avião que se incendiou ao fazer uma aterrissagem forçada. Hildebrando estava entre as doze vítimas. Passageiros narram que ele se comportou com bravura; deixou de cuidar dos passageiros apenas no momento em que o comandante anunciou a aterrissagem. Sacou, então, uma caderneta do bolso e pôs-se a escrever. Sua esposa leu depois, na caderneta meio queimada: "Ideia para conto: R., rico banqueiro, está a bordo do avião que...". A frase, inconclusa, foi publicada no livro póstumo de Hildebrando.

O contista Amélio foi objeto de um estudo fotográfico. Usou-se máquina Praktisix, com lente de 180mm, abertura 5.6, exposição de 1/125s e filme Kodak Tri-X. Detalhes notáveis nessas fotos são: o branco dos olhos – a testa franzida – os dedos crispados sobre as teclas da máquina – o ricto da boca. A morte precoce do contista Amélio valorizou essas fotografias.

O contista Miro, sofrendo de arteriosclerose cerebral, tinha dificuldade de encontrar as palavras adequadas para seus contos. Deixava, então, espaços nas frases, para preenchê-los quando a memória o ajudasse. Seus últimos contos tinham várias páginas em branco.

Sofrendo as dores de uma cólica renal, o contista Ibrahim escreveu um conto inspirado... O contista Peter quebrou a perna e escreveu um conto na tala de gesso... O contista Alfredo era estrábico, a contista Elizabeth sofria de lupo eritematoso

disseminado.

– Que faria você se tivesse só uma hora de vida? – perguntou um repórter ao contista Matos. – Faria o que é necessário – foi a resposta:

– Escreveria um conto.

O repórter insistiu: – Seria um conto pessimista? – Não necessariamente – disse Matos. O repórter quis saber se uma hora seria suficiente para escrever essa derradeira história. O contista Matos deu de ombro: talvez sim, talvez não, isto ele não sabia.

Nos últimos dias de sua vida o contista Salomão escrevia sem esforço. Não precisava mais pensar: as frases brotavam espontaneamente. "Sou literatura pura", dizia. Estava translúcido devido à leucemia.

Marisa se foi, nada mais me resta a não ser ginástica: pego dois grossos livros de contos e começo a fazer movimentos de braços. Tiram-me os livros. Quem? Dois contistas. Mas a hora deles chegará.

Dizia o contista Martim: "Há mais automóveis para dirigir do que transeuntes para serem atropelados; mais gente para escrever do que gente para ler – tal é o retrato de nossa época". O contista Raimundo: "O papel está tão caro que não se pode mais escrever contos longos". A esse mesmo contista telefonaram perguntando onde estava à venda seu livro. Recusou-se a responder: "É melhor não comprar. Há pelo menos duzentos livros melhores no comércio". O contista Barroso, rico herdeiro, nada fazia a não ser escrever, e recusava qualquer pagamento por seus contos: "É minha maneira de devolver à humanidade o dinheiro ganho iniquamente", afirmava. O contista Limeira, acreano, dizia: "Mostrem-me uma antologia em que

entre alguém do Acre". Era muito desconfiado e acabou abandonando a literatura.

Quem também abandonou a literatura foi o contista Alberto. Abriu uma mercearia e dizia:

– Todos nós tivemos pai e mãe, todos nós tivemos infância, fomos traumatizados, tivemos nossos casos. Por que encher o saco de todo mundo com nossos contos? Já não chegam as preocupações cotidianas da vida, os impostos, as despesas? Vendo salame, que conforta o estômago.

O contista Moraes parou de escrever para cultivar rosas, o contista Ymai, para ser terrorista. O contista Murilo não deixou totalmente a literatura: abriu uma escola de escritores por correspondência. "Em um mês você estará escrevendo tão bem quanto Guimarães Rosa", garante, em prospectos. O contista Feijó tinha seus contos sistematicamente recusados para publicação. Deixou os contos de lado, entrou no ramo de cereais e enriqueceu. Lançou, então, o Prêmio Literário Feijó, cujo regulamento estipulava que o conto vencedor passaria à propriedade do Grupo Feijó. De posse desse conto, Feijó rasgava-o, dizendo: "Este contista salvei de uma carreira de sofrimento".

Éramos dois ou três agora – até Ramiro tinha ido embora –, e o garçom já nem aparecia. Senti que era hora de abandonar o recinto. Eu tinha de terminar um conto chamado Os contistas.

O contista Georgariou morava numa água-furtada e escrevia ao crepúsculo. A essa hora enormes morcegos entravam pela janela e atacavam-no ferozmente. O contista defendia-se como podia; mas acabava se distraíndo, e os morcegos sugavam-lhe o sangue.

Anêmico embora, o contista escrevia sem cessar.

O contista Ronny... Não, essa já contei.

O contista Aristarco: "Viver? Quem? Eu? Só vivo para ter material para os meus contos".

Cheguei ao prédio onde moro, subi as escadas com dificuldade; com dificuldade enfiei a chave na fechadura. Enfim, chegava a meus precários domínios. Onde poderia dizer, como o contista Hawthorne: "Aqui estou, em meu quarto. Aqui terminei muitos contos. É um lugar enfeitado, povoado por milhares e milhares de visões – algumas das quais são agora visíveis para o mundo. Às vezes acreditava estar na sepultura, frio, imóvel; outras vezes pensava ser feliz... Agora começo a compreender por que fui prisioneiro tantos anos neste quarto solitário e por que não pude romper suas grades invisíveis. Se tivesse conseguido fugir, agora seria duro e áspero, e teria o coração coberto do pó da terra... Em verdade, somos apenas sombras".

– Sombras – resmunguei. A porta estava aberta, o que não era novidade: eu sempre esquecia de fechá-la. Quem roubaria meus contos? Entrei, cambaleando.

Marisa estava lá, deitada em minha cama, fumando.

– Vim ler o teu conto – disse. – Os contistas, não é?

– Era.

De meus estudos de medicina e da prática médica resultaram experiências, não raro penosas, que representaram um verdadeiro mergulho na condição humana em situações extremas – e, não raro, tão sombrias que só podiam ser literariamente enfrentadas pelo

recurso ao humor, à ironia. É o caso da progéria, uma rara enfermidade na qual o processo de envelhecimento é violentamente acelerado: a existência é vivida como em *fast-forward*. A enfermidade é o ponto de partida para a história que segue.

Rápido, rápido

Sofro – sofri – de progéria, uma doença na qual o organismo corre doidamente para a velhice e a morte. Doidamente talvez não seja a palavra, mas não me ocorre outra e não tenho tempo de procurar no dicionário – nós, os da progéria, somos pessoas de um desmesurado senso de urgência. Estabelecer prioridades é, para nós, um processo tão vital como respirar. Para nós, dez minutos equivalem a um ano. Façam a conta, vocês que têm tempo, vocês que pensam que têm tempo. Enquanto isso, eu vou escrevendo aqui – e só espero poder terminar. Cada letra minha equivale a páginas inteiras de vocês. Façam a conta, vocês. Enquanto isso, e resumindo:

8h15 – Estou nascendo. Sou o primeiro filho – que azar! – e o parto é longo, difícil. Respiro, e já vou dizendo as primeiras palavras (coisas muito simples, naturalmente: mamã, papá), para grande surpresa de todos! Maior surpresa eles têm quando me colocam no berço – desço meia hora depois, rindo e pedindo comida! Rindo! Àquela hora,

8h45 – Eu ainda podia rir.

9h20 – Já fui amamentado, já passei da fase oral – meus pais (ele, dono de um pequeno armazém; ela, de prendas domésticas) já

aceitaram, ao menos em parte, a realidade, depois que o pediatra (está aí uma especialidade que não me serve) lhes explicou o diagnóstico e o prognóstico. E já estou com dentes! Em poucos minutos (de acordo com o relógio do meu pai, bem entendido) tenho sarampo, varicela, essas coisas todas.

Meus pais me matriculam na escola, não se dando conta de que às 10h40, quando a sineta bater para o recreio, já terei idade para concluir o primeiro grau. Vou para a escola de patinete; já na esquina, porém, abandono o brinquedo, que me parece então muito infantil. Volto-me, e lá estão os meus pais chorando, pobre gente.

10h20 – Não posso esperar o recreio; peço licença à professora e saio. Vou ao banheiro; a seiva da vida circula impaciente em minhas veias. Manipulo-me. Meu desejo tem nome: Mara, da oitava série. Por enquanto é mais velha do que eu. Lá pelas onze horas poderia namorá-la – mas então, já não estarei no colégio. Ai, foge-me o doce pássaro da juventude!

11h15 – Saindo do colégio, resolvo dar um passeio pela cidade que não conheço e que nunca chegarei a conhecer – doença braba, esta minha, implacável. Caminho (pelo meu tempo) meses. Chego a uma vila popular. Vejo malocas miseráveis; vejo crianças nuas, sujas. Revolta-me esse estado de coisas e choro pela pobre gente; imagino que todos os latino-americanos vivam assim, e choro pelos latino-americanos. Choro por mim.

12h15 – A hora seria de almoçar, mas não tenho fome. Além disso, repugna-me comer um pão que não ganhei. E aí, passando por uma tipografia, vejo o anúncio: Precisa-se de auxiliar.

Entro. O dono da tipografia está saindo para almoçar. Peço-lhe o

emprego; ele me diz para voltar no fim do expediente – à hora em que estarei me aposentando, ou... Insisto: "Quero começar a trabalhar logo". Coça a cabeça, indeciso. Me dá um serviço: limpar a linotipo.

– Vai fazendo isso aí. Volto daqui a meia hora.

Volta, de fato, mas então já estou cansado dos anos de exploração, do trabalho sem salário. Discutimos, tenta me agredir; é mais rápido que eu, meus movimentos levam meses a se completar, mas mesmo assim consigo golpeá-lo com uma barra de ferro. Desaba. Morreu? (A morte, inevitável, mais hoje, mais amanhã – mais hoje, para mim.) Não, não morreu, está respirando, mas não tenho como ajudá-lo. Fujo. Não posso ser preso. Não posso sequer ser submetido a julgamento sumário. Fujo.

13h05 – Já não corro com tanta agilidade. Canso facilmente. É a velhice chegando! Estou numa rua sombria, estreita, de velhas casas. Entro pela primeira porta que acho aberta. Subo por uma velha escada de madeira mal iluminada, chego a uma espécie de salão.

Deitadas em sofás, sentadas em poltronas, ou esparramadas pelo chão – mulheres seminuas. Já tenho idade para compreender do que se trata, e não há tempo a perder, de modo que:

– Tu! – aponto uma moreninha, magra e até bonita. Me sorri. Topou. Bom. Pelo menos ali o tempo trabalha a meu favor.

Vamos para o quarto. Tiramos a roupa, sorrindo. Ela é a primeira; sinto que será a última; e então me entrego, esqueço a polícia, esqueço a noite que logo virá, esqueço tudo, beijo-a, beijo-a.

– Que é isso, bem? – ela, surpresa com os arroubos do cliente;

mas comovida, vê-se. Me elogia, lamenta apenas que foi tão rápido. Rápido? Meses.

Levanta-se, vai ao banheiro. Eu fico deitado algum tempo. Muito tempo: quando me levanto estou calvo – meus cabelos ficaram sobre o travesseiro. Junto-os e, não sem dor, joga-os pela janela. Leva-os a brisa.

– Não sabia que usavas peruca, bem – ela, voltando.

– Casa comigo – suplico. – Casa comigo, vamos ter um filho.

Arrojo-me a seus pés. Pensa que estou fingindo, fica amuada, diz que a gente não deve brincar com essas coisas. Não acredita em mim! Mas estou falando sério!

Uma gritaria lá fora. Espio pela janela: é o dono da tipografia, com um guarda. Reconheceu meus cabelos, levados pelo vento! Com imenso pesar despeço-me da morena e fujo pelos fundos.

14h02 – Caminho pela rua, com muita dor na perna: feri-me ao escapar pela cerca de arame farpado nos fundos da casa da morena. Mas não posso parar.

Encontro minha mãe. Diz que meu pai ficou doente – de desgosto, afirma – e que precisa de mim para tomar conta do armazém. Respondo que tenho de encontrar o meu próprio caminho. Minha mãe me olha de maneira estranha, como se não me reconhecesse. De fato, mudei muito nos últimos... minutos? Meses, quero dizer.

Me queixo, pela primeira vez em minha vida. Me queixo da ferida na perna. Quando levanto a calça (que já ficou curta) o aspecto da ferida surpreende até a mim – é uma coisa horrível de se ver. Tenho de tomar uma providência imediata.

– Adeus, mãe! – Abraço-a. – Vou ao médico, mãe!

Saio correndo. Na esquina – a anos-luz de distância – paro, volto-me. A mãe abana-me, desconsolada. Boa mãe, aquela. Voltaria a vê-la?

15h08 – Invado o consultório do doutor Schulet, que faz clínica geral e cirurgia. A recepcionista levanta-se, espantada. Pede-me que aguarde na sala de espera. Sala de espera! Rio às gargalhadas. Salas de espera não existem para mim, grito, e acrescento, ameaçador: quero ver o doutor imediatamente. A recepcionista me toma pelo braço, pretendendo conduzir-me porta afora. Engalfinhamo-nos. Engalfinhados, sinto seus seios contra o meu peito. – Casa comigo – sussurro-lhe ao ouvido. Mas não, não quer casar. Quer lutar.

A porta se abre, o doutor aparece.

– O que se passa aqui? – pergunta. É um homenzinho pequeno, com voz de ovelha, de ovelha alemã. Largo a minha quase noiva e entro pela sala dele adentro, levando-o de roldão.

– Desculpe, doutor – vou dizendo, enquanto tiro a roupa –, mas sofro de progéria e quem tem essa doença, o senhor sabe melhor do que eu, não pode aguardar em salas de espera.

Me olha espantado, piscando atrás das grossas lentes. Mas o sagrado espírito do diagnóstico já tomou conta dele; aproxima-se, passa a mão em meu rosto, muito atento:

– Sim... É progéria, realmente... Eu nunca tinha visto um caso, mas não há dúvida: progéria... Interessante...

(Carrega nos erres, pronuncia mal. Não vou corrigi-lo. Tenho apenas o primeiro grau, enquanto ele é um doutor. E não tenho

tempo para corrigir ninguém.)

– E o que lhe incomoda, amigo? – diz, depois de alguns minutos/meses.

Nu que estou, mostro-lhe a perna. A ferida agora está preta, exala um mau odor terrível. É a gangrena, reconheço. Nunca ouvi este nome, mas sei perfeitamente que se trata de uma gangrena.

– Gangrena – diz o doutor, abaixando-se. – Interessante... progéria, gangrena...

Interessante, diz o doutor, e isso me dá raiva. Interessante, duas doenças juntas? E não quer mais nada, safado? Não quer um cancerzinho também? Não quer um derramezinho, não? Mas logo me arrependo. Está a meus pés – um doutor! – e eu pensando mal dele.

– O que é que se faz, doutor? – eu, ansioso. (Mas não aflito, hein? Aflito ainda não. Daqui a pouco, talvez. Agora, só ansioso.)

– O caso é de amputação – diz, erguendo-se. – De amputação.

– Amputa, então! – eu, amável e enérgico, desesperado e estoico, calmo e ansioso, sorriso nos lábios e angústia no olhar. – Amputa!

– Como? – Pensa não ter ouvido, o doutor; é meio surdo (desgraça da qual estou – até agora – poupado). – Como?

– Amputa! Amputa logo!

– Bem... – Reluta, vê-se. – Neste caso vamos ter de providenciar a baixa em hospital, para amanhã, ou talvez...

– Nada disso – atalho. – Amputação agora!

(Frase sintética. Progéricos valorizam síntese.)

– Agora? – Duro de entender, o homenzinho.

– Agora e aqui. Aqui e agora.

– Mas eu não posso... É humanamente impossível...

Olho ao redor. Há um banquinho de ferro que me serve muito bem. Passo a mão nele:

– Ou me amputas ou te mato, velho!

– Mas... – agora está apavorado – e a dor?

– Esquece a dor! A dor é comigo!

Sento-me na pequena mesa cirúrgica. Resmungando, ele espalha desinfetante na minha perna, coloca luvas de borracha, tira os instrumentos de um armário de vidro e começa.

A princípio dói pouco – é tecido morto que ele corta, tecido que morreu um pouco antes do organismo de que faz parte. Eu, olhando-o trabalhar, eu gracejo, eu solto gargalhadas.

Mais adiante, porém, a coisa vai ficando dolorosa – eu berro, entusiasmado, ao sentir a estimulante dor. – Que coisa boa é estar vivo, doutor – digo, enquanto ele me cauteriza a ferida sangrenta.

Terminando, ele se levanta, vai a outra sala e volta com uma muleta.

– É da minha mulher – diz. – Mas acho que vais precisar mais do que ela.

– Obrigado, doutor – digo, comovido, e peço a conta só por pedir, pois não tenho dinheiro; não houve tempo para poupança. Ele diz que não vai me cobrar nada, mas acrescenta:

– Se não te incomodas, gostaria de ficar com tua perna. Pretendo pesquisar o metabolismo destes tecidos...

Faz uma confidência: – Meu sonho – diz numa voz trêmula – era ser cientista. Ainda não perdi a esperança de fazer uma descoberta

importante – como a causa do envelhecimento, por exemplo. Se eu encontrar o defeito básico da progéria – acrescenta, os olhos brilhando –, a humanidade poderá enfim controlar o envelhecimento: a verdadeira Fonte da Juventude!

– Será que até as seis horas o senhor descobre alguma coisa? – pergunto, animado de uma tênue esperança.

– Acho que não – me diz, condoído, mas sincero. Não pode me mentir. Não deve me mentir. – Mas vou tentar. Prometo que vou tentar. Me telefona mais tarde. E agora – consulta o relógio –, se quiseres te vestir... Fica à vontade.

Minha consulta terminou, é o que ele quer dizer. "Tenho mais o que fazer, pernetá, te manda."

Apanho minhas roupas e, com auxílio da muleta, passo para a sala ao lado. Movo-me lépido: já me adaptei à nova maneira de andar. Impressionante: o que outros levam meses para aprender, eu aprendo em minutos. O que é justo, aliás.

Estou na sala de visitas da casa do doutor. Aproximo-me de um espelho, examino meu rosto com atenção. Noto que o processo de envelhecimento não cessa; ao contrário, parece ter se acelerado nos últimos minutos/meses. As rugas se acentuaram, os poucos cabelos que restavam branquearam, as sobrancelhas tornaram-se hirsutas. A linha das sobrancelhas corresponde aos meandros deste rio que flui por minha cabeça. Ali, nos meandros, se acumulam a galharia, as penas perdidas dos pássaros silvestres, os gravetos. Lombo de porco-espinho, lombo sujo de porco-espinho. (Esta comparação não está muito boa. Paciência. Qualquer literato com mais de quarenta anos poderá fazer uma comparação melhor do que a minha. Um dia

resolverei esse problema.)

– Bonito o que o senhor fez comigo.

Volto-me. É a mulher do doutor, numa cadeira de rodas; como eu, tem a perna amputada. Me olha com raiva. Sei por quê: estou com a muleta dela.

– Desculpe, senhora – digo, tentando ser amável; para quê? É uma velha; não nos engalfinharemos; e é casada; não casará comigo. Olho o rosto enrugado, estremeço; é o meu rosto que vejo ali. Murmuro qualquer coisa, peço licença e saio.

16h45 – Já! Tão tarde!

16h47 – Estou gostando de viver. Paro numa banca de revistas. Capas coloridas com lindas mulheres... Coisa bem boa. Pego um jornal e leio uma notícia: fala em descobertas sensacionais. Médicos americanos...

E se eu fosse para os Estados Unidos?... E se lá eles me curassem?... Seria ótimo, mas... haverá tempo? E o dinheiro? Se eu pudesse apostar na loteria, e se a extração fosse agora, e se eu ganhasse, e se me pagassem logo, e se eu corresse ao aeroporto, e se eu fretasse um jato particular...

Disfarçadamente, rasgo a notícia, me afasto dali, entro numa agência lotérica.

– Tem alguma extração hoje? – pergunto.

– Às cinco – me diz o homem, olhando o relógio. – E eu tenho o final treze, hein? Aproveita que eu tenho o final treze.

– Escuta... – inclino a cabeça em sua direção, mas desisto. Não, não me dará o bilhete de graça, nem eu dizendo que sofro de progéria, nem eu argumentando que tenho os minutos contados.

Não: não tem cara de quem dá bilhetes de presente.

Saio à rua. Cada vez me locomovo com mais dificuldade. Não é só a perna amputada; é o insidioso reumatismo que me invade nesta tarde nevoenta de inverno.

Vejo uma moça parada diante da banca de revistas. Abre a bolsa, tira um maço de notas. Sem pensar, dou um bote – zás! –, arrebatolhe o dinheiro, saio correndo – correndo! De muleta! Me agarram logo adiante, três rapazes barbudos.

– Rapazes... – suplico.

A moça vem correndo.

– Moça! – grito. – Me ajuda, moça! Sou doente!

Um guarda me agarra pelo braço, uma pequena multidão já está formada a meu redor. Velho, aleijado e ainda por cima ladrão – comenta uma velha. – Cala a boca, velha – digo, e o guarda me dá um safanão.

A moça se aproxima, ofegante. Não é bonita; usa óculos, tem uma boca muito grande, mas... bem, eu lhe pediria para casar comigo, se tivéssemos nos encontrado em outras circunstâncias... Agora é tarde. Só resta esperar a noite. A moça me olha.

– Acho que me enganei – diz. – Acho que ele não me roubou nada.

Abre a bolsa.

– É. O dinheiro está todo aqui. Me enganei.

O guarda reluta, mas acaba por me liberar, não sem me avisar que na próxima vez eu vou em cana de qualquer jeito. Na próxima vez... Coitado! Não conhece a força da progéria.

As pessoas se dispersam. A moça fica parada, me olhando.

Consulto o relógio. São 17h – em ponto. A loteria correu, e eu não preciso ser adivinho: deu o treze, lá se foi a minha viagem, a minha cura. Uma vertigem... Ela me ampara.

– Desculpe – murmuro. – Estou fraco. Desde os seis anos não como nada.

Me olha, incrédula, opta por rir. Rimos os dois, ela se oferece para me pagar uma taça com pão e manteiga.

– Se me devolveres o dinheiro, claro – acrescenta. Rimos de novo, eu lhe devolvo o dinheiro.

17h18 – No apartamento dela, as roupas sobre a cadeira, a muleta no chão, o coto da perna apoiado na guarda da cama, eu sobre ela, eu tentando, molhado de suor, eu tentando, gemendo, eu tentando, o corpo todo me doendo, não é fácil na minha idade. Ela me olha. Antes era com amor. Agora também é com amor – mas com piedade também.

Sento-me à beira da cama.

– Não dá?

– Não dá – suspiro.

– Quem sabe?... – Ela, querendo ajudar.

Levanto-me, apanho a muleta, caminho de um lado para outro. Me ocorre uma ideia:

– Onde é o telefone?

– Ali – diz, surpresa. – Mas o que estás pensando...

Pego a lista telefônica. Tremo tanto que não consigo virar as páginas. Ela tem de me ajudar. Descubro o número do doutor Schuler, ligo para ele. Ocupado. Torno a discar. Ocupado de novo! Meu Deus, será que nunca terei sorte? Por fim consigo a linha livre.

– Alô, doutor! – eu, angustiado. – Ai, doutor, eu tentava e tentava, e o seu número sempre ocupado...

– Era a minha mulher, encomendendo uma muleta nova – o doutor, calmo como sempre. – Mas o que é que manda, amigo? Como está a amputação?

– Doutor! – grito. – Doutor, a amputação está bem, eu é que não estou bem! Doutor, envelheço minuto a minuto! Doutor, estou morrendo! Doutor, o senhor descobriu alguma coisa?

– Eu mesmo não descobri, mas...

– Ai, doutor! – O abismo do desespero.

– Mas – ele continua – aconteceu uma coisa interessante. A minha recepcionista estava tomando leite aqui na minha sala – ela sofre de úlcera – e aí, sem querer, derramou leite na sua perna – quero dizer, na sua antiga perna –, e para minha surpresa a perna mudou de aspecto, a pele ficou mais lisa, mais acetinada...

– Leite!

Volto-me para a moça – como é o nome dela?, nem sei o nome dela –, pergunto, ansioso:

– Tens leite aí, amor?

– Não – responde –, não costumo tomar café em casa, de modo que...

Já não escuto. Larguei o telefone, corri para o quarto. Trêmulo, tento enfiar as calças. Caio duas vezes. Por fim, com o auxílio dela, consigo me vestir.

– Rápido! – grito. – Vamos comprar leite!

Olho o relógio; são

DEZESSETE HORAS E QUARENTA E DOIS MINUTOS

Acredito – é uma convicção profunda que eu tenho, uma fé que vem de dentro, uma crença arcaica – que o prazo fatal termina às dezoito horas. Temo este número, dezoito. Temo os ponteiros em oposição, um apontando para cima, outro para baixo, um para o céu, outro para o inferno, temo o negror dos ponteiros e dos números, anseio pelo branco do leite, mas –

DEZESSETE HORAS E QUARENTA E CINCO MINUTOS

o elevador que não vem!

– Vamos pela escada! – grito.

– Mas tu não podes – me diz, os olhos cheios de lágrimas. – Estamos no oitavo andar e tu com essa perna amputada...

– Posso sim!

Me segura, aponta o pequeno painel sobre o elevador. Os números se iluminam: o um, o dois, o três...

– Vem subindo, estás vendo?

Sorri. É uma moça muito boa. Trabalha num escritório, faz poesias. Vive sozinha porque quer encontrar o seu caminho. O seu amado. E eu...

A porta do elevador se abre.

– Olha quem está aí! – ela, muito alegre. – Meu pai! Há quanto tempo, papai!

O dono da tipografia me vê, arregala os olhos.

– Seu salafrário! – berra, e tenho de admitir: me reconheceu. Apesar dos anos que passaram, me reconheceu. – Ousaste te aproximar da minha filha, assassino!

Vacilo. A moça, ainda que perplexa, me ampara. Muito tarde... O frio da noite já me invade os ossos. Sento no chão, apoio a cabeça

na parede.

– Escreve tudo – peço. – Escreve tudo, como se fosses eu.

Meus olhos se toldam. A última coisa que vejo: ela abre a bolsa, tira lápis e papel, começa a escrever: Sofro – sofri –

Trem-fantasma, que também fala de doença, alude a uma lembrança de minha infância. No parque de diversões havia um trem-fantasma: um vagonete entrava num pavilhão escuro, onde apareciam fantasmas, monstros, duendes.

Assustador, mas quando terminava estávamos, felizmente, de volta à vida real. Para nós, garotos, uma vida animada, cheia de boas surpresas. Mas e se a existência se transformasse numa espécie de trem-fantasma? A dúvida começou a ocorrer quando, na Santa Casa, eu via crianças hospitalizadas, muitas vezes com doenças incuráveis. Como a do personagem deste conto.

Trem-fantasma

Afinal se confirmou: era leucemia mesmo a doença de Matias, e a mãe dele mandou me chamar. Chorando, contou que o maior desejo de Matias sempre fora passear de trem-fantasma, coisa que ela nunca permitira. Agora, porém, queria proporcionar-lhe a tão sonhada aventura e contava comigo para isso. Matias tinha nove anos. Eu, dez. Cocei a cabeça.

Não se poderia levá-lo ao parque onde funcionava o trem-fantasma. Teríamos de fazer uma improvisação na própria casa, um antigo palacete nos Moinhos de Vento, de móveis escuros e cortinas

de veludo cor de vinho. A mãe de Matias deu-me dinheiro; fui ao parque e andei de trem-fantasma. Várias vezes.

E escrevi tudo num papel, tal como escrevo agora. Fiz também um esquema. De posse desses dados, organizamos o trem-fantasma.

A sessão teve lugar a 3 de julho de 1956, às vinte e uma horas. O minuano assobiava entre as árvores, mas a casa estava silenciosa. Acordamos o Matias. Tremia de frio. A mãe o envolveu em cobertores. Com todo o cuidado colocamo-lo num carrinho de bebê. Cabia bem, tão mirrado estava. Levei-o até o vestíbulo da entrada e ali ficamos, sobre o piso de mármore, à espera.

As luzes se apagaram. Era o sinal. Empurrando o carrinho, precipitei-me a toda velocidade pelo longo corredor. A porta do salão se abriu; entrei por ela. Ali estava a mãe de Matias, disfarçada de bruxa (grossa maquilagem vermelha. Olhos pintados, arregalados. Vestes negras. Sobre o ombro, uma coruja empalhada. Invocava deuses malignos).

Dei duas voltas pelo salão, perseguido pela mulher. Matias gritava de susto e de prazer. Voltei ao corredor.

Outra porta se abriu – a do banheiro, um velho banheiro com vasos de samambaia e torneiras de bronze polido. Suspenso no chuveiro estava o pai de Matias, enforcado: língua de fora, rosto arroxado. Saindo dali entrei num quarto de dormir onde estava o irmão de Matias, como esqueleto (sobre o tórax magro, costelas pintadas com tintas fosforescentes; nas mãos, uma corrente enferrujada). Já o gabinete nos revelou as duas irmãs de Matias, apunhaladas (facas enterradas nos peitos; rostos lambuzados de

sangue de galinha. Uma estertorava).

Assim era o trem-fantasma, em 1956.

Matias estava exausto. O irmão tirou-o do carrinho e, com todo o cuidado, colocou-o na cama.

Os pais choravam baixinho. A mãe quis me dar dinheiro. Não aceitei. Corri para casa.

Matias morreu algumas semanas depois. Não me lembro de ter andado de trem-fantasma desde então.

A relação entre pais e filhos foi um tema ao qual voltei, constantemente, em contos, crônicas, histórias para público jovem. É algo que nos marca profundamente e que está sempre presente em nossas vidas, mesmo durante a nossa maturidade, a nossa velhice (e às vezes, principalmente, em nossa maturidade, em nossa velhice). Mesmo quando o pai está ausente (e às vezes, principalmente, quando o pai está ausente).

Zap

Não faz muito que temos tevê com controle remoto, mas esse controle tornou-se algo sem o qual eu já não poderia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona zapeando, mudando de um canal para outro. – Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora – diz minha mãe. Um pouco azeda a observação, mas certamente indica disposição para o humor. Admirável disposição para o humor, aliás. Porque sofre muito, minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel etc. Mas o

seu sofrimento aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero conhecer, de modo que – zap – mudo de canal. "Não me abandone, Mariana, não me abandone!" Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, em se tratando de novelas: zap, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e – zap – um homem falando. Um homem, abraçado à guitarra elétrica, fala a uma entrevistadora. É um roqueiro. Aliás, é o que está dizendo, que é um roqueiro, que sempre foi e sempre será um roqueiro. Tal veemência se justifica, porque ele não parece um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

É sobre mim que fala. – Você tem um filho, não tem? – pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido – situação pouco admissível para um roqueiro de verdade –, diz que sim, que tem um filho, só que não o vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: – Você sabe, eu tinha de fazer uma opção, era a família ou o rock. – A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela): – Mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso à desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência – e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embaraça e à qual não sabe responder. E então ele

me olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha: aparentemente é isso, aparentemente ele está olhando para a câmera, como lhe disseram para fazer; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta à pergunta da apresentadora: "Você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa?", mas aí comete um erro, um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro, do qual ele não pode se livrar nunca, nunca. Seu rosto se ilumina – refletores que se acendem? – e ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento – zap – aciono o controle remoto, e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está – à exceção do pequeno relógio que usa no pulso – nua, completamente nua.

No conto que segue, o conflito familiar é presenciado por um observador supostamente neutro (o escritor?); contudo, mesmo narrado desse ponto de vista, não deixa de refletir a amarga situação resultante da incomunicabilidade entre pais e filhos.

O intérprete

Sou recebido pela empregada que, em silêncio, me conduz à sala de jantar. Já estão sentados à mesa, o pai, a mãe, o filho. Mas ainda não começaram a refeição; esperam-me. Estou atrasado. Como não tenho carro, vim a pé, demorei-me.

À minha chegada, erguem-se vivamente as cabeças. A do pai, grisalha. A da mãe, grisalha também, apesar da tintura. E a do rapaz, raspada (é, pelo que sei, uma forma de protesto). Os óculos – os três usam – cintilam à luz das fortes lâmpadas, ocultando os olhos e a expressão neles existente, qualquer que seja: raiva, ou medo, ou mágoa, ou mesmo esperança.

Levantam-se, o pai e a mãe; vêm ao meu encontro. Trocamos cumprimentos e comentários sobre o tempo. – O inverno está terrível – diz ela –, deixa a gente doente. – Concordo; está com os olhos congestos; pode ser choro, o que me causa pena – afinal, somos parentes, primos em segundo grau. Mas pode ser também que esteja simplesmente gripada; não se deve dramatizar a vida, não em demasiado, ao menos.

Dou boa-noite ao rapaz, que resmunga qualquer coisa e continua sentado, imóvel. Coloco-lhe a mão no ombro: trata-se de um gesto amistoso.

Uma campainha ressoa na copa, que fica ao lado. O botão está sob a mesa; a mãe, sentando-se, simplesmente calcou-o com o pé, chamando assim a copeira. Vivem com todo o conforto; o pai, próspero empresário, pode dar à família uma vida de comodidades, de luxos, mesmo. A empregada que surge à porta usa touca e avental engomado; e a sopeira que traz é de porcelana. Mas quando o pai sorve a primeira colherada, o barulho que faz trai sua origem humilde, que ele aliás não nega: "Comecei do nada", costuma dizer, orgulhoso. O filho, porém, faz uma careta de desgosto. Os modos do pai o incomodam. Não gosta de burguês grosso.

– Está boa a sopa – comento, jovial. Tenho 42 anos, vivo sozinho

(consideram-me um solteirão esquisito, ainda que simpático), mas mesmo assim conservo o senso de humor e sei encarar a vida com um olho irônico e outro terno, com um olho alegre e outro sereno. Sou um homem ponderado; estes dois – meu primo e sua mulher – sabem disso. Tanto que me convidam para esses jantares. Não permito, e por isso sou importante para eles, que o silêncio baixe sobre esta mesa. O silêncio a envolvê-los, como um magma espesso e escuro? De forma alguma. Sou professor de geologia (de momento, desempregado; este jantar, aliás, vem muito bem, é a primeira refeição digna desse nome em muitos meses); mas sei que essas coisas fazem mal às pessoas. Antes que a sopa termine, emito ainda três comentários:

– sobre um filme recentemente exibido em cinemas da capital, mostrando o lado faceto da vida;

– sobre as últimas partidas do campeonato de futebol;

– sobre um aparelho de som que conjuga rádio, toca-discos e gravador (e que espero ganhar deles de aniversário).

Ao primeiro comentário o rapaz reage apenas erguendo a cabeça do prato, sem demonstrar maior interesse; ao segundo, idem; mas ao terceiro sorri, porque conto minhas grotescas experiências com o meu atual e precário aparelho de som – eu, querendo ouvir FM, só conseguia acionar o braço do toca-discos, que ficava a gingar de um lado para outro, como um peru doido.

– Peru doido! – repito, golpeando a mesa e gargalhando. O rapaz sorri.

Vem a salada e, durante um minuto – mas não mais que isso –, mastigamos em silêncio as folhas de alface e as rodela de pepino.

O molho é notável, suave e ao mesmo tempo picante; e eu o digo: – O molho está notável, prima. – Sorri, grata.

Vem o prato principal: rosbife, guarnecido de petits-pois, cenouras e batata-palha, tudo coberto com molho remolado. Antes que eu me sirva, o pai inclina-se em minha direção: – Pergunta para ele – murmura – como é que estão as coisas.

Chegou o momento. O momento que justifica meu almoço.

Ponho de lado garfo e faca, apanho o guardanapo. Depois de limpar cuidadosamente a boca, volto-me para o rapaz.

– Então, rapaz, como é que estão as coisas?

Não me olha. Está cortando a carne e é cortando a carne que me responde: – Tudo bem, tudo no mesmo.

A mãe torna a levar o guardanapo aos olhos. Não é o tecido mais conveniente para enxugar lágrimas – está duro, o guardanapo, de tão engomado –, mas ela não está com o lenço à mão; o pranto assaltou-a de forma inesperada, imprevista. Contém-se, porém murmura alguma coisa à guisa de comentário. Palavras ininteligíveis, ditas a todos, ou a ninguém, ou a mim, ou a Deus, ou ao filho, ou mesmo à empregada, embora esta não esteja presente.

O pai torna a inclinar-se para mim. – Pergunta a ele – diz, em voz tensa, bem audível – se não mudou de ideia.

A mim parece que não, que o rapaz não mudou de ideia; mas não me compete ter opinião. O primo me pede que pergunte, portanto pergunto:

– Então, rapaz, não mudou de ideia?

Nem responde, mas é óbvio que está decidido. Vai partir. Breve. Amanhã. Ou hoje. Talvez vá depois do jantar. Talvez nem termine de

jantar.

O pai está apavorado. Não sabe o que aconteceu, nem o que está acontecendo, nem o que acontecerá. Não sabe nada, não sabe nem falar. Trêmulo, torna a se inclinar para mim: – Pergunta o que ele quer – sussurra – para mudar de ideia.

Tomo um gole de vinho, pouso o cálice. Não faço minhas as palavras do dono da casa; na verdade, acho-as inconvenientes. A proposta pode até ser boa, mas a forma de apresentação é totalmente incorreta, parece coisa de corrupto. Sei fazer melhor.

– Quem sabe – digo, em tom casual – você pensa melhor e muda de ideia?

Espero uns segundos, e acrescento:

– Quem sabe existe alguma coisa que pode te fazer mudar de ideia?

– Merda! – exclama, atirando o guardanapo para o lado e levantando-se:

– Será que a gente não pode comer em paz?

Aí acontece o pior: o pai e a mãe se levantam e põem-se a gritar, e a chorar, ela a puxar os cabelos como louca. Durante uns segundos o filho olha-os, cheio de raiva, e de desprezo, e de amargura. Depois sai.

Arrasados, os dois se deixam cair em suas cadeiras. Olha-me, o pai, entre desesperado e acusador: por que não faço alguma coisa? Nada posso fazer, agora que o rapaz se foi; no entanto, quero mostrar-lhes que a vida continua; para isso, corto um pedaço de carne, levo-o à boca, mastigo-o com vontade.

– Está ótimo este rosbife! – digo, a boca cheia. Se bem que falta

alguma coisa, hein? – Falta alguma coisa. Há um certo vazio dentro de mim que não pode ser preenchido nem por carne nem por petits-pois nem por vinho, mas sim por essa específica coisa, tão simples e gostosa, cujo nome agora me foge. Minha boca se abre, mas nenhum som sai dela; levanto a mão, gesticulo – e nada, não me ocorre o nome dessa coisa tão boa, tão banal, essa coisa cuja imagem me está tão presente: casca levemente torrada, miolo macio, cheiroso, quentinho. Mas Deus existe: de repente minha mente clareia, e lembro a palavra, que então grito, alegre, eles a me olharem espantados, como se se tratasse daquela língua dos amarelos, o chinês:

– Pão!

Por fim, uma situação em que a família vive uma melancólica fantasia comum, uma miniloucura a três.

Os turistas secretos

Havia um casal que tinha uma inveja terrível dos amigos turistas – especialmente dos que faziam turismo no exterior. Ele, pequeno funcionário de uma grande firma, ela, professora primária, jamais tinham conseguido juntar o suficiente para viajar. Quando dava para as prestações das passagens não chegava para os dólares, e vice-versa; e assim, ano após ano, acabavam ficando em casa. Economizavam, compravam menos roupa, andavam só de ônibus, comiam menos – mas não conseguiam viajar para o exterior. Às vezes passavam uns dias na praia. Era tudo o que conseguiam em

matéria de viagens.

Contudo, tamanha era a vontade que tinham de contar para os amigos sobre as maravilhas da Europa, que acabaram bolando um plano, logo posto em prática. Todos os anos, no fim de janeiro, telefonavam aos amigos: estavam se despedindo, viajavam para o Velho Mundo. De fato, alguns dias depois começavam a chegar postais de cidades europeias: Roma, Veneza, Florença; e ao fim de um mês eles estavam de volta, convidando os amigos para verem os slides da viagem. E as coisas interessantes que contavam! Até dividiam os assuntos: a ele cabia comentar os hotéis, os serviços aéreos, a cotação das moedas, e também o lado pitoresco das viagens. A ela tocava o lado erudito: comentários sobre os museus e locais históricos, peças teatrais que tinham visto. O filho, de dez anos, não contava nada, mas confirmava tudo; e suspirava quando os pais diziam:

– Como fomos felizes em Florença!

O que os amigos não conseguiam descobrir era como tinham arranjado o dinheiro para a viagem; um, mais indiscreto, chegou a perguntar. Os dois sorriram, misteriosos, falaram numa herança e desconversaram.

Depois é que se ficou sabendo.

Não viajavam coisa alguma. Nem saíam da cidade. Ficavam trancados em casa durante todo o mês de férias. Ela, estudando os folhetos das companhias de turismo, folhetos que descreviam, por exemplo, a cidade de Florença: a história de Florença, os museus de Florença, os monumentos de Florença. Ele, num pequeno laboratório fotográfico, montava slides em que as imagens deles estavam

superpostas a imagens de Florença. Escrevia os cartões-postais, colava neles selos usados com carimbos falsificados. Quanto ao menino, decorava as histórias contadas pelos pais para confirmá-las, se necessário.

Só saíam de casa tarde da noite. O menino, para fazer um pouco de exercício; ela, para fazer compras num supermercado distante; e ele, para depositar nas caixas de correspondência dos amigos os postais.

Poderia ter durado muitos e muitos anos, essa história. Foi ela quem estragou tudo. Lá pelas tantas, cansou de ter um marido pobre que só lhe proporcionava excursões fingidas. Apaixonou-se por um piloto que lhe prometeu muitas viagens para os lugares mais exóticos. E acabou pedindo o divórcio.

Beijaram-se pela última vez ao sair do escritório do advogado.

– A verdade – disse ele – é que me diverti muito.

– Eu também me diverti muito – ela disse.

Ele vacilou, e acrescentou com um suspiro:

– Fomos muito felizes em Florença.

– É verdade – disse ela, lágrimas nos olhos. E prometeu-se que nunca mais iria a Florença.

5

A medicina, curiosamente, proporcionou-me duas oportunidades de reencontro com o judaísmo. Recém-formado, assumi o cargo de médico do Lar dos Velhos da comunidade judaica de Porto Alegre. Não eram muitos, os idosos – uns sessenta –, mas a convivência diária com eles significava mergulhar na memória da comunidade. Ali estavam as pessoas que eu tinha conhecido no bairro do Bom Fim; eu agora as atendia, mas também ouvia suas histórias, que inevitavelmente me remetiam à infância. Deixei o Lar dos Velhos para trabalhar em saúde pública, uma opção sem dúvida influenciada pelas ideias do movimento juvenil, e, como parte de meu treinamento, fiz um curso de medicina comunitária em Israel.

Era a primeira vez que eu visitava o país. Conheci o sistema de saúde criado pelo movimento sindical israelense, visitei lugares históricos, mas a viagem representou, de fato, um reexame de minhas crenças, de meus ideais de juventude. Descobri, em primeiro lugar, que Israel não correspondia à minha imagem idealizada; não era o grande *kibutz*, a sociedade utópica que eu imaginava. Mas era um país de tremenda vitalidade e dinamismo, um país em que as pessoas enfrentavam com incomum coragem os problemas do cotidiano. E um país em que vivi momentos de grande emoção. Lembro a primeira vez em que fomos ao Muro das Lamentações. Era uma sexta-feira à tardinha, o lugar estava cheio de religiosos que

oravam, a cabeça coberta pelo xale de orações. Pequenas aves negras vojavam sobre eles... Era estranho e ao mesmo tempo comovente... As lágrimas me corriam pelo rosto.

Voltei de Israel orgulhoso do meu judaísmo – e isto se refletiu em minha literatura. Até então eu escrevera contos sem uma temática definida, ainda que com certo engajamento, resultante do clima opressivo criado pela ditadura militar. A experiência de Israel foi importante para mim e igualmente a leitura dos escritores judeus norte-americanos – Saul Bellow (1915-2005), Philip Roth (1933-), Norman Mailer (1923-2007), Bernard Malamud (1914-1986).

Quando voltei, comecei a escrever uma série de histórias sobre o Bom Fim à época da Segunda Guerra. Até então me considerava unicamente contista. Mas o tema comum sugeria a possibilidade de uma narrativa contínua, o que, para quem tinha ainda o fôlego curto, era um desafio que, aos poucos, fui vencendo. Resultou daí minha primeira novela, *A guerra no Bom Fim* (1972), depois da qual comecei a escrever textos mais longos, ligados à temática judaica. Em *O exército de um homem só* (1973) falei dos ideais e dos conflitos de minha geração: o sonho socialista, as brigas com os pais. O personagem principal, Mayer Guinzburg, o Capitão Birobidjan – este, o nome da região em que o governo soviético tentara estabelecer uma região autônoma judaica –, oscila entre o idealismo e a franca maluquice. Ele quer criar uma nova sociedade, da qual, no entanto, será o único membro, junto com alguns animais – influência *do Animal's Farm [A revolução dos animais]*, a satírica novela de George Orwell (1903-1950) sobre o stalinismo. O sonho não dá certo, e de repente ele se vê transformado num empresário

imobiliário de sucesso, transferindo para os negócios os lemas do seu passado revolucionário. Como era de esperar, a psicanálise aparece aí através da figura do próprio Freud, em visita a Porto Alegre. Leitores me perguntaram se o pai da psicanálise realmente esteve na cidade. Não, não esteve, mas o imaginário episódio serviu para falar de nossa relação com a psicanálise. Era uma coisa da qual precisávamos, mas que nossos pais não entendiam, ainda que aceitassem o tratamento.

Neste trecho, o narrador Avram Guinzburg descreve como seu pai fala sobre o filho rebelde, Mayer, com ninguém menos do que Sigmund Freud.

Aquele ano foi terrível, recorda Avram Guinzburg. Nosso pai e nossa mãe discutiam o dia inteiro com Mayer. Ele não queria estudar; afirmava que o estudo era só um mecanismo de ascensão social; também não queria trabalhar, porque dizia que não iria enriquecer nenhum porco capitalista.

Nossa mãe contava que Mayer Guinzburg sempre fora rebelde. Em pequeno não gostava de comer. Nossa mãe sentava à frente dele com um prato de sopa.

– Come.

Mayer não queria.

Nossa mãe empunhava a colher, determinada. Mayer cerrava a mandíbula, fechava os olhos e ficava imóvel.

– Come.

Nossa mãe metia-lhe a ponta da colher na boca. Mayer sentia o gosto da sopa, aquela sopa boa e quente, aquela rica sopa que

nossa mãe fazia – e mesmo assim não abria a boca. Nossa mãe insistia com a colher em busca de uma brecha para entrar. Houve uma época em que Mayer perdeu dois ou três dentes e ficou com uma falha; por ali nossa mãe derramava um pouco do líquido. Depois que os dentes cresceram, ela descobriu, entre a bochecha e a gengiva, um reservatório que considerou providencial; acreditava que bastaria depositar ali um pequeno volume de sopa; mais cedo ou mais tarde, Mayer teria de engoli-la. A resistência de meu irmão, contudo, era fantástica; podia ficar com a sopa ali minutos, horas – dias, acredito.

– Come. Come.

Nossa mãe começava a ficar nervosa. Nosso pai vinha em auxílio dela, inutilmente. Mayer não abria a boca.

– Come!

Nossa mãe abandonava a sopa e tentava o pão, a batata, o bife, a massa, o bolinho, o pastelão, o quente, o frio, o sólido, o líquido. Nada. Mayer não comia.

Outras vezes ele nem aparecia à mesa. Tinha um esconderijo no fundo do quintal, uma espécie de cabana feita de galhos, tábuas e folhas de zinco. Ali ficava escondido durante horas. Levava para lá livros e, segundo descobri depois, comida também – pedaços de pão dormido, lascas de queijo velho, tudo isto comia com apetite e assim se mantinha vivo. Suspeito que a cabana era o palácio do governo de um país imaginário; porque em frente havia um mastro, e ali ele hasteava uma bandeira. Naquela época nosso pai tinha alguns bichos no quintal – uma cabra, se bem me lembro, comprada por bom dinheiro da mulher do Beco do Salso; uma galinha também.

Com aqueles animais, com aquelas bestas, Mayer falava e até tratava a cabra por "companheira"; lembro que uma noite acordei com barulho de temporal; a cama de Mayer estava vazia, a porta que dava para o quintal, aberta. Saí debaixo de chuva, de lampião na mão, e fui encontrar Mayer com a cabra na maldita cabana. A custo pude trazê-lo para dentro; para convencê-lo, tive de trazer a cabra também.

Estas coisas todas nosso pai e nossa mãe lembravam em 1930, em suas tristes conversas à beira do fogão, comendo sementes de girassol e tomando chá com bastante açúcar. Não sabiam o que fazer. Nosso pai descia a Felipe Camarão atacando as pessoas, pedindo que falassem com Mayer, que explicassem a ele que era preciso trabalhar, casar, ter uma boa família. Todos estavam convencidos disto, mas ninguém se atrevia a falar com Mayer – aquele irascível.

Um dia nosso pai voltou para casa entusiasmado. Disse que ia chegar a Porto Alegre um médico judeu famoso, o doutor Freud.

– Esse homem – exclamava nosso pai – faz curas maravilhosas! E não usa remédios! Trabalha só com um sofá – e com a força da palavra!

– Mas – acrescentou em seguida – o doutor Freud estará em Porto Alegre só de passagem, pois vai a Buenos Aires. Terá de atender Mayer no aeroporto mesmo; mas não tem importância, porque no aeroporto há sofás, já me certifiquei disto.

– E se Mayer não quiser ir? – perguntou nossa mãe.

Mayer não quis ir. Disse que não acreditava naquelas bobagens.

– Mas é como a Torá, meu filho! – dizia nosso pai, angustiado. –

É a força da palavra!

Mayer não se deixou convencer. Nosso pai decidiu ir sozinho ao aeroporto expor o caso de Mayer ao doutor Freud e pedir ao menos um conselho.

O doutor Freud chegou a Porto Alegre na véspera do Natal. Era a época do ano em que nosso pai, trabalhando muito, conseguia ganhar um pouco mais; mesmo assim achou que deveria largar tudo e ir ao aeroporto.

Chegou antes mesmo da comissão de recepção, composta de pessoas destacadas: líderes da coletividade, médicos, professores. Com um retrato do doutor Freud recortado de uma revista, nosso pai corria de um lado para outro, incomodando as pessoas com seu nervosismo.

Finalmente o avião pousou, e Freud entrou no saguão do aeroporto. Nosso pai, empurrando e acotovelando, conseguiu chegar perto daquele homem famoso.

– Meu nome é Guinzburg, doutor Freud – disse ele em iídiche, agarrando a mão do criador da psicanálise. – Vim aqui especialmente para falar com o senhor... Não foi fácil, o senhor sabe... É véspera de Natal...

O doutor Freud estava perplexo:

– Sinto muito, meu senhor...

Nosso pai interrompeu-o.

– Eu sei que o senhor vai dizer que está só de passagem, que vai para Buenos Aires. Sei de tudo, sou um homem bem informado, conheço sua carreira, admiro-o muito, acho que o senhor vai longe... Mas o senhor vai ter de me ouvir.

O doutor Freud olhava para os lados como a pedir socorro. Estava no aeroporto o doutor Finkelstein, um médico do Bom Fim que conhecia nosso pai. Ele resolveu intervir, puxando nosso pai pelo braço.

– Venha, senhor Guinzburg... Fale comigo, me conte seus problemas...

– Por favor! – gritou nosso pai, desvencilhando-se. – Posso falar com o doutor Freud ou não? E só vocês que têm direito? Eu também sou gente, sou um judeu com problemas! Não é, doutor Freud?

– Mas é que o avião... – disse o doutor Freud, embaraçado.

– O avião pode esperar. O avião não manda na gente. Os problemas são mais importantes. Doutor Freud, o senhor tem de me ouvir. O senhor não imagina como esperei por este momento. Quando eu soube que o senhor ia chegar eu disse para minha mulher: "O doutor Freud vai resolver nosso problema, tenho certeza. Mayer não quer ir, está certo – ou melhor, está errado, ele deveria ir –, mas eu falo com o doutor Freud, eu explico o caso, se for preciso a gente usa um sofá do aeroporto". Doutor Freud, eu deito no sofá se o senhor quiser! Eu deito! Eu sei que o senhor tem capacidade, doutor Freud. O senhor me lembra muito um rabino que nós tínhamos na Rússia, um rabino formidável, a gente contava os problemas, ele fechava os olhos, pensava um pouco e, pronto, dizia o que as pessoas tinham de fazer. Não errava nunca! Problemas de marido com mulher, de pais com filhos, de dinheiro, de doença – resolvia tudo! Tudo! E ele não escrevia! É o que eu digo para a minha mulher, "o doutor Freud, além de falar, ainda escreve livros". Quem escreve livros sabe das coisas.

Sigmund Freud nasceu em 1856 em Freiberg, na Morávia. Formou-se em medicina. Trabalhou com Breuer e Charcot. Descobriu o inconsciente. Introduziu a livre associação. Escreveu Psicopatologia da vida cotidiana, A interpretação dos sonhos e O humor e sua relação com o inconsciente. Em 1930 passou por Porto Alegre, e no aeroporto foi abordado por nosso pai, de quem agora se defendia pedindo aos circunstantes que interviessem, o que eles tentavam, inutilmente, fazer.

– Doutor Freud – dizia nosso pai, sempre agarrado à manga do visitante –, é o seguinte: eu tenho um filho... Eu lhe explico num minuto, doutor Freud, o senhor logo vai entender e já me dirá o que tenho de fazer; o meu filho, ele... bom, eu queria que ele fosse rabino, o senhor sabe, nós não temos nenhum rabino em Porto Alegre, e ser rabino é uma profissão digna, não é, doutor Freud?, é mais ou menos como a sua, é ouvir e dar conselhos, só que não usa o sofá, mas no fundo é tudo a mesma coisa, não é?, então eu queria, mas ele é um rebelde, ele não quer fazer nada, não estuda, não trabalha, já de pequeno era assim; a mãe dizia: "Come! Come!"; ele não comia nada, nem a sopa, tão boa aquela sopa que a mãe dele fazia; não é um malvado, doutor Freud? É, sim, é um rebelde, eu lhe garanto, e eu...

O alto-falante chamou os passageiros para o embarque. O doutor Freud apanhou sua maleta e começou a despedir-se dos circunstantes. Nosso pai continuava, agora atrás dele, falando sem cessar.

– Doutor Freud, se o senhor quiser eu lhe conto uns sonhos dele; ele fala de noite, de tanto que lhe pesa a consciência por incomodar

os pais que só querem o bem dele; ele fala de noite, eu vou lá e anoto o que ele diz; eu nem sabia por que fazia isto, agora já sei, era um pressentimento que eu tive um dia de que o senhor haveria de vir a Porto Alegre e eu o consultaria sobre este meu filho, e se o senhor precisasse de um sonho dele para interpretar, eu já teria um sonho, vários sonhos, até por escrito...

Freud queria dirigir-se para o portão de embarque, nosso pai não deixava.

– Eu posso lhe pagar pela consulta, doutor Freud – continuava nosso pai. – Não posso lhe pagar muito, mas também o senhor não vai cobrar o que costuma – eu sei que é uma fortuna, o senhor não poderia viajar de avião de um lado para outro se não ganhasse muito dinheiro –, porque, afinal, esta é uma consulta bem rápida, aqui no aeroporto, eu não deitei no sofá, e além disto o senhor é judeu como eu, e vai me fazer um bom desconto, não é?, depois eu não ganho muito, o suficiente para poder viver, para vestir e alimentar a minha mulher e os meus filhos, mesmo aquele Mayer, aquele rebelde, se lhe disser que está contra mim porque eu não dou comida para ele, é mentira, eu dou comida, sempre dei, a mãe dele até insistia, "Come! Come!", ele não comia porque não queria...

O doutor Freud parou. Agora estava zangado, bem zangado:

– Mas será que o senhor não vê que eu não posso atendê-lo agora?

Aí nosso pai até se assustou, e recuou.

– Mas doutor Freud...

– Por que não procura um psiquiatra aqui de Porto Alegre?

– Não, doutor Freud – disse nosso pai, consternado –, não vou

procurar. Eu sei que o senhor é melhor. E o senhor acha que para o meu filho, para o meu próprio filho, eu iria dar alguma coisa menos que o melhor? Não, doutor Freud, não. Tenha paciência. Não me fale em outro médico, o senhor até me ofende. Sou pobre, mas tenho meu orgulho.

Nosso pai estava emocionado. Tremia. Tirou um lenço do bolso e enxugou os olhos. O doutor Freud teve pena dele.

– Olhe, eu pretendo ainda voltar a Porto Alegre. Quem sabe numa próxima vez...

Nosso pai riu, triste:

– O senhor está querendo me enganar, doutor Freud, eu sei disto... Mas eu não sou tão tapado assim, não. Sei que o senhor não volta. O senhor é um homem ocupado, tem os seus compromissos, os seus clientes, eu também trabalho e sei o que é isto. Não, o senhor não volta. Além disto...

Nosso pai aproximou a boca da orelha do doutor Freud.

– Dizem por aí que o senhor está com câncer, e que o senhor não vai longe.

O doutor Freud empalideceu. Nosso pai recuou, pôs a mão na boca.

– Meu Deus! O que fui dizer! Talvez o senhor nem soubesse! Desculpe-me, por favor, doutor Freud! Isso que eu disse... era mentira, doutor Freud! Uma brincadeira, eu sou muito brincalhão! Era uma brincadeira e era um truque, uma trapaça que eu estava fazendo para convencê-lo a me atender agora...

O alto-falante chamou repetidamente o doutor Freud, que se encaminhou para o embarque. Nosso pai seguia-o.

– O senhor também vai embarcar? – perguntou o doutor Freud, intrigado. Não, claro que nosso pai não iria embarcar, só queria acompanhar o visitante e falar de Mayer:

– Quando eu queria discutir a Torá com ele, respondia-me de maus modos, distorcendo as palavras sagradas... O senhor acha que isto é coisa que um filho faça para o pai?

Caminhando pela pista, chegaram à escada que levava ao interior do avião. A aeromoça pediu a ficha de embarque ao doutor Freud; ele começou a procurá-la.

– E o senhor? – perguntou ela ao nosso pai.

– Sou amigo do doutor Freud, estou só acompanhando – respondeu nosso pai, e baixinho ao doutor Freud: – Não quero que ela saiba que vim consultá-lo. Não gosto que comentem os problemas da minha família. O senhor compreende, não é, doutor Freud?

– Compreendo – disse o doutor Freud. – Mas tenho de ir.

Nosso pai não desistia:

– Bem, doutor Freud, agora que o senhor já sabe do caso do meu filho, eu queria uma orientação sua. O senhor vê, eu tenho um vizinho, um alfaiate, é um homem muito inteligente, mas muito cínico. Ele leu um livro sobre o senhor e disse que já sabe o que o meu filho tem. É um complexo, ele disse. Me diga, doutor Freud, é complexo que meu filho tem?

– Talvez – gritou o doutor Freud, já do alto da escada, e entrou no avião.

– Talvez? Talvez? Então pode ser que não seja complexo, é isso? Pode ser que não seja complexo! Eu disse! Eu disse que aquele

alfaiate não sabia nada!

O avião decolou. Nosso pai ficou acenando para o doutor Freud, que sumia entre as nuvens.

Relatando esta conversa aos amigos, nosso pai elogiava muito o doutor Freud.

– Grande médico – dizia –, grande sábio. Acertou direitinho o problema do meu filho. E vou dizer uma coisa: não cobra caro.

A terceira novela, *Os deuses de Raquel* (1975), tem um pouco de meus conflitos religiosos de infância; e é a história de uma jovem judia educada num colégio de freiras, que mais tarde se torna empresária, vive um atormentado caso de amor e é perseguida por um maluco judeu. Já *O ciclo das águas* (1975) foi baseado numa mulher que conheci como médico do Lar dos Velhos.

Tratava-se de uma anciã, uma pessoa demenciada, que chamava a atenção por várias razões. Em primeiro lugar, era discriminada por outros residentes da instituição. Ninguém queria sentar à mesa com ela, e muito menos partilhar o seu quarto. Apesar disto, estava sempre cantarolando e, mais, mirando-se vaidosamente ao espelho. Quando por acaso ficava doente e eu tinha de vê-la no quarto, ela – que não me reconhecia – pensava, talvez, que estava recebendo a visita de um namorado ou amante; convidava-me a sentar na cama e logo tentava um assédio.

Perguntando daqui e dali, descobri o seu segredo: havia sido prostituta, dona de bordel, inclusive, antes de empobrecer e ser recolhida ao Lar dos Velhos. O assunto me intrigou e, em Buenos Aires, comprei um livro sobre o tema. O autor falava de uma

verdadeira rede de tráfico de mulheres – a Tzvi Migdal – com ramificações em vários países da América Latina. Judias pobres da Europa Oriental deixavam suas aldeias, atraídas pelas promessas de um casamento no Novo Mundo; eram levadas a Paris, iniciadas no sexo e depois apresentadas aos ricos fazendeiros da Argentina, do Uruguai e do Rio Grande do Sul como “francesas”, o que lhes dava um charme especial. Uma história deprimente, mas irresistível como tema de ficção.

O centauro no jardim (1980) nasceu como um conto, nunca publicado: entreguei-o a um jornalista, que o perdeu – e eu não tinha cópia (essas coisas aconteciam muito na era pré-computador). Decidi reescrevê-lo, mas, à medida que o fazia, dei-me conta de que o tema não cabia num conto; escrevi uma pequena novela, depois outra maior, e finalmente o livro tal como está. É visível a influência do realismo mágico latino-americano, combinado porém com o humor judaico, um pouco da tradição gaúcha e, claro, com a mitologia grega que gerou o centauro.

No começo da narrativa encontramos uma família de colonos judeus estabelecidos no interior do Rio Grande do Sul. A mulher, grávida, dá à luz – um centauro, para espanto e terror dos pais. Passado o choque inicial, eles, conformados, decidem criar o centaurinho, procedendo inclusive à circuncisão. O centauro cresce, foge de casa, encontra uma centaura e, junto com ela, consegue viajar para a Tunísia, onde são operados por um cirurgião e transformam-se em criaturas normais, prontos a viver uma tranquila existência de classe média. O que, no entanto, não acontece; atormentado, o ex-centauro quer voltar à sua condição primitiva.

Retorna à Tunísia, e lá, na clínica do cirurgião, conhece uma esfinge, uma criatura metade leoa, metade mulher, que por ele se apaixona... A trama é movimentada, mas creio que o tema pode se resumir à questão da identidade. Como o centauro, que é metade humano, metade equino, o filho do imigrante tem duas identidades: em casa, ele ouve certo tipo de idioma, come certo tipo de alimento, segue certo tipo de tradição. Na rua, na escola, no clube, estas coisas são inteiramente diferentes. O resultado é um verdadeiro choque cultural, que pode ser motivo de conflito e de sofrimento, mas que, para escritores, é fonte de inspiração, explicando por que nos Estados Unidos, na América Latina e mesmo na Europa tantos autores conhecidos são filhos de imigrantes. Aqui está um trecho do livro.

Agora que a família está reunida de novo em torno à mesa, agora que está tudo bem, decide meu pai, é tempo de fazer a circuncisão no menino. Homem religioso, não deixará de cumprir suas obrigações. É preciso que o filho seja introduzido no judaísmo.

Cautelosamente, temendo reações, apresenta o assunto à mulher. Ela limita-se a suspirar (daí por diante suspirará muito): – Está bem, Leão, faz o que tem de ser feito.

Meu pai atrela a égua à charrete – que só é usada em ocasiões especiais – e vai à cidade em busca do mohel, o homem que faz as circuncisões. Conta que teve um filho e, sem entrar em detalhes (sem dizer que o menino é um centauro), pede que o ritual seja realizado naquele dia mesmo: o prazo prescrito pela Lei já se esgotou. E a cerimônia terá de ser feita na fazenda, pois a mãe da

criança, adoentada, não pode viajar.

O mohel, um homenzinho corcunda, que pisca sem cessar, ouve a história com crescente desconfiança. O caso não lhe cheira bem. Meu pai insiste: – Vamos logo, mohel, a viagem é comprida. – E as testemunhas? – pergunta o mohel. – Infelizmente não consegui testemunhas – diz meu pai –, teremos de fazer a circuncisão sem testemunhas mesmo.

– Não há testemunhas? – O mohel não está gostando nada do assunto. Mas conhece meu pai há tempo, sabe que é um bom homem. Além disso, está acostumado à esquisitice da gente do mato. Pega a bolsa com os instrumentos, o livro de rezas, o xale de oração e embarca na charrete.

No caminho meu pai começa a preparar o terreno. – O menino nasceu com um defeito – diz, procurando afetar despreocupação. O mohel alarma-se: – É coisa grave? Não vá a criança morrer por causa da circuncisão! – Nada disso – tranquiliza-o meu pai –, o menino é defeituoso mas forte, o senhor vai ver.

Chegam à casa ao anoitecer, o mohel reclamando: – É difícil trabalhar à luz de lampião. – Desce da charrete gemendo e praguejando.

A família está reunida na sala de jantar. O mohel cumprimenta minha mãe, elogia minhas irmãs, lembra que fez a circuncisão de meu irmão Bernardo: – Me deu trabalho, esse aí. – Coloca o xale de oração, pergunta pelo bebê.

Meu pai me tira do caixote e me coloca sobre a mesa.

– Meu Deus – geme o mohel, deixando cair a bolsa e recuando. Dá meia-volta, corre para a porta. Meu pai corre atrás dele, segura-

o: – Não foge, mohel. Faz o que tem de ser feito! – Mas é um cavalo – grita o mohel, tentando soltar-se das mãos fortes de meu pai –, não tenho obrigação de fazer a circuncisão em cavalos! – Não é cavalo – berra meu pai –, é um menino defeituoso, um menino judeu!

Minha mãe e minhas irmãs choram baixinho. Sentindo que o mohel já não luta, meu pai solta-o, tranca a porta. O homenzinho, cambaleante, encosta-se a uma parede, trêmulo, os olhos fechados. Meu pai traz-lhe a bolsa com os instrumentos: – Vamos lá, mohel. – Não posso – geme o homem –, estou muito nervoso. – Meu pai vai até a cozinha, volta com um copo de conhaque.

– Bebe. Isto vai te animar.

– Mas eu não costume...

– Bebe!

O mohel esvazia o copo de um trago. Engasga-se, tosse.

– Melhor? – pergunta meu pai. – Melhor – geme o mohel. Manda que meu pai me tome ao colo, tira da bolsa a lâmina ritual. Mas vacila, ainda: – Ele está bem seguro? – pergunta, olhando por cima dos óculos. – Está – diz meu pai –, pode vir, não precisa ter medo. Não vai me dar um coice? – insiste o mohel.

– Não tem perigo – garante meu pai –, pode vir.

O mohel se aproxima, meu pai afasta as patas traseiras. E ali estão, frente a frente, o pênis e o mohel, o grande pênis e o pequeno mohel, o pequeno e fascinado mohel. Nunca viu um pênis assim, o mohel Rachmiel, ele que tantas circuncisões já fez, na Europa e no Brasil. Sente que será uma experiência transcendente – a grande circuncisão de sua vida, aquela cuja lembrança o

acompanhará até o túmulo. Cavalo ou não, pouco importa. Há um prepúcio, e ele fará o que a Lei prescreve para os prepúcios judeus. Empunha a lâmina, respira fundo...

É perito, o mohel. Em poucos minutos a coisa está feita, e ele se deixa cair na cadeira, exausto, enquanto meu pai tenta acalmar-me o berreiro, embalando-me e andando comigo de um lado para outro. Finalmente me aquieto, ele me põe no caixote. Minha mãe se sente mal, Débora e Mina têm de deitá-la.

Mais conhaque – pede o mohel, numa voz quase inaudível. Meu pai serve-lhe um copo, outro para si. Apesar de tudo, está satisfeito: a Lei foi cumprida. Convida o mohel para ficar com a família: – Temos uma cama para o senhor. – O mohel salta: – Não! Não quero! Me leva de volta! – Como o senhor quiser – diz meu pai, surpreso: – Por que essa gritaria, agora que o pior já passou? Veste o casaco: estou às suas ordens. – O mohel junta os instrumentos, enfia-os na bolsa e, sem se despedir, abre a porta e sobe à charrete.

O trajeto de volta é feito em silêncio. Chegam à casa do mohel de madrugada, os galos já cantando. – Quanto é que lhe devo? – pergunta meu pai, ajudando o mohel a descer. – Nada – resmunga o homem –, não me deve nada, não quero nada. – Está certo – diz meu pai, segurando-o –, mas tem uma coisa: isto deve ficar entre nós, ouviu? – O mohel olha-o com ódio; solta-se com um safanão, entra em casa, bate com a porta. Meu pai acomoda-se de novo no banco da charrete, estala a língua. A égua põe-se em marcha. Ele está voltando: para a fazenda, para a família. Para o pequeno Guedali.

Em *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983) o projeto era mais amplo: uma narrativa que se estende da época bíblica ao Brasil dos anos 80, com seus escândalos financeiros e que gira em torno da família Mendes (na qual sempre existe um Rafael Mendes). Em Portugal, no começo do século XVI, os Mendes são convertidos, à força, ao cristianismo e passam a enfrentar os riscos da Inquisição, que perseguia os suspeitos de praticarem o judaísmo em segredo.

Dois cristãos-novos, Rafael Mendes e seu amigo Afonso Sanches, são presos pela Inquisição, acusados de práticas judaizantes. Por falta de espaço na prisão, ficam no mesmo cárcere. Diariamente são interrogados, Rafael primeiro, e depois Afonso; ou primeiro Afonso, e depois Rafael; a ordem em que são chamados é imprevisível, como imprevisíveis são os desígnios do Santo Ofício.

Rafael é conduzido pelos lúgubres corredores até o salão de teto abobadado em que se realizam os interrogatórios. Sentados atrás de uma grande mesa, sob um descomunal crucifixo, três inquisidores o aguardam. Ele deve ficar de pé ao centro do círculo vermelho ("a boca do inferno") pintado no chão. Seu olhar inquieto vai do rosto dos inquisidores para a porta lateral e daí para o crucifixo.

A pesada porta de madeira maciça dispõe de um pequeno orifício, por onde podem os denunciantes espiar. Eles não precisam falar. Quando querem confirmar uma acusação, fazem baixar, por meio de um sistema de cordéis e roldanas, a cabeça do Cristo crucificado. A visão da cabeça coroada de espinhos, inclinando-se num rígido movimento mecânico, enche Rafael de duplo pavor: é como se o próprio Cristo o incriminasse. Mesmo assim recusa-se a

responder às perguntas. Juraram, Afonso e ele, não trair. E não trairão. Pelo menos enquanto tiverem forças.

Fazem o possível por manter alto o moral. Organizam um intenso programa de atividades. Acordam cedo; rezam com fervor, depois debatem temas religiosos. A discussão é acalorada, mas sempre conduzida em termos corteses, e em voz baixa, para que os guardas não os ouçam. Ao veredicto, chegam de comum acordo: o vencido deve lealmente declarar-se derrotado.

Após o debate, rezam de novo, de pé, voltados para leste, para a amada e distante Jerusalém, balançam o corpo imperceptivelmente, murmurando em hebraico as palavras sagradas: Baruch ata Adonai... Bendito sejas, Senhor.

Em continuação – e isto é mais alegre – os jogos. Xadrez, que os dois apreciam muitíssimo. Não têm tabuleiro, claro, nem peças, mas isto não os impede de disputar torneios: usam a imaginação. – Rainha na quinta casa do bispo – diz Afonso, fazendo um trejeito de desgosto à palavra bispo; Rafael, concentrado, olha-o atento: o que estará tramando o adversário? – Torre na quarta casa do rei – anuncia.

– Mas tu ainda tens uma torre? – Afonso, desconfiado.

– E eu te mentiria se não a tivesse? – replica Rafael. – Lembra-te, amigo: entre nós, só a verdade.

Afonso aceita a ponderação, termina entregando a partida.

Por outro lado, sabendo que a atrofia dos músculos precede a decadência moral, eles não deixam de praticar exercícios físicos. Com trapos, confeccionam uma bola; no acanhado espaço da masmorra – dois por dois – disputam um jogo, denominado por

Rafael de ludopédio. Chutam furiosamente durante meia hora, uma hora, diante do olhar divertido dos guardas: – São uns animais estranhos, estes judeus – dizem. Terminado o jogo, sentam-se, exaustos.

Seguem-se momentos de melancolia – recordam as famílias, os amigos, choram juntos; e então, de novo, o interrogatório.

Os inquisidores estão particularmente interessados em Rafael. Sabem da ligação de seu pai com Cristóvão Colombo; querem os nomes dos judeus que financiaram o genovês. Querem saber do ouro e das joias. E querem também os alquimistas, os cabalistas, os inventores que projetam diabólicas máquinas capazes de fiar, de tecer, de imprimir livros. O astuto Inquisidor-Mor tenta persuadi-lo a revelar por bem o que sabe; promete-lhe a absolvição e, inclusive, comissão sobre os bens apreendidos. Rafael, mantendo-se em obstinado silêncio, o interrogatório termina, logicamente, com uma sessão de tortura.

Há uma sala especial para isto, equipada com mecanismos desenhados por um dos inquisidores, homem de grande engenho (“parece judeu”, comentam os outros, cheios de suspeita). O prisioneiro é deitado, nu, no potro. O carrasco aperta as cordas. O pobre-diabo grita de dor. O grito assusta um canário, colocado numa gaiola A, e o faz esvoaçar desesperado. Um gato, colocado no ponto B, abaixo da gaiola, salta, tentando alcançar o canário. Um cão tenta correr no encalço do gato; está preso, contudo; suas patas fazem mover uma esteira rolante, C, cujo movimento transmite-se, por um jogo de engrenagens, a um macete de madeira, D, que golpeia o prisioneiro na cabeça. Na realidade, como observa o inquisidor-

inventor aos visitantes, é o próprio prisioneiro que se pune: quanto mais culpado, mais grita, mais o canário esvoaça, mais o gato pula, mais o cão corre, mais a esteira gira, mais o macete golpeia. Estivesse o acusado fortalecido por sua presuntiva inocência, o castigo seria menor.

O inquisidor faz uma analogia entre o dispositivo da tortura e a conspiração judaica. – Em ambas as situações – explica – tem-se um sistema que atua, articuladamente, visando, num caso, o Bem; no outro, o Mal. Utilizar um sistema contra o outro é voltar o feitiço contra o feiticeiro; a cabala contra o cabalista; a pedra filosofal contra o alquimista. É a vitória, sublime ainda que sangrenta, dos bons contra os maus, do divino contra o demoníaco.

Rafael Mendes e Afonso Sanches saem da sala de torturas em estado lamentável. Não conseguem nem ficar de pé; os guardas têm de carregá-los até a cela, onde passam a noite gemendo. Raramente conseguem dormir um pouco.

Uma madrugada Rafael Mendes é arrancado brutalmente dessa migalha de sono. É Afonso que o sacode. Senta-se: o amigo fita-o de maneira estranha. – Que foi? – pergunta assustado.

– Tu estavas rindo – diz Afonso, sombrio.

– Rindo? – Rafael, surpreso. – Rindo, eu, Afonso?

– Tu. Tu mesmo.

– Mas eu nem posso rir, Afonso. Dói-me horripelmente a cara, tu sabes; tenho os beiços partidos pelas pancadas.

– Mas estavas rindo – insiste Afonso. – Às gargalhadas. A bandeiras despregadas. Davas barrigadas de riso. Chegaste a me acordar com teu riso.

– Estranho – murmura Rafael. – De que estaria eu rindo? De que poderia rir? Não há nada para rir nesta situação. Rir de quê?

– Pois é o que eu te pergunto – diz Afonso, e o tom de voz agora é francamente suspeito. – Rias de quê? Porque, na nossa situação, não vejo motivo para riso.

Rafael aventa uma hipótese: talvez tenha rido por causa de um sonho. Ao que Afonso põe-se de pé, trêmulo, indignado:

– Sonho? Nunca vi ninguém rir em sonhos, Rafael Mendes. Sei de pessoas que falam dormindo, que andam dormindo – mas que riam dormindo, não sei. E que sonhos tão alegres terias neste lugar, podes me dizer? Porque eu, Rafael, só tenho pesadelos: mesmo nos sonhos continuam os inquisidores a me torturar. Contudo, prezo esse sono, que me dá forças para resistir aos algozes. Ao passo que tu, não; tu desperdiças em risos preciosos instantes de repouso. E, o que é pior, não me deixas dormir.

– Que lástima – diz Rafael compungido. E promete: – Não acontecerá mais, Afonso, podes ter certeza. – O outro, no entanto, continua a mirá-lo com desconfiança:

– Ainda não me disseste do que rias.

– Não me lembro – responde Rafael. – Sinceramente, Afonso, não me lembro.

A chegada dos guardas interrompe a conversa. E não voltam mais a falar no assunto pelo resto do dia.

À noite, no meio do sono, Rafael é novamente acordado por Afonso.

– Estavas rindo de novo, Rafael! – Afonso, aos berros. – De novo! Rindo feliz, como uma criança contente!

Rafael senta-se. Agora é ele que está irritado:

– Para, Afonso, para com isto! Já passou dos limites; ouviste?

– Passou dos limites? – Afonso, transtornado. – Tu é que passaste dos limites! Quem pensas que és, afinal?

Rafael olha-o, sem compreender. Uma ideia passa-lhe pela cabeça: enlouqueceu, o pobre Afonso. O sofrimento, os golpes do macete deixaram-no de miolo mole. Uma enorme piedade apossa-se de Rafael. Aproxima-se, põe-lhe a mão no ombro: – Está bem, Afonso, eu ri, mas não vai se repetir, prometo.

Afonso repele-o:

– Tira a mão suja de mim, traidor! Afasta-te! Sabujo cristão, porco!

Está louco mesmo, conclui Rafael horrorizado. Não é o primeiro caso: muitos enlouquecem nas masmorras da Inquisição. Foi o que aconteceu com o prisioneiro que, antes dele, ocupava a cela. Condenado à morte na fogueira, disse aos juízes, mal as chamas começaram a crepitar a seu redor:

– Bondosos cristãos, agradeço-vos por terem acendido este fogo para me aquecer. Eu estava precisando mesmo. Sofro de reumatismo, o frio me faz mal...

Começou a cantar baixinho, mas então sumiu em meio às labaredas e à fumaça.

Encolhido num canto da fétida cela, Rafael observa Afonso, que anda de um lado para outro, a resmungar:

– Aliou-se aos inimigos, este cão. Estão mancomunados para me quebrar o moral, para me pôr de joelhos diante da divindade deles. Mas, se pensam que vou me entregar, estão enganados. Lutarei até

o fim. Eles não me conhecem.

– Chega! – Rafael põe-se de pé, num salto. – Agora chega, Afonso!

Está desesperado com a gravidade da situação: não podem lutar entre si, não agora, que os inquisidores estão atentos ao menor sinal de fraqueza deles. É preciso chamar Afonso à razão:

– Estás louco, amigo! Louco varrido! O que estás dizendo é insano. Sou Rafael Mendes, sou da tua nação, somos irmãos!

Num impulso tira o pênis para fora, mostra a marca da circuncisão:

– Vês? Tenho estampado na carne o sinal da Aliança Divina, Afonso! Como tu!

Afonso, impassível, mira-o fixo.

– Por favor – suplica Rafael –, acredita em mim, Afonso! Te confesso, não sei por que estou rindo. Deve ser uma fraqueza, uma... loucura.

Dá um passo à frente:

– É isso, Afonso. Talvez eu esteja ficando louco! Se assim é, preciso de tua ajuda. Não podemos nos hostilizar, Afonso. Devemos estar mais unidos que nunca. Por nossos maiores, Afonso. Por nossa nação, por nosso Deus, o Deus de Abraão, Isaac e Jacob.

Afonso considera-o, em silêncio. A Rafael ocorrem as palavras do Livro de Daniel: "Foste pesado na balança"... Afonso pesa-o, sem dúvida. E o que encontrará, na sua tresloucada medida?

– Está bem – diz Afonso, por fim. – Digo-te o que vou fazer: se tornares a rir, chamo os guardas. Digo que estás a rir da Inquisição, a zombar das chagas de Cristo; que tens segredos não revelados. E,

então, veremos: se estás unido a eles, nada te farão, mas então eu te matarei. E, se não estás do lado deles, te queimarão na fogueira. Portanto, trata de te conter e não rias.

Está clareando o dia. Um dia que Rafael passa torturado pela ansiedade: teme que Afonso de repente faça uma loucura, que chame os guardas. Ao cair da noite, resolve: não dormirá. Resistirá ao sono como tem resistido aos interrogatórios. Após a refeição – uma rala sopa, umas batatas podres –, Afonso deita-se na enxerga e logo está ressonando. Rafael, contudo, sabe que o outro apenas finge que está dormindo, para assim vigiá-lo. Tenta manter-se acordado, mas o sono que sente é invencível. Para não adormecer, recorre a truques: arregala os olhos, belisca-se, coloca-se problemas: três pastores pastoreiam 1.300 ovelhas; o mais velho pastoreia duas vezes mais ovelhas que o segundo... É inútil: exausto, adormece.

É acordado bruscamente: alguém o sacode. Esfrega os olhos: está rodeado de guardas. Apavorado, põe-se de pé. Afonso olha-o, sinistro.

– Afonso! – grita, desesperado. – Afonso, meu amigo, meu irmão, o que fizeste? Chamaste os guardas, Afonso!

– Eu te avisei – diz Afonso, seco. – Eu te avisei.

Por ordem do Inquisidor-Mor Rafael é conduzido para a câmara de torturas. Durante duas semanas não sairá dali: é submetido dia e noite ao suplício: o canário está cansado de esvoaçar, o gato mal pula, o cão chega a tombar exausto sobre a esteira rolante. O próprio inquisidor se encarrega de golpear o prisioneiro com o macete, aliás rachado:

– De que rias? Fala!

Mas Rafael não fala. O inquisidor-mor acaba se convencendo: trata-se de um caso perdido. O judeu está possuído por Satã; resistirá até o fim. Manda queimá-lo, para escarmento dos demais.

Nesta mesma noite, porém, alguém abre a porta da cela. É um dos guardas. Faz sinal a Afonso para que se cale: – Fui mandado pela gente da nação judia – sussurra – para ajudar-vos a fugir.

Os dois pegam o desfalecido Rafael, carregam-no ao longo dos corredores até uma passagem secreta que dá para o rio, onde um barco os espera. A bordo, Rafael Mendes recupera os sentidos; Afonso explica-lhe o que está acontecendo. Rafael abre os lábios partidos, mm doloroso sorriso: Afonso sorri também. Rafael ri, Afonso ri, os dois riem, riem; de vez em quando Rafael para, gemendo de dor; mas logo em seguida recomeçam a rir, o barqueiro pedindo-lhes que fiquem quietos pelo amor de Deus. Por fim Afonso consegue parar; enxugando os olhos, diz, ofegante, que tem algo a contar:

– Nos dias em que fiquei sozinho na cela, descobri uma coisa muito importante, Rafael: tu disseste a verdade. Tu não rias.

Hesita e prossegue:

– Eu é que sonhava que tu rias. Aconteceu-me várias vezes: eu adormecia, acordava com teu riso. Mas era sonho, Rafael. Sonho.

– Tudo é sonho, irmão – murmura Rafael. – Tudo é sonho. Vai ver que o lugar para onde vamos, esse remoto Brasil, também é sonho.

Em Cenas da vida minúscula (1991) igualmente recuei no tempo,

partindo da lenda segundo a qual emissários do rei Salomão teriam vindo à Amazônia em busca de ouro e madeiras preciosas para o Templo de Jerusalém. Junto com eles vem um feiticeiro que, por artes mágicas, cria uma tribo de criaturinhas minúsculas, cuja descendência chega aos nossos dias. Uma dessas mulherinhas é sequestrada por um turista de São Paulo e levada para a grande cidade. Atrás dela vai o seu amado, igualmente minúsculo, disposto a resgatá-la...

Em A majestade do Xingu (1997), contudo, baseei-me em um personagem real: o médico e indigenista Noel Nutels (1913-1973) que, imigrante russo como meus pais, se formou em medicina no Recife e acabou dedicando a vida a cuidar dos índios do Xingu. Tínhamos em comum a ascendência judaica e o trabalho em saúde pública, ao qual cheguei, quando, médico formado, comecei a trabalhar no Hospital Sanatório Partenon, da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul, à época atendendo exclusivamente tuberculosos. O Brasil tinha, já então, um excelente programa para o controle da doença, e foi isto exatamente que me atraiu: a abordagem da doença como um problema coletivo, social.

Noel Nutels também havia chegado à saúde pública meio que por acaso. Formado, mudou-se para o Rio de Janeiro. Convidado a participar, como médico, da primeira expedição à região do Roncador-Xingu, entrou em contato com as populações indígenas, coisa que mudaria a sua vida. Durante praticamente toda a história de nosso país, os índios pagaram um pesado tributo à colonização branca. Para se apossar de suas terras, aventureiros deixavam nas trilhas roupas de doente com varíola. Os índios ingenuamente

vestiam-nas, contraíam a doença e morriam aos milhares. Consequência: regiões inteiras das Américas virtualmente se despovoaram em menos de três quartos de século.

A sobrevivência do indígena brasileiro dependia em grande parte dos cuidados de saúde. Mas poucos médicos se dispunham a trabalhar em condições tão precárias. Nutels aceitou o desafio, tornando-se médico do antigo Serviço de Proteção ao Índio e do Serviço Nacional de Tuberculose. Ele e a esposa, que, entomóloga, o acompanhava no trabalho de campo, eram extraordinariamente dedicados à tarefa. Faltava verba? Tiravam dinheiro do próprio bolso. Quando um indiozinho adoeceu gravemente, Noel o levou para o Rio de Janeiro, providenciou o tratamento especializado e manteve-o em sua própria casa até que o menino ficasse curado. A quem lhe perguntava, dizia que, por causa de seu passado de menino judeu perseguido, se identificava com o sofrimento dos índios.

Noel não era um mártir, longe disso. Homem alegre, gaiato mesmo, ficou célebre por suas tiradas e pelo fato de colecionar essas frases e versinhos que mãos anônimas escrevem em banheiros.

Conheci Noel pessoalmente, e, depois de sua morte (1973), muitas vezes pensei em escrever sobre ele. Mas desagradava-me a ideia de ficcionalizar um personagem real, de escrever “Noel pensou que...”, “Noel disse que...”, quando, na verdade, eu não sabia o que ele tinha pensado ou tinha dito. Isto, aliás, é o grande problema para quem faz ficção baseada em personagens reais, históricos. Um problema que se resolveu subitamente, quando, certo dia, viajando de trem na Alemanha, ocorreu-me a ideia de deslocar o foco

narrativo para um outro personagem, um jovem judeu que vem para o Brasil junto com Noel no navio e depois, à medida que passa o tempo, acompanha à distância, e com admiração, a trajetória do antigo amigo. Apoiado ao balcão de sua pequena loja, imagina cenas como a que segue.

Noel entre os índios

São índios, mesmo. Índios de verdade. Não os comanches de filme, aqueles que atacam o forte em meio a horrível alarido e que a cavalaria, chegando no momento exato, dizima; não falsos índios dos blocos de Carnaval do Rio de Janeiro; não, são índios de verdade estes que Noel vê, os índios do Xingu. Há milênios vivem na região; desde que, atravessando o estreito de Behring, chegaram da remota Ásia. Nus, o corpo pintado, penas de pássaro e batoques atravessados nas orelhas, no nariz, nos beiços, são criaturas da natureza em harmonia com o cenário: com o mato, com o rio, com as borboletas que por ali voejam, com os pássaros pousados nas árvores, com o céu azul. Quem destoa ali é o Noel. O branco Noel, o bigodudo Noel, o citadino Noel, o judeu Noel – o que faz ali? Vai pra casa, Noel. Vai, anda de uma vez. Desaparece. Volta para o Rio, Noel. Volta para os bares, para os restaurantes. Melhor ainda – volta para Ananiev, Noel, lá é o teu lugar, judeuzinho.

Noel não voltará. Sua trajetória é irreversível. Ele não está fechado numa lojinha, como eu. Ele não está encerrado na cápsula do tempo. Noel está livre. Verdade, encontra-se numa imaginária encruzilhada. Ali se cruzam dois caminhos, o dos índios que vieram

da Ásia, o dele que começou em Ananiev, na Ucrânia. Nesse ponto de interseção, fora do espaço, fora do tempo, nesse encontro de destinos, Noel Nutels sente-se liberto. Como os índios, respira o ar puro, sutil do Xingu. É só o que partilham no momento: o ar. Tênuê conexão? Tênuê, mas duradoura. Partilham o ar agora, breve partilharão a água, a comida, o futuro, Noel e os índios. Noel no Xingu. Para trás ficou a cidade do Rio de Janeiro: os prédios maciços, as ruas cheias de gente; a fumaça dos ônibus, os gritos dos vendedores ambulantes, a ansiedade, o frenesi. Para trás ficou o navio de emigrantes, para trás ficou Ananiev. Noel libertou-se. Está feliz.

Será? Será que Noel estava realmente desfrutando de felicidade, de liberdade, naquele momento? Será que não se sentia um pouco estranho, muito estranho? Será que não estava, naquele momento, perguntando-se – em iídiche, claro –, “meu Deus, o que estou fazendo aqui, em que confusão me meti, o que quero com essa indiada?”. Será que não estava rezando, pedindo que Jeová o tirasse dali e o levasse de volta para a cidade – para o Rio, ou para Recife, ou mesmo para a Ananiev de sua infância? Será que não estava com medo – ele só de calção, barriga à mostra – de dar ideias aos índios, todo gordinho, tendo um medo atávico do canibalismo? Será que não receava transformar-se numa recordação gastronômica, “ontem saboreamos um branco recém-chegado da capital, estava ótimo; a coxa, então, ultrapassou todas as expectativas”?

Não sei. Mas se tinha tais sensações, tais terrores, venceu-os; triunfou, o Noel alegre, o Noel sorridente, o Noel de quem todo mundo gostava. Os índios, inclusive.

Rodeiam-no, os kalapalo, examinam-no de alto a baixo. Os brancos que vêm da cidade sempre são motivo de curiosidade – e de chacota. “Como é que se pode ser tão pálido? Como é que se pode usar roupas tão ridículas?” Mas a verdade é que gostaram desse branco, gostaram do Noel Nutels.

O intérprete o apresenta, diz que ele é médico do governo, que veio para proteger os índios de muitas doenças, para curá-los. Os kalapalo – uns trinta, homens, mulheres, crianças – ouvem, quietos, atentos. Doença é coisa séria, interessa a todos. O intérprete fala, fala. Quando termina, faz-se silêncio. Só o vento nas árvores, o rumorejar do rio, o pio de um pássaro na floresta.

O cacique, um homem baixo mas forte, de corpo bem proporcionado, fala alguma coisa em voz rouca, gutural. O intérprete ouve, atento. Depois, aproxima-se de Noel. – Há uma menina doente na aldeia – diz, em voz baixa. – Já fizeram de tudo, mas ela não melhora. Perguntam se o senhor pode curá-la. – E acrescenta: – Querem ver se a medicina dos brancos funciona mesmo; é um teste, é bom o senhor saber disso.

Noel é médico. Não é muito médico, segundo os critérios habituais; trata-se de um sanitarista. Um médico do corpo social, que não está diante do corpo social. Talvez até esteja, talvez os índios representem um pequeno e estranho corpo social, um corpo social bronzeado e pintado em cores berrantes, mas não é a esse corpo social que deve dar sua atenção; não no momento, pelo menos. Há alguém doente, os índios esperam dele uma resposta pronta, uma solução. O corpo social terá de ficar para depois.

– Vamos lá – diz. Os índios levam-no à aldeia ali perto, fazem-no

entrar numa oca, uma palhoça feita de capim. Ali, deitada sobre uma esteira, no chão, está a menina – dez, doze anos – doente. Não é preciso ser médico para ver que o seu estado é grave; tem o corpo coberto de suor, a respiração rápida, opressa, o ventre distendido. Sentada ao lado da menina, a mãe, assustada mas esperançosa, diz alguma coisa que o intérprete se apressa a traduzir: – A doença começou há dias, mas piorou muito nas últimas horas.

Com dificuldade – é gordo; comer e beber fazem parte de seus prazeres – Noel se agacha. Fica olhando a índia. Nunca a viu, obviamente; mas o fato de que a menina lhe é desconhecida não importa, o que importa é o que está vendo: suor, respiração rápida, esses sinais ele conhece, viu-os muitas vezes nos pacientes das enfermarias em que teve aulas: doença é linguagem universal.

– Vamos ver – murmura, e cautelosamente estende a mão, pousa-a no tenso ventre da menina. A branca mão sobre a pele cor de bronze. Quieta a princípio, a mão começa a se mover, explorando os quadrantes abdominais. O que anima essa mão? A ânsia do diagnóstico? A piedade pela enferma? Está, a mão, repetindo o ritual místico dos reis medievais, o toque real, supostamente capaz de curar a escrofulose? Trata-se de encenação, trata-se de ciência – ou trata-se de uma mistura das duas coisas?

Noel termina o exame, mas não consegue chegar a uma conclusão. Não sabe exatamente o que a menina tem. Suspeita de pneumonia; mas, e se não for pneumonia? Se for outro quadro infeccioso? De qualquer modo é preciso fazer alguma coisa; é o que esperam dele, que faça alguma coisa, tantas vezes ele ouviu isso, "faça alguma coisa, doutor".

– Vou aplicar uma penicilina – anuncia. Vasculha a maleta, tira de lá um frasco com o pó branco, a ampola de diluente. A droga ainda é novidade no Brasil; no Xingu, então, nem se fala, nem seringa os índios conhecem. Observam, atentos, desconfiados, tudo o que o branco faz.

Noel termina de preparar a solução. Num rápido movimento, aplica a injeção no braço da indiazinha. A picada da agulha arranca-a ao torpor: com inesperada fúria, agarra a mão do médico – e a morde com vontade. Os índios riem. Não lhes desagrada ver um branco assustado, mas não é só isso, estão aliviados, felizes. Se mordeu o doutor, a menina deve estar melhor.

Noel pega uma gaze, limpa o sangue do dorso da mão. Como os índios, ele também se sente, de certa forma, aliviado. Morderam-no; aceitam-no. A menina tem agora, presos aos caninos, fragmentos de seus tecidos. Engolidas, digeridas, as células cederão suas proteínas, que, fracionadas nos componentes mais elementares, serão absorvidas e passarão a fazer parte do corpo dela. Uma pequena, e até certo ponto afetiva, antropofagia.

Já se sente à vontade na aldeia, o Noel, como se os índios fossem gente sua. O cacique convida os brancos para comer, eles aceitam. Sentam-se todos no chão, um dos índios traz um cesto; tira dali um punhado de uma coisa escura, polvorenta e lhes oferece. Noel prova, acha bom. O sargento que o acompanha também prova, mas estranha o gosto: que tipo de comida é aquela? – É gafanhoto torrado – explica o intérprete –, eles gostam muito, os senhores não devem recusar, será uma ofensa. – O sargento tenta, bravamente, ingerir a exótica iguaria, mas não consegue, não lhe desce, parece-

lhe sentir os gafanhotos ainda vivos arranhando-lhe a garganta. Numa tentativa de se recuperar, pede licença, vai até a barraca, volta com uma lata de bolachas cream cracker, oferece-as ao cacique. Agora são os índios que estranham a oferenda; o cacique prova uma bolacha, mastiga um pouco e cospe, enojado. Mostra-se, porém, fascinado com a lata, grande, reluzente. Arrebata-a das mãos do sargento, joga fora as bolachas, coloca ali os gafanhotos torrados – e continua a comê-los. – Pelo menos a lata eles aceitam – suspira o militar, aliviado. A lata é a introdução ao processo civilizatório: depois da lata virão os pratos, os talheres, os móveis, os eletrodomésticos. Os índios deixarão de andar pelados, usarão roupas decentes, falarão português. Serão gente. E aí, sim, valorizarão as bolachas cream cracker. Como o sargento, que durante toda a sua infância de menino pobre sonhou com essas bolachas e só no quartel teve acesso a elas. Os índios não sabem o que estão perdendo. Por alguma razão são índios.

Terminada a refeição, o intérprete se aproxima de Noel: – Parabéns, doutor, o senhor foi muito jeitoso, eles gostaram do senhor. – É um homem nervoso, esse intérprete, um índio que ainda jovem deixou a aldeia e foi para a cidade, fascinado pelo modo de vida do branco: as casas, os carros, o rádio, a geladeira. Voltou, mas como funcionário do Serviço de Proteção ao Índio. Veste-se como os demais funcionários; como eles, se refere jocosamente aos indígenas, chamando-os bugres. No fundo, porém, continua um índio. Seu português tem forte sotaque, as roupas tolhem-lhe os movimentos, as botinas machucam-lhe os pés. E é um homem atormentado, tem maus pressentimentos quanto ao futuro. Se

algum dia as tribos se revoltarem contra os brancos, seguramente estará entre os primeiros a serem executados; os índios o aprisionarão e o torturarão lentamente até a morte. Depois arrancarão seu coração e o jogarão na fogueira: coração de traidor não é para ser devorado por valentes, é para ser incinerado. Aos olhos do intérprete, o doutor Noel é uma espécie de santo protetor; tem certeza de que esse homem bom e risonho o salvará de qualquer perigo.

Noel passa a noite ao lado da indiazinha. Tem de aplicar a penicilina a cada quatro horas e tem de verificar a temperatura. Seu prestígio está em jogo – se a menina se salvar, será visto como um deus; se morrer, será um desastre –, mas não é em prestígio que pensa, ao sondar, ansioso, o rosto da pequena doente. De alguma forma ligou-se a ela, quer que se salve. Quando, ao raiar do dia, vê que ela começa a melhorar, sente-se invadido por uma onda do júbilo e alívio. Sai da oca, espreguiça-se, olha ao redor a magnífica paisagem, a floresta, o majestoso Xingu; já é parte daquela paisagem, ele. Aquele é o seu cenário. Sem pressa vai até o rio, lava-se; tira os sapatos, coloca-os sobre a areia e vai sentar-se numa pedra. Ali fica, os pés dentro da água, fumando o cachimbo e olhando a correnteza.

Alguém lhe toca o ombro: é o intérprete. – O cacique quer falar com o senhor – diz. Noel vira-se e ali está o cacique. À luz do amanhecer, já não parece a esplêndida figura do dia anterior: nenhum enfeite, nenhuma pintura, nada, é bugre mesmo. Mas mostra-se grato: já esteve na oca, já viu a menina, já se convenceu de que sobreviverá, graças ao doutor Noel. – Minha gente – diz, e o

intérprete traduz suas palavras com evidente embaraço – sofreu muito por causa de vocês, brancos. Nós éramos fortes e saudáveis, agora andamos por aí, sem forças, e de repente começamos a emagrecer, e a tossir, e a escarrar sangue. O nosso povo está condenado, será que ninguém vai fazer nada por nós?

Começa a chorar. Um chorinho sentido, manso, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto, caindo na areia da margem do rio. Noel olha-o, comovido e surpreso. Nunca imaginara ver um índio chorando. Lembra um velho judeu sentado nas ruínas da sua casa, depois do pogrom, em Ananiev, soluçando e perguntando: "Até quando teremos de derramar nossas lágrimas, até quando?"

Com a ajuda do intérprete, Noel tenta consolar o cacique. Trará outros doutores, trará remédios, os índios já não estarão entregues à própria sorte. O cacique parece não ouvir; fita, em silêncio, as águas do Xingu. Noel suspira. Suspeita que a pergunta do índio, ao fim e ao cabo, ficará sem resposta.

6

Em 1974 comecei a escrever para o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. É uma experiência no mínimo curiosa passar da página do livro para a página do jornal. Sim, em ambos os casos trata-se de texto impresso, destinado a um público, mas as diferenças são grandes, e históricas. Para começar, o livro, tal como o conhecemos, surgiu antes do jornal; é do século XV, enquanto o jornal só aparece no começo do século XVII. Ao contrário do livro, que em geral tinha um tema único, tratava de vários assuntos num estilo que nem sempre era refinado, literário. Estabeleceu-se uma divisão: os escritores eram uma antiga aristocracia; os jornalistas eram os arrivistas. Os escritores escreviam para a eternidade; os jornalistas estavam presos aos assuntos do momento, nem sempre agradáveis. Escritores falavam mal do jornal: “Da primeira à última linha, nada mais é que um circo de horrores”, disse Baudelaire (1821-1867). Edmond de Goncourt (1822-1896) e seu irmão Jules (1830-1870) acrescentaram: “Efêmera folha de papel, o jornal é o inimigo do livro, como a cortesã é inimiga da mulher decente”.

Os escritores podiam fazer pesquisas formais, mesmo que estas resultassem em textos obscuros; os jornalistas tinham, e têm, a obrigação da clareza. Os escritores podiam se estender por muitas páginas, e o caudaloso romance-rio era disso um exemplo. É verdade que outros fatores intervinham aí. Na Inglaterra, por

exemplo, havia um subsídio para o livro, desde que este tivesse no mínimo três volumes. Resultado: todo mundo queria publicar livros em três tomos. Os jornalistas precisam limitar-se a um espaço previamente fixado. Se lhe são solicitadas quarenta linhas, o texto deverá ter quarenta linhas. Se for maior, o editor vai ter de cortar – e qual o critério para isso? Se forem menos de quarenta linhas, sobrar um espaço – e como preenchê-lo? Além disto, os jornalistas têm prazo para entregar a matéria, coisa que raramente ocorre com os escritores.

De qualquer modo, porém, muitos escritores aderiram à nova forma de comunicação com o público – por exemplo, através do folhetim, equivalente à novela de tevê: uma obra de ficção publicada em capítulos (ou fascículos) que, no século XIX, era muito popular, graças a autores como o inglês Charles Dickens (1812-1870), cujos textos eram, inclusive, enviados para os Estados Unidos: multidões aguardavam no porto o navio que trazia os fascículos. No Brasil, José de Alencar também ficou conhecido desta maneira. Em nosso país, aliás, surgiu um gênero que se tornou o elo entre literatura e o espaço jornalístico: a crônica, praticada por grandes nomes como Machado de Assis (1839-1908) e Lima Barreto (1881-1922). No começo era basicamente um gênero intimista; lírica, poética, meditação sobre o cotidiano das pessoas – a versão literária da conversa de bar que, nas mãos de um Rubem Braga (1913-1990), de um Fernando Sabino (1923-2004), de um Paulo Mendes Campos (1922-1991), de um Luis Fernando Verissimo, deu grandes textos. Era um respiradouro, uma brecha na massa não raro sufocante de notícias.

Eu escrevia, e escrevo, crônicas sobre os assuntos mais variados, o que é uma característica do gênero. Quando meu filho Beto nasceu, abordei muito sobre a experiência de ser pai. O texto que segue é um exemplo.

A mamadeira das duas da manhã

Amigos me mandam um cartão-postal; mostra um pai de pijama, barbudo, desfeito, segurando um bebê e a mamadeira. Junto, um recado, segundo o qual muita coisa pode ser escrita a respeito da mamadeira das duas horas da manhã.

Presumindo que o pai barbudo seja eu, aceito o desafio, mesmo porque, de fato, muita coisa pode ser dita a respeito da mamadeira das duas da manhã. Nem tudo é publicável, naturalmente, mas aqui vão algumas das reflexões que me ocorrem.

Às duas da manhã as pessoas de bom senso costumam estar dormindo. Fazem exceção os boêmios, os seguranças, os poetas muito inspirados e algumas outras categorias. Suponho que você, leitor, faça parte dessa maioria silenciosa: lá está você, mergulhado num sono reparador, sonhando com um cruzeiro de iate pelo Caribe. Está você encostado na amurada, ao lado de uma bela mulher que pode ou não ser a sua esposa, quando se ouve ao longe a sereia de um navio. Ruído incômodo, que você gostaria de não escutar; mas é impossível. Mesmo porque não se trata da sereia de nenhum navio. É o bebê, chorando. Está na hora da mamadeira.

A primeira coisa que acontece é uma discussão com sua mulher sobre quem deve ir atender o garoto. Nos tempos do chamado

"chefe de família", este debate não existia: a mãe levantava e ia cumprir com sua obrigação. Hoje, quando as mulheres trabalham e estão conscientes de seus direitos, as coisas mudaram. Você tenta estabelecer um debate a respeito, invoca como argumento os riscos do feminismo, alega que tem de trabalhar no dia seguinte, apela para os instintos maternos. Inútil. Pela democrática escala estabelecida, é a sua vez de levantar. Você atira o cobertor para o lado (um movimento que exige especial resolução quando a temperatura ambiente aproxima-se de zero grau) e parte para o empreendimento, não sem antes dar uma topada com o dedão no pé da cama, evento que não contribui em nada para melhorar o seu bom humor. Ainda que cambaleante, você chega ao berço e olha o bebê.

A disposição dele é completamente diferente da sua. O entusiasmo de seu choro é qualquer coisa de estarrecer. Se as massas oprimidas da América Latina gritassem deste jeito, você raciocina, as multinacionais estariam bem arranjadas.

O momento, contudo, não é para tais considerações. Você pega a mamadeira, que já está pronta – pelo menos previdentes vocês são –, e a primeira coisa que faz é deixá-la cair no chão, onde imediatamente bilhões de bactérias tomam posse dela. Você tem de preparar outra mamadeira em frasco novo. Coloca lá dentro o leite, aquece-a, experimenta-a no dorso da mão, ignora a queimadura de terceiro grau que o líquido produziu, e vai firme para o bebê. Ele suga, esfomeado – mas aparentemente não consegue o que quer, porque continua gritando. O furo do bico é pequeno, você pensa, e aumenta-o. Nada. Você alarga mais o furo, transforma-o num

rombo. Nada. Finalmente, você se lembra de tirar o disco de borracha que estava na base do bico. Agora sim, o leite jorra – como cascata, quase afogando o garoto. Você faz tudo de novo, e desta vez dá certo. O bebê toma o leite, enquanto você fica ruminando considerações sobre a vida, nenhuma delas particularmente otimista.

O fim da mamadeira é a sua libertação. Você pode voltar para a cama. Isto é, se o bebê permite. Há vezes em que ele continua chorando. Você tenta remédios para cólicas, você muda as fraldas (duvido que você ainda tenha vontade de comer abacate, depois de ver o que contêm), e o guri sempre chorando. Finalmente você é obrigado a concluir: você não sabe por que ele chora. Talvez a CIA consiga descobrir, mas você não tem o número do telefone deles.

Quando você já está pensando em fazer as malas e fugir para o Polo Norte, ele de súbito deixa de chorar. Assim mesmo: para de chorar. Você suspira aliviado, toma o rumo da cama, dá a topada habitual e aí vê o relógio: sete horas. Está na hora de levantar.

Você faz a barba, toma banho, se veste, toma café – tudo isto com olhos fechados – e antes de sair você ainda dá uma olhada no bebê.

Dorme tranquilamente, claro. E o sorriso que ostenta é definitivamente irônico e triunfante.

Outra crônica, redigida anos mais tarde, aborda uma segunda causa pela qual os pais não dormem.

Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar

O título desta crônica foi tirado de um samba do grande Adoniran Barbosa: um rapaz explica à namorada que "não posso ficar nem mais um minuto com você. / Sinto muito amor, mas não pode ser" porque, filho único, a mãe não dorme enquanto ele não chega.

De maneira geral, pais não dormem. Podem deitar, fechar os olhos, podem até roncar – mas, na verdade, não estão dormindo. Quando os filhos são pequenos, estão atentos a qualquer chorinho, a qualquer gemido; quando os filhos são maiores, ao contrário, é o silêncio que os mantém despertos; o ominoso silêncio do quarto vazio: o filho ou a filha não estão, foram a um aniversário, a uma festa. Que terminará... Quem sabe quando termina uma festa de adolescentes? Para eles a vida é uma festa permanente, na qual o relógio é um corpo estranho.

Enquanto isso, os pais esperam. Poderiam não estar esperando, claro; poderiam ter dado a chave ao filho ou à filha. Mas dar a chave é um gesto simbólico para o qual os genitores nem sempre estão preparados, e que, de qualquer modo, não garante um repouso reparador; este só pode ter início depois do abençoado ruído da dita chave girando na fechadura.

O que fazem os pais enquanto esperam? Uns fingem dormir. Outros rolam na cama, inquietos. E há os que se levantam e vão preencher estas horas, que afinal são parte de sua vida, com algo que alivie a ansiedade, e que seja útil. Conheço uma senhora que usa esse tempo para ler a Enciclopédia Britânica em inglês; já está no volume 16 (Mush to Ozon) e ainda não recuperou a tranquilidade. Há um pai que vê todos os filmes do madrugada; segundo ele, uma noite dessas o James Cagney o mirou da tela e

disse: "Vai dormir, rapaz! Já estou farto de te ver aí todas as noites!"

Mas os pais não dormem. Como Macbeth, eles ouviram a ordem fatídica: "Sleep no more" (ainda que, diferente de Macbeth, eles não tenham culpa alguma; ou talvez tenham; quem sabe o que se passa no coração dos pais?). Seu suplício nada tem a ver com a idade do filho. Amigo meu, divorciado, voltou a morar com os pais; precisava de um tempo para se recuperar do trauma. Um tempo que teve, contudo, de abreviar – porque, cada vez que saía, a mãe lhe dizia: "Não vá voltar tarde, meu filho!". E, cada vez que o programa noturno estava a ponto de gerar um romance, ele se lembrava da mãe acordada, a esperá-lo, e voltava. A insônia dos pais é eterna e incurável.

Mas a crônica também pode descrever situações não tão amenas quanto estas. Em 1993 tive um grave acidente de automóvel, uma situação aflitiva que me levou à UTI em estado grave, e que vivi como paciente e como médico. Junto com a dor e o sofrimento, eu sentia a urgente necessidade de narrar esta experiência, de entendê-la através do texto. Tão logo pude levantar da cama, escrevi o que segue.

Voltando à vida

Vida é assim.

Um dia de manhã você pega seu carro, na praia, para ir a Porto Alegre, onde tem alguns assuntos a resolver. À tarde você estará de volta; como muitos, como todos, você acredita que a vida pode ser

planejada e que as coisas acontecerão conforme o previsto.

Você então vai dirigindo seu carro, nesta manhã agradável, conversando com a amiga, a quem você está dando carona. E então um estrondo, e um segundo depois você está jogado no asfalto, o sangue correndo de vários ferimentos, dores lancinantes pelo corpo.

Você não acredita. "Não, não pode ser verdade, isto é um pesadelo; eu ainda não acordei, estou sonhando; daqui a pouco despertarei e começarei uma viagem a Porto Alegre, e aí sim, tudo dará certo." Mas a realidade se impõe, brutal: você acabou de sofrer um acidente, e você sente o tênue sopro de sua vida vacilando, prestes a se extinguir.

Sou médico. Sofri um acidente, mas sou médico, continuo médico. Muitas vezes atendi pessoas em situação igual à que me encontro. Aprendi algo com isso, aprendi a raciocinar depressa e com clareza quando uma vida está em risco. Desta lucidez médica preciso agora, para enfrentar o caos orgânico e mental que, muitas vezes, precede o fim.

Não enxergo. Por alguma razão – trauma craniano, acho – perdi a visão. Mas ouço vozes. Confusas, alarmadas. Querem me levar. E eis o primeiro perigo: "levar" significa que me agarrarão pelos braços e pelas pernas, me colocarão num carro e assim serei transportado. Mas sei que tenho fraturas e o alarma soa dentro de mim: não, eles não podem me levar, eles me colocarão em risco ainda maior. Com o que resta da minha autoridade médica, comando: – Não me mobilizem, deixem-me aqui, chamem uma ambulância.

Neste momento, a sorte decide a meu favor. Há um sargento da polícia militar no local e também, como me contam depois, um

auxiliar de enfermagem. E são eles que organizam minha remoção: com uma porta de madeira improvisam uma maca e levam-me à ambulância. Depois de uma viagem, que as insuportáveis dores tornam ainda mais longa e difícil, chegamos a Porto Alegre. E aqui estou eu, num cenário que não me é desconhecido: o Hospital de Pronto Socorro, do qual fui médico. Ali muitas vezes recebi pacientes que, como eu, chegavam com o rótulo temível: politraumatizado.

Sou colocado numa maca e rapidamente examinado. Há suspeitas de fraturas e de traumatismo craniano, preciso ser radiografado, tomografado. E então começa a corrida da maca pelo corredor: é o teto que eu vejo, o teto passando rápido, e faces ansiosas, e luzes, e aparelhos.

Cada movimento acarreta dores lancinantes. Há um só momento em que tenho descanso: quando me introduzem dentro do tomógrafo. Esta experiência, que em outros se acompanha de claustrofobia, me proporciona um bem-estar incrível: ali estou, imobilizado, sem dor, quieto, no escuro. "Deixem-me aqui", é o que eu tenho vontade de pedir, mas sei que é impossível. Levam-me para a Unidade de Tratamento Intensivo.

Ali obtenho o primeiro alívio: com grande habilidade, o anestesista introduz-me na coluna vertebral um cateter que pinga morfina diretamente nas raízes nervosas. Tão grande é o bem-estar que chego a ficar eufórico. Uma euforia que, contudo, não durará muito.

A radiografia mostra que tenho várias costelas quebradas e sangue na cavidade torácica. A função respiratória está em risco, é conveniente que eu seja transportado para um serviço especializado,

o Pavilhão Pereira Filho, da Santa Casa de Porto Alegre. Ali também estou em casa: frequentei esse serviço quando, no começo de minha carreira médica, trabalhava com tuberculose. De imediato sou transportado à UTI.

Aí viverei uma experiência, para dizer o mínimo, insólita. Na UTI a vida está em suspenso. O tempo ali não passa – aliás, não há relógios nas paredes. A luz nunca se apaga; não é dia, não é noite, reina uma claridade fixa, imutável. Mas o movimento é contínuo; médicos, enfermeiras, auxiliares circulam sem parar, examinando, manipulando os doentes, sempre em estado grave.

Nestas circunstâncias pequenos detalhes adquirem importância desmesurada. Com nove costelas fraturadas eu não podia sequer mover-me; estava reduzido ao mais completo estado de desamparo. Que me recusava a aceitar. Durante horas pensei num esquema que me permitiria deitar de lado. Para isso, eu tinha de alcançar a grade da cama com os dedos, avançar milímetro a milímetro até que, auxiliado pela gravidade, pudesse rotar sobre mim mesmo. O problema é que meus dedos não chegavam à grade. Poucos centímetros me separavam dela – mas era como se a maldita grade estivesse em outro planeta. Claro, poderia pedir auxílio. Mas era exatamente este detalhe que tornava ainda mais penosa a situação. Pedir auxílio para virar na cama – e para comer, para evacuar... Deprimente desamparo.

Um dia acordei e vi um grupo de médicos reunidos em torno ao monitor de um paciente, olhando um traçado eletrocardiográfico. Por uns momentos fiquei me perguntando, absolutamente intrigado, o que estariam fazendo. E aí, com o raciocínio confuso por causa dos

calmantes, achei uma resposta: aquilo era um curso. Mais: era um curso a que eu deveria estar presente. Em vez disso, estava deitado. Pouca vergonha.

Com tremendo esforço, levantei-me. A sonda e o equipo de soro tolhiam-me os movimentos, e eu já ia arrancá-los, quando uma enfermeira me viu e convenceu-me a voltar para o leito. Voltei. Mas com muita raiva por ter perdido aquela aula.

Eu tinha de assumir a realidade do meu estado, bastante grave em alguns momentos. E isso foi possível sobretudo graças aos médicos que me trataram. Depois de muitos anos às voltas com a saúde pública, quase tinha esquecido este fato fundamental: a luta contra a doença e a morte tem como cenário principal o corpo enfermo. E deste corpo enfermo cuidavam meus colegas, com extraordinária dedicação e carinho, e também os residentes, os enfermeiros, os auxiliares, as fisioterapeutas. Nós sempre devemos nossa vida a muita gente, mas no hospital isso fica ainda mais claro.

Saí de um episódio sombrio não apenas com a saúde preservada, mas com a confiança restaurada. E isso, para quem está há anos no ramo, não é pouco. Garanto: não é pouco.

Não foi a primeira crônica que escrevi sobre uma situação dolorosa. Anos antes, minha mãe, doente de câncer, viera a morrer – em meus braços. Foi uma experiência terrível, que até hoje me persegue. Num Dia das Mães, evoquei sua morte no texto que segue.

"Pietà"

Talvez não exista imagem mais dramática e mais dilacerante do amor materno que a Pietà, de Michelangelo. A mãe que segura o filho morto ao colo traduz, apesar da frieza do mármore (ou justamente por causa dela, por causa do contraste que proporciona aquela superfície lisa, branca e fria com o medonho sofrimento), toda a dimensão que pode atingir esta que é a mais singular das formas de amor, o amor que a natureza criou para assegurar a perpetuação da espécie.

Mas há outra imagem igualmente terrível, se bem que não expressa em mármore, ou em bronze ou em quadros: é a do filho que sustenta a mãe moribunda. E é uma coisa curiosa que tal imagem seja tão rara. Curiosa e significativa. É como se os artistas quisessem nos poupar da visão da morte da mãe, um fato biologicamente até mais provável, mas inadmissível; a ideia da mãe está ligada a de um amor que é profundo, que é incondicional; que é eterno.

E no entanto as mães morrem, como o sabem todos que veem o Dia das Mães como data melancólica; pessoas que já não podem homenagear suas mães. Elas morrem. Quando a gente menos espera, as mães se vão. Desaparecem, nos deixam.

Minha mãe morreu. De câncer, como muitas outras mães. Uma doença apavorante, mas não rara: é a segunda causa de óbito no Sul do Brasil. E eu, como médico, deveria estar preparado para a ideia de câncer em alguém dos meus.

Mas não estava preparado. E nem pude aceitar a situação. Nem o diagnóstico, nem o tratamento, nem o prognóstico, nada. Quando, saindo da sala de operações, o cirurgião me disse as clássicas e

medonhas palavras – não há nada a fazer, está tudo tomado –, tive, pela primeira vez na minha vida, a sensação da vertigem existencial, aquela vertigem que, num átimo, nos precipita no mais fundo dos abismos. É uma sensação que só não nos aniquila porque é passageira (mas exigirá o resto da vida, seja este resto quanto for, para que precariamente a elaboremos).

A agonia foi longa, dolorosa e insuportável. O câncer é o espectro de nossos tempos; sua malignidade resulta tanto da implacável disseminação como da desmoralização que provoca na pessoa. Às vezes espera-se pela morte como por uma libertação. No caso de minha mãe, a morte veio na hora em que a morte mais se anuncia: poucos minutos após a meia-noite, quando as pessoas, cansadas, entregam-se ao repouso.

No quarto do hospital, aguardávamos o fim, o soro a pingar monotonamente, inutilmente. De repente, ela se soergueu; sustentei-a como pude, com braços que fraquejavam; e ela então me olhou, e este olhar não mais poderei esquecer, porque era um olhar aterrorizado, era o olhar do ser humano fitando a Morte que chega, o olhar de incrédulo terror, o olhar que indaga, sem a menor esperança de uma resposta: "Por quê? Qual o sentido disto tudo?".

Fiz muitas perguntas em minha vida, sobretudo a meus pais, que representavam para mim a fonte de todo o conhecimento, de toda a sabedoria. Mas desta vez não era eu quem perguntava. Não era o menino curioso a indagar: "Mãe, por que chove? Mãe, aquilo na Lua é uma cara? Mãe, como é que os aviões voam?". Não, eu já não podia perguntar nada, não podia sequer implorar à minha mãe que me transmitisse uma última mensagem, uma derradeira lição de

vida. Tudo que eu poderia fazer era sustentá-la em meus braços. Tudo que eu poderia fazer era ter piedade: Pietà.

E piedade eu tive. Dela, de mim, de todos nós. Dos filhos, dos pais, das mães. Porque não há filhos, não há pais, não há mães, nesses momentos; há criancinhas assustadas diante da Grande Incógnita.

Meu primo, que também é médico, me ajudou naqueles últimos instantes. E logo depois estava tudo terminado.

Às vezes vejo meu filho Beto acariciar os cabelos de sua mãe. É um gesto terno, um gesto delicado, mas é sobretudo um gesto de instintiva sabedoria. Precisamos cuidar de nossas mães, precisamos protegê-las, precisamos reconhecer nelas as frágeis criaturas que muitas vezes são. Precisamos ajudá-las a escrever o poema pedagógico que é a edificação de uma vida. E precisamos fazer isto com a arte e a paciência com que Michelangelo esculpiu a Pietà.

Em 1993 fui convidado por um editor da *Folha de S. Paulo* para escrever um texto de ficção baseado em matérias publicadas no jornal.

A proposta me surpreendeu. Achei até que tinha entendido mal: não se trataria de uma crônica? Não, não era crônica, era ficção mesmo. Ideia original, mas de difícil execução; outros escritores, convidados para participar na mesma coluna, acabaram desistindo. Continuei sozinho, e com o tempo constatei que, atrás de muitas notícias de jornal, há uma história esperando para ser contada – Dalton Trevisan (1925-) escreveu vários contos desta maneira. Descobrir qual a notícia capaz de dar uma história, e descobrir a

história em si, envolve até um elemento de suspense, que, para mim, funciona como desafio. Nem sempre se trata de uma matéria sensacional; pode ser, por exemplo, uma curiosidade histórica. Como a que segue.

Roda dos expostos

"Roda dos expostos" recebia bebês rejeitados até o final dos anos 40. Feita de madeira, era geralmente um cilindro oco que girava em torno de seu próprio eixo e tinha uma portinha voltada para a rua. Sem ser identificada, a mãe deixava seu bebê e rodava o cilindro 180 graus, o que fazia a porta ficar voltada para o interior do prédio, onde alguém recolhia a criança rejeitada. Em São Paulo, bastava a campainha soar no meio da noite para as freiras da Santa Casa terem a certeza de que mais uma criança acabava de ser rejeitada (2 de fevereiro de 2006).

Ele foi provavelmente um dos últimos bebês colocados na roda dos expostos, o que aconteceu há exatamente 65 anos. Mas a vida compensou-o devidamente. Entregue a uma família de classe média alta, gente sensível e carinhosa, teve uma infância feliz, com os irmãos, com brinquedos, com livros. Estudou, entrou na universidade, formou-se em Medicina, tornou-se um neurocirurgião famoso, respeitado no país e no exterior. Os pais adotivos faleceram quando ele tinha quarenta anos. Pouco antes de morrer, a mãe revelou-lhe a história da roda dos expostos. Chorou muito, mas não por ter sido abandonado; chorou pelos pais, a quem amava profundamente e que lhe fariam muita falta.

A verdade, porém, é que a revelação o abalou. Fez psicoterapia por algum tempo, acabou deixando, e por fim achou sua própria maneira de lidar com esse trauma da infância: mandou construir uma roda dos expostos. Não é uma roda pequena, para bebês; é algo grande, onde ele, homem robusto, cabe facilmente. E a partir daí imaginou uma espécie de ritual.

Todos os anos, no dia de seu aniversário, a porta da luxuosa mansão em que mora é aberta e, no vão, os empregados colocam a grande roda dos expostos. Ele entra ali. A roda gira, uma campainha soa, e logo ele se vê dentro de sua casa, onde a família – uma grande família, esposa, filhos, filhas, netos – recebe-o entre abraços e exclamações de júbilo. Cantam o "parabéns a você", a roda é retirada e a festa tem início, agora com a presença de amigos e familiares.

Nos primeiros anos as pessoas achavam estranho este costume. Depois, deram-se conta de que aquilo correspondia a uma necessidade emocional e aceitaram-no. Até o cumprimentam pela ideia, simbólica e generosa.

O que não lhe perguntam, e nem ele fala a respeito, é em que pensa no momento que a roda está girando, transportando-o do exterior para o interior, do abandono para o acolhimento. Dura poucos segundos esse intervalo, e nem há tempo para refletir muito. Mas é então, certamente, que ele descobre os segredos de sua vida.

Incursionei por muitos outros gêneros: artigo, ensaio, ficção infantojuvenil, teatro, tevê. A única coisa que não fiz sistematicamente (e deste crime não podem me acusar) é poesia.

Mesmo assim, cometi alguns versinhos e até cheguei a publicar em livro alguns deles, como este, que figura em *Os deuses de Raquel* e que aqui vai com pedidos de desculpas a Camões (1527?-1580) e a Drummond (1902-1987):

*Não te dás conta, pobre tola,
ao aniversariar com paixão,
que a vela que arde no bolo
é a mesma que enfeita o caixão?*

7

Sim, a vela que, na infância, arde no bolo de aniversário é a mesma que enfeita o caixão. A vida passa; escrevendo, ou fazendo medicina, ou formando uma família, ou militando politicamente, ou trabalhando, ou bebendo – a vida passa. Chega um momento em que tudo que esperamos das velinhas é que elas iluminem, com sua tênue luz, o nosso passado e nos permitam extrair alguma conclusão de nossas trajetórias. O que pretendemos, com o ato de escrever? Cumprir uma missão? Obter algum tipo de conforto? Ganhar a vida, simplesmente? Conquistar a glória?

É claro que as respostas variam de caso para caso. Mas, seja qual for o caminho seguido pelo escritor (e pela escritora: a presença feminina na literatura é cada vez mais importante), ele ou ela aprenderão muitas coisas. O que foi que aprendi?

Aprendi, em primeiro lugar, que escritores escrevem. Escrever não significa necessariamente pegar uma caneta e rabiscar no papel, ou digitar no computador; há uma fase de elaboração mental em que o texto começa a tomar forma em nossa cabeça. Mas em algum momento ele deve se tornar visível, ou legível. Isto não é uma providência de ordem exclusivamente prática. Da página, o texto nos fala. Até mesmo a mancha gráfica na página sugere coisas. Assim, um texto muito compacto, um texto que não respira, que não deixa o papel ou a tela aparecerem, esse texto representa, para o leitor,

uma sobrecarga. De outra parte, a matéria-prima do texto são as palavras, as letras. Sinais gráficos ajudam, mas quanto menos a gente os usa, melhor, mesmo porque nem sempre existiram – no Antigo Testamento, por exemplo, estão notavelmente ausentes. O que gera a pergunta: precisamos deles? Qual o uso, por exemplo, do ponto de exclamação? Se a frase que acabamos de escrever não clama ao leitor, então não será um sinal gráfico que o fará! Este ponto de exclamação, a propósito, foi colocado aí de propósito (!) e ironicamente. Felizmente é um só, porque às vezes são colocados dois (!!) ou três (!!!) destes sinais. No passado, não havia manchete de jornal que não terminasse com um ponto de exclamação. Com o tempo, os jornalistas deram-se conta de que escândalos, crimes, guerras falam por si, dispensam o ponto de exclamação.

A mesma coisa pode ser dita das reticências... O objetivo delas é criar um grau de imprecisão, de mistério, de dúvida, de ironia, até... Mas o resultado, frequentemente, é o enfraquecimento do texto... Uma pena...

Escrevemos para o leitor. E o primeiro leitor é representado por nós próprios. É um leitor que pode também funcionar como crítico, como avaliador. A este leitor, a nós próprios, devemos formular uma pergunta fundamental: Isto que escrevi está escrito da melhor forma que eu poderia escrever?

Temos limitações. Nem todos podemos ser Shakespeare (1564-1616), ou Fernando Pessoa (1888-1935), ou Drummond. Mas podemos melhorar, podemos aprender. E o processo de aprendizado, em literatura, envolve ler outros escritores e até imitá-los. Em minha geração, Guimarães Rosa era um modelo predileto. Mas difícil:

escritores que renovam a linguagem (Joyce é outro exemplo) costumam ser casos isolados.

Particularmente, copiei muito. Copiei Viriato Correia, copiei Erico Verissimo, copiei Jorge Amado, copiei Kafka. Os escritores que a gente copia são aqueles com os quais temos afinidades, aqueles que nos fazem a cabeça. Mas existe aquilo que o crítico Harold Bloom (1930-) chama de "a angústia da influência", algo muito parecido à relação que temos com nossos pais: eles cuidam de nós, eles nos alimentam, nos vestem, nos educam, e nós os amamos, mas queremos ser nós próprios. Lá pelas tantas, e independente de qualquer tipo de resolução, a gente espontaneamente para de copiar. Seguimos nosso caminho, andando com nossos próprios pés.

Voltando à pergunta básica ("Isto que escrevi está escrito da melhor forma que eu poderia escrever?"). Não é apenas um questionamento, é uma exigência. Escrever é reescrever. Vou escrever isto de novo: escrever é reescrever. E mais uma vez, para não ficarem dúvidas: escrever é reescrever.

Isto era mais difícil à época da máquina de escrever. O que a gente fazia então era datilografar as correções dos trechos que não nos pareciam bons e colar na folha. As vezes era preciso corrigir de novo, e mais uma vez colávamos em cima. Terminávamos com um verdadeiro sanduíche de papel, coisa que representava um suplício para os editores e para as gráficas.

Com o computador a coisa mudou. E há uma tecla que é a grande amiga do escritor, a tecla de deletar. Ela é melhor que a cesta do lixo. Esta sempre dá uma chance ao arrependimento. A tecla de deletar, não. Ela faz com que aqueles átomos que se

reuniram na tela para formar letras e palavras se dispersem irremediavelmente. Se alguma afinidade entre eles se conserva (mesmo a mediocridade permite afinidade), não sabemos. O texto deletado some, deixa de ter existência material, e isto envolve inclusive uma reflexão de caráter filosófico: viver é tentar, mesmo que nem sempre se obtenha êxito.

Perdi a conta do número de textos que destruí ou deletei. É algo que a gente deve fazer sem se lamentar. Uma ideia, se é boa, voltará – sob melhor forma. Isto, a propósito, remete a uma comum aflição de escritores principiantes: esquecer a ideia. Daí a famosa caderneta. Usei várias, e agora, quando as folheio, tenho um problema: ou não entendo a letra (é bom lembrar que letra de médico é de difícil legibilidade: parte dos mecanismos de poder inerentes à profissão) ou entendo, mas não já não sei a que se referem. “Homem segurando boneca no colo”, o que será isto? Que história estava contida aí?

Há uma historietta sobre um escritor que tinha muito boas ideias quando sonhava (sonhos são inspiradores, já vimos isto), mas esquecia-as quando acordava. O que, claro, faz parte dos mecanismos pelo qual o inconsciente se protege. Só que o escritor não se conformava com isso. Decidiu então colocar uma caderneta na mesa de cabeceira. Naquela mesma noite sonhou com uma ideia que lhe parecia fantástica, tão fantástica que o acordou. Anotou rapidamente a dita ideia e, tranquilizado, voltou a dormir.

De manhã, recordou-se do episódio, mas não da ideia que lhe ocorrera. Foi então para a caderneta.

Não havia nada escrito ali. Ele sonhara que tivera uma ideia,

sonhara que acordara, sonhara que tomara nota... Tudo sonho.

De qualquer modo, a gente escreve. E aí vem a pergunta: o que fazer com aquilo que escrevemos? Guardamos, tipo diário íntimo, ou mostramos?

Melhor mostrar. Textos guardados na gaveta são perigosos. Fermentam, produzem emanções emocionalmente tóxicas que adoecem ou fazem sofrer seu autor. Agora: mostrar para quem? Isto é importante, inclusive para não encher o saco de pessoas. Pais, professores, amigos são o primeiro escalão. Depois vêm os escritores. Mostrei meus originais a vários deles. Rubem Braga perdeu a minha primeira coleção de contos (e eu não tinha cópia). Erico Verissimo foi mais amável. Levei a ele uma de minhas primeiras histórias. Recebeu-me com a gentileza que nele era costumeira e disse que eu voltasse uns dias depois. Quando retornei, elogiou-me muito, disse que eu estava num bom caminho. Saí dali flutuando no ar, de tão feliz. Dias depois, ao abrir uma gaveta, encontrei nela a última página do conto. Erico tinha lido a história sem o final. Não entendera nada, mas, generoso como era, optara por estimular o ansioso rapazinho que vinha em busca de sua opinião. Igualmente importante foi o meu primo, o pintor Carlos Scliar. Era um leitor sério, infatigável, que fazia abundantes anotações em meus textos.

Oficina literária é uma boa opção. Não ensina ninguém a escrever, obviamente, mas proporciona um espaço para que o escritor possa mostrar seus trabalhos, discuti-los, ouvir críticas e sugestões. Trata-se de um amparo, inclusive emocional. Escritores, e sobretudo escritores que estão começando, são, não raro, pessoas

psicologicamente frágeis, prontas a se desesperar diante de qualquer obstáculo.

O que nos leva a uma outra questão. O que fazer diante de uma crítica? Se a crítica é elogiosa, o problema não existe, ainda que críticas elogiosas possam perfeitamente estar equivocadas. O problema é aquela crítica arrasadora, aquela que destrói um trabalho. A primeira reação é de fúria contra essa pessoa que, em alguns minutos, estraçalha aquilo que, às vezes, levamos anos para fazer.

Num segundo momento, porém, podemos fazer a crítica da crítica. Não é difícil, ao menos depois de alguma experiência, diferenciar entre a pessoa que, baseada em seu conhecimento e sua sensibilidade, está examinando com honestidade e competência aquilo que nós fazemos. Neste caso, temos de nos perguntar se esta pessoa tem razão no que diz. Se tem razão – e frequentemente tem razão –, o jeito é aceitar a crítica, reconhecer os erros e prometer a nós mesmos que na próxima vez vamos nos sair melhor. Agora: se o cara quer agredir, quer dar vazão às suas frustrações, quer bancar o engraçadinho, então simplesmente temos de jogar essa crítica no lixo.

Mas voltando à questão da publicação. Regra básica: não tenham pressa em publicar. Esta advertência se justifica, por causa de nossa ansiedade. Queremos ver o nosso texto em letra de forma. Queremos ver o nosso nome na capa de um livro. Uma aspiração que, diga-se de passagem, é relativamente recente e coincide com o advento da modernidade, a época na qual se afirma a noção de autoria. No passado, textos importantes, como o Antigo Testamento,

eram basicamente apócrifos. Anônimas eram também as obras de arte que figuravam nas antigas igrejas europeias. Na modernidade a ideia de autoria consolida-se como forma de expressão pessoal – em seus ensaios, Montaigne (1533-1592) assume que vai falar de si mesmo – e de propriedade intelectual: nasce o direito autoral. O segredo passa a ser também a alma do negócio intelectual. Cientistas e artistas enclausuram-se em seus lugares de trabalho. Leonardo da Vinci (1452-1519) tem seus cadernos secretos, nos quais escreve de maneira críptica, da direita para a esquerda. Quando chega a hora de divulgar, a autoria é assumida, junto aos mecenas, que nesta época financiam boa parte dos artistas, e junto ao público.

Os relatos pessoais, que na Idade Média eram raros e falavam, sobretudo, de experiências espirituais, referem-se agora à experiência concreta de um indivíduo no mundo. Descrevem trajetórias pessoais, privilegiando, portanto, o papel do indivíduo. Não por coincidência um objeto cresce em importância no cotidiano das pessoas: o espelho. Espelhos já eram conhecidos desde a Antiguidade, mas em geral eram coisa para rico. No fim da Idade Média, e graças a mudanças na tecnologia, o espelho barateia e fica, com o individualismo que literalmente reflete, ao alcance de todos. Coincidência significativa: antes de inventar a imprensa, Johannes Gutenberg (1400-1468) confeccionava e vendia espelhos.

Mas antes dos livros há várias etapas. O jornal da escola, o jornal do bairro, o jornal da cidade, a revista, a obra coletiva. Agora: vale a pena pagar a publicação do próprio bolso? Lima Barreto, apesar de pobre, fez isto. Dalton Trevisan fez isto. Na estreia talvez se

justifique. Como coisa sistemática, não. Aí o autor tem de se perguntar por que ele precisa pagar para ser lido.

Uma boa alternativa é o concurso literário. Dá prestígio, dá dinheiro e às vezes dá a edição do livro. Prêmios literários têm revelado bons escritores. Na minha experiência como membro de júri, raramente um verdadeiro talento passa despercebido. Mas, por outro lado, é preciso não se iludir demais com prêmios, com destaques, com distinções. Acho ilustrativa uma experiência que tive neste sentido.

Aos dezoito anos, inscrevi-me num concurso de crônicas promovido pela *Folha da Tarde*, jornal de Porto Alegre. O tema era o Dia dos Pais. Tema difícil, aliás, para mim. Como muitos jovens, eu tinha uma relação ambivalente com meu pai. De um lado, admirava nele a energia, a tenacidade, a coragem com que enfrentava o cotidiano para sustentar a família. De outra parte, ficava ressentido com seu jeito brusco, não raro grosseiro. Meu pai estava longe de ser um homem refinado. Nunca o vi, por exemplo, lendo um livro. Mas, enfim, era meu pai; e eu tinha muitas coisas a lhe dizer. Foi o que fiz, sob a forma de uma carta – imitando, claro, a *Carta ao pai*, de Kafka. Aqui está.

Carta a meu pai

Meu querido pai: à hora em que te escrevo esta não estás longe de mim; pelo contrário, estás aqui, no quarto ao lado do meu, descansando para amanhã enfrentar mais um dia de trabalho. E se te escrevo é porque me lembrei que 14 de agosto é o Dia do Pai. O

que despertou em mim uma porção de sentimentos e de recordações.

Eu penso em ti, pai, agora, e analiso o que foste para mim durante este período, grande, de convivência. Quando criança, sempre tive de ti a impressão de um ser muito abstrato e quase estranho. Talvez porque passastes ausente a maior parte do dia, ocupado com teus afazeres; era à mãe que eu dirigia a maior parte do afeto filial. E também porque punias minhas travessuras (demasiado rigorosamente, talvez), eu me distanciei de ti.

Lembro-me, entretanto, dos presentes que me trazias e das brincadeiras que fazias comigo; e essa mescla confusa de castigo e ternura não me ajuda a fazer um julgamento sobre ti.

Os anos que passaram, pai, modificaram-te muito, e a mim também. Eu os lamento pelos cabelos brancos que te trouxeram e lhes agradeço pela compreensão que amadureceu dentro de mim. Sim, pai, quando meus olhos se abriram para o mundo e para as pessoas, aprendi a te identificar com os pais que via a meu redor. A te considerar como uma parte desta humanidade cheia de erros e de virtudes.

Graças a Deus, meu pai. Porque das desavenças que tivemos, quase que de homem para homem, dos conselhos que inúmeras vezes me deste, das ocasiões em que te amei e odiei, das vezes em que me animaste a prosseguir na dura carreira que escolhi, restou em mim uma coisa: uma estima profunda pelo ser humano que, apesar de seus defeitos, sente nos filhos a continuação de sua própria vida e que é capaz dos maiores sacrifícios por eles.

Foi preciso que eu te compreendesse como homem para que te

amasse como pai.

Genial ideia esta, a de dedicar um dia aos pais. Não é feriado nacional nem religioso. Mas é o teu dia. E assim como a Terra, em determinadas épocas, se aproxima mais do Sol, eu estarei mais perto de ti nesta data. Pensando em ti e nos milhões de pais por este mundo afora: bons, maus, chatos, camaradas, avarentos, engraçados, compreensivos; pais que nos põem a trabalhar com doze anos, ou nos dão os livros para a universidade; pais que abandonam os filhos ou estão sempre ao lado deles – vocês todos, pais, estarão em meu pai. Neste dia, pai, desejarei com maior fervor que haja compreensão entre nós e vocês; que o objetivo de vocês seja o nosso também; que haja uma estima maior de parte a parte. E hei de lembrar-me que, afinal de contas, metade da vida quem me deu foste tu.

O sono vem vindo, pai, e quero despedir-me de ti. Por favor, não estranhes esta carta: é o meu presente. Do teu filho, Moacyr Scliar.

(Copiei esta crônica da página do jornal *Folha da Tarde*, de 16 de agosto de 1955. É uma página curiosa. Acima do texto está uma crônica de Carlos Drummond de Andrade em que o fictício personagem João Brandão fala sobre os problemas da telefonia brasileira. Há também um editorial, *Voto: direito e dever*, que, abordando o assunto das eleições, lamenta: “A tal ponto chegou a fuga dos eleitores às urnas que se impôs o estabelecimento de medidas punitivas para os faltosos”. Ainda a propósito do Dia dos Pais, haveria “entrega de prêmios aos chefes das mais numerosas famílias porto-alegrenses” – planejamento familiar era coisa da qual

não se falava.)

A carta de Kafka ao pai só foi publicada depois da morte do escritor. Pelo menos tive mais sorte; meu texto, um tanto pomposo, apareceu poucos dias depois, no jornal, e mais: dava direito a um prêmio.

Fui até o jornal e, das mãos do chefe de redação, recebi o prêmio: um envelope fechado. Eu não sabia o que continha; isto não fora anunciado. Já na rua, abri, ansioso, o tal envelope. O que haveria ali? Um cheque? Uma passagem de avião?

Não. Nem cheque, nem passagem de avião. O envelope continha um papelzinho que dizia: "Vale um par de sapatos". O que fazia sentido: o concurso tinha sido promovido por uma sapataria, cujo nome e endereço figuravam no papel.

Dirigi-me até lá. Antes de entrar, escolhi na vitrina os sapatos que queria: eram, creio, de crocodilo (pobre réptil; fora abatido por algum caçador furtivo para que um aprendiz de escritor ganhasse seu prêmio).

Entrei, já me apresentando ao dono da loja como o vencedor do concurso literário. Não se impressionou muito, perguntou-me o que eu queria. Desconcertado, eu disse que vinha buscar os sapatos que me cabiam pela premiação.

– Aqueles ali – apressei-me a acrescentar, apontando a vitrina. Ele foi lá, olhou o preço, e disse que não, que aqueles não eram os sapatos para prêmio de concursos literários.

– São estes aqui – acrescentou.

Mostrou um cesto com sapatos em oferta. Eram umas grotescas botinas, cuja sola era feita de pneu usado. Minha consternação foi

enorme; eu não podia acreditar que minha carreira literária terminaria ali, naquele cesto das botinas. Tão chateado eu estava, que o lojista, percebendo-o, teve pena de mim.

– Vamos fazer o seguinte – disse. – Tu pagas a diferença e podes levar os sapatos da vitrina.

Assim fiz, e me tornei o primeiro escritor brasileiro a pagar por um prêmio literário – e por aquela lição que o Eclesiastes sintetiza na frase famosa: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade”.

Voltando à difusão da literatura: adaptações (para o teatro, para o cinema, para a tevê) igualmente conferem visibilidade à obra. Mas é preciso lembrar: tela é tela, palco é palco, livro é livro. Jorge Amado, que teve numerosas obras adaptadas, costumava dizer que, quando cedia os direitos para adaptação, esquecia que era o autor – porque seguramente o filme, ou a novela, não é a mesma coisa que o escritor imaginou: trata-se de outra forma de expressão artística, com suas regras próprias.

Bem, mas lá pelas tantas o autor consegue publicar o livro. E aí? Isto significa que ele é um escritor profissional? Em primeiro lugar é preciso decidir se literatura é profissão. Questão difícil. Profissão é coisa codificada, não raro com diploma. Eu tenho diploma de médico, mas não tenho diploma de escritor. Sou escritor porque as pessoas me chamam de escritor. Mas quando preencho a ficha de inscrição nos hotéis, no lugar reservado à profissão escrevo *médico*. Sempre tenho a sensação de que, se puser ali *escritor*, o homem da portaria vai me olhar desconfiado: “Será que este cara vai pagar a conta, será que ele não vai saquear o frigobar e fugir?”. No Brasil, muito pouca gente vive de livro publicado. Existem best-sellers, e

autoajuda é disso um exemplo típico, mas aí estamos falando de fenômenos editoriais, não de literatura propriamente dita. Por outro lado, muita gente vive de escrever: para a imprensa, para a tevê, para o cinema. É raro o escritor que traduza sua atividade só em livros.

A pergunta é se realmente o escritor precisa se dedicar exclusivamente à literatura. Para muitos isto é um ideal a atingir, um sonho – que, como todos os sonhos, contém um elemento de ilusão. Conheço um escritor que era também bom jornalista, mas que queria viver só de sua ficção. Calculou quantos livros teria de vender para tanto e, quando chegou a esse patamar, deixou o jornalismo e foi para casa escrever. Meses depois encontrei-o e perguntei qual tinha sido o resultado da mudança. “Engordei vários quilos”, disse ele. Claro: homem ativo, acostumado ao corre-corre da redação, ele se angustiava com a nova situação de silêncio, de imobilidade. Resultado: ia para o refrigerador e comia. Um outro amigo tinha um problema semelhante: funcionário público, queixava-se da falta de tempo para a literatura. Finalmente aposentou-se e agora tinha, teoricamente, todo o tempo do mundo. Um dia lhe perguntei se estava escrevendo muito. – Não estou escrevendo nada – disse ele, para minha surpresa, e acrescentou:

– Por falta de tempo.

Falta de tempo? Como, se estava aposentado? – É que minha mulher me pede para ir ao supermercado – explicou. Intrigado, perguntei com que frequência ia ao supermercado. – Uma vez por semana – foi a resposta. E ele acreditava, ou tinha de acreditar, que esta era a razão pela qual supostamente lhe faltava tempo.

Falta de tempo não é problema. Kafka, funcionário de uma companhia de seguros, trabalhava todo o dia, escrevia à noite – e deixou uma obra de enorme transcendência. Num certo sentido, a falta de tempo dá ao escritor um sentimento de urgência que acaba servindo de estímulo; não muito agradável, mas estímulo de qualquer maneira. Particularmente, e por causa de minha atividade médica, aprendi a escrever nos momentos de folga, à noite, nos fins de semana, nas viagens (neste sentido, o laptop foi uma grande invenção). Às vezes, numa lanchonete, esperando pelo sanduíche, eu pegava um guardanapo e escrevia umas linhas. Aprendi a me organizar, aprendi a trabalhar num clima meio maníaco (acho melhor do que num clima depressivo).

Conclusão: é difícil, se não impossível, correlacionar a maneira pela qual o escritor escreve com a obra que ele produz. Por isso, quando um jovem aspirante a escritor me diz que quer deixar tudo o que está fazendo para se dedicar exclusivamente à literatura, eu recomendo que pense muito bem antes de tomar esta decisão.

Com tempo ou sem tempo, muitos escritores escrevem e iniciam aquilo que se chama uma carreira literária. O que, de novo, é algo difícil de definir. Uma carreira universitária tem etapas: especialização, mestrado, doutorado. Um professor também vai galgando vários postos. Mas não é possível balizar uma trajetória literária desta maneira. Outros critérios? Há escritores que ganham prêmios e outros que, igualmente importantes, não ganham prêmios. Há escritores muito traduzidos e outros desconhecidos no exterior. Há obras que vendem muito e outras que não vendem nada. Há escritores de escassa produção e outros que têm vasta

obra.

Este último ponto é particularmente ilustrativo. Em literatura, a quantidade não importa. *Dom Quixote* seria mais que suficiente para imortalizar Cervantes (1547-1616); o mesmo se pode dizer do *Ulisses* de James Joyce (1882-1941). O mexicano Juan Rulfo (1918-1986), um dos escritores mais importantes da América Latina, publicou apenas dois livros. Não escrever, às vezes, é uma decisão consciente; outras vezes resulta do chamado bloqueio do escritor, em geral causado por problemas emocionais. Um exemplo conhecido é o do norte-americano Henry Roth (1906-1995). Seu livro, *Call It Sleep [Chame-o sono]*, uma novela que reflete o período da Depressão nos Estados Unidos, fez enorme sucesso. Mas depois disso Roth abandonou a literatura, trabalhando até como bombeiro. Só voltou a escrever romances aos 73 anos, 45 anos depois do seu único livro. Por outro lado, Balzac (1799-1850) tinha uma enorme obra, Júlio Verne (1828-1905) publicou um livro por ano durante quatro décadas, e a escritora inglesa Enid Blyton (1897-1968) é autora de setecentas obras infantis. Aplicado a escritores, "prolífico" não é necessariamente um adjetivo elogioso; ao contrário. Muitas pessoas estranham ao ver que o autor está publicando de novo. Mais um livro, para engrossar este caudal que não para nunca? "De muitos livros não há fim", suspira o já mencionado Eclesiastes bíblico. Mais contundente foi a reação do Duque de Gloucester (1743-1805) quando o historiador Edward Gibbon (1737-1794) levou-lhe o segundo volume do monumental *O declínio e a queda do Império Romano*: "Another damned, thick, square book! Always scribble, scribble, scribble! Eh! Mr. Gibbon?" ["Outro maldito, grosso,

quadrado livro! Sempre escrevinhando, escrevinhando! Não é, Mr. Gibbon?"].

Falando em maldito, grosso, quadrado livro, estou chegando ao fim, com a sensação de que alguém espia por sobre meu ombro. Não preciso me virar para saber que estão, sim, espiando por cima de meu ombro. É o sonho de todo escritor: ter atrás de si pessoas que espiam sobre seu ombro para ver o que ele está escrevendo. Não precisam aplaudir, não precisam dizer nada, não precisam sequer existir na realidade; sua existência virtual, metafórica, é mais que suficiente.

Ali estão eles, então, os leitores que guarnecem a minha retaguarda emocional. Ali está um menino de olhar límpido, usando um grosso casaco. Ali está um jovem de basta cabeleira e grandes olhos azuis: o Moacyr Scliar. Ali está Sara Scliar, a professora, com um livro na mão. Ali está José Scliar. Ali estão os meus professores. Ali estão o Saci-Pererê, o Negrinho do Pastoreio, a Cuca, Hércules, Teseu, os Argonautas, Mickey Mouse, Tarzan, os Macabeus, os piratas, Emília, João Felpudo, Huck Finn. Todos olham, em silêncio. Olham por cima do ombro desse senhor, um pouco calvo, que, dizem, é autor de vários livros, mas que neste momento é apenas o escritorzinho do bairro do Bom Fim contando sua história com a esperança de que as pessoas a acolham com um pouco de simpatia.

Para isto servem as palavras, para estabelecer laços entre pessoas – e para criar beleza. Pelo que a elas devemos ser eternamente gratos.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Este livro foi publicado em 2007, pela Editora Bertrand Brasil, com o título *O texto, ou: A vida – Uma trajetória literária*

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Ilustração: iStock

Revisão: Jó Saldanha e Lia Cremonese

Cip-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de livros, RJ

S434a

Scliar, Moacyr, 1937-2011

Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida / Moacyr Scliar. – 1. ed. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2017.

ISBN 978-85-254-3714-3

1. Scliar, Moacyr, 1937-2011. 2. Escritores brasileiros - Biografia. 3. Autobiografia. I. Título.

17-44504 CDD: 928.699

CDU: 929:821.134.3(81)

© 2017, herdeiros by Moacyr Scliar

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)